

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara

**BAIRROS RURAIS DE ANHUMAS-SP: ESPAÇO, HISTÓRIA E  
ORGANIZAÇÃO**

**ALECIO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**ARARAQUARA-SP**

**2006**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara

**BAIRROS RURAIS DE ANHUMAS-SP: ESPAÇO, HISTÓRIA E  
ORGANIZAÇÃO**

ALECIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Mariza Henriques de Miranda Costa

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Sociologia para obtenção do  
título de Doutor em Sociologia.

ARARAQUARA

2006

Oliveira, Alecio Rodrigues

Bairros rurais de Anhumas-SP: espaço, história e organização / Alecio Rodrigues Oliveira. – 2006

210 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual

Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Orientador: Vera Mariza Henriques de Miranda Costa

1. Sociologia rural. 2. Anhumas, SP – estudo sociológico.  
3. Agricultura familiar. I. Título.

## COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Vera Mariza Henriques de Miranda Costa (Orientadora)

Profª Drª Sônia Maria Pessoa Pereira Bergamasco

Prof. Dr. Márcio Antonio Teixeira

Profª Drª Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante

Profª Drª Maria Teresa Miceli Kerbauy

Araraquara, 10 de Abril de 2006.

Resultado: Aprovado

## Dedicatória

*À Deus, que me concedeu a vida e a  
oportunidade de concluir este trabalho;*

*Aos meus pais, Gesuino e Maria Helena, pelo  
apoio e incentivo que sempre me deram;*

*À Vania, pela companhia no final desta caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho foi possível graças à colaboração direta e indireta de várias pessoas, que em momentos diversos contribuíram para a sua concretização. Dessa forma, manifesto os sinceros agradecimentos de forma especial a algumas pessoas.

à Profa. Dra. **Vera Mariza Henriques de Miranda Costa**, pela receptividade na cidade de Araraquara, desde o início do curso de doutorado na FCL, e também pela paciência, carinho, confiança, dedicação e incentivo demonstrados durante a orientação, sobretudo nos momentos mais difíceis de conclusão do trabalho;

à Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, pelas valiosas contribuições e sugestões, durante a realização do exame de qualificação; e também pelo carinho, amizade e incentivo demonstrados durante os 4 anos de convivência em congressos, seminários, simpósios e atividades fora do ambiente acadêmico;

à Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy, pelas contribuições e sugestões durante o exame de qualificação, pelos debates propiciados em disciplinas, grupos temáticos, congressos e, sobretudo pelo exemplo de professora/pesquisadora que representa para a Pós-Graduação em Sociologia da FCL/UNESP de Araraquara;

à Profa. Dra. Rosângela Aparecida de Medeiros Hespanhol, do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente, pelo incentivo e apoio durante a elaboração do projeto de pesquisa, no decorrer deste trabalho e na etapa final;

à Profa. Dra. Marília Coelho, do Departamento de Planejamento da FCT da UNESP de Presidente Prudente, pelo apoio e incentivo do desafio em conhecer os caminhos da sociologia, durante a conclusão do mestrado.

ao Prof. Dr. Antonio Nivaldo Hespanhol, do Departamento de Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, pela amizade e apoio durante a execução deste trabalho,

às funcionárias da Seção de Pós-Graduação em Sociologia da FCL/UNESP pelo pronto atendimento das solicitações efetuadas: Rita Benatti Torres, Maria Clara Bombarda Brito, Flávia Sousa de Jesus, em especial à Cristiana Gobato Lopes Castro e a Fernanda Cristina Soares Outeiro;

aos funcionários da biblioteca da FCL, em especial ao José Luiz, pela cordialidade em atender as solicitações durante as pesquisas em acervo e também na rede eletrônica;

aos funcionários do pólo computacional da FCL pelo apoio durante a utilização dos microcomputadores deste setor: Valmir, Márcia, Raquel e Sandra;

aos funcionários do Setor de Finanças da FCL, Mônica de Campos Borges e Aluizio Monteiro Junior pela orientação e cordialidade nos assuntos referentes à participação em congressos e reuniões científicas;

aos funcionários da Casa da Agricultura de Anhumas pela atenção e cordialidade em atender as nossas dúvidas e orientar a localização das propriedades pesquisadas, em especial ao Aparecido Rabelo.

à Flora Hideko Sato, desenhista da FCT/UNESP de Presidente Prudente, pela presteza, dedicação e gentileza na elaboração da parte cartográfica e ao Prof. Dr. Marcos Alegre pelas sugestões nessa elaboração;

ao Marcos Paladini, amigo e companheiro pela acolhida em Araraquara em 2002, e também pelas experiências de vida e convivência ao longo dos últimos anos;

aos amigos de longa data: Lauren, Bia Grempele, Valdice, Darsio, Jailto, Luciene, Daniele, Robson, Denise Bomtempo, Aroeira, Eliane Mazzini, Iracema, Luis Carlos e Maria Lúcia, Rogério, Inês e João;

aos amigos e colegas da FCL da graduação e pós-graduação: Ana Cláudia Borges, Luiz Manoel, Susete, Bia, Rivalino, Marivaldo, Romildo, Valquíria, Rubinho, Carlos, Mary, Silvia, Zezé, Sônia, Elias, Sandra Mara, Ezalmone, Carol Falvo, Tatiana, Manoel, Daniel Ângelo, Zé Carlos, Vítor;

aos meus irmãos Alecy, Alice, Adriano e Aldecir, às minhas cunhadas Adriana e Sirlei, ao primo Alseno pelo apoio, incentivo e carinho, sobretudo pela resolução de problemas que a distância me impedia de resolver pessoalmente;

à Maria Cristina Negrini, funcionária da Assessoria Administrativa da Direção da FCL, pela cordialidade no período que trabalhou na Seção de Pós-Graduação em Sociologia e pela amizade que mantém;

aos amigos e vizinhos do convívio diário Sr. Bento e D. Cecília, João e Bia Lopes, Fernando, André e Graziela, Carol e Ricardo, Cheba e Ângela, Penedo, Paulo, Luiz, D. Nice, Inês, Bartolomeu, Alessandra, Ágata e Jack, Letícia, Emanuel, Marivaldo, Luizinho, Júnior, Zé Ailton, Rogério Guilherme, Cilene, Daniel Pagoto, Ana Cláudia Vieira, Paulo e Eliene, Benedito e Maria Helena, Ana e Celsão, Álvaro e Rose, Samuel, Larissa, Jorginho, Dulce e Mário, Cristina, Tunão, Sr. Jesus pela amizade cultivada em Araraquara;

ao CNPq, pela concessão do auxílio financeiro;

e às famílias pesquisadas, que “abriram” seu espaço de convívio para o entendimento do campo investigado, em especial aos Srs. Antonio Colnago e Querino Marafon, *in memoriam*, que infelizmente não puderam esperar pela conclusão deste trabalho.

## SUMÁRIO

	Página
Lista Abreviaturas e Siglas .....	xii
Lista de Tabelas .....	xiii
Lista de Gráficos .....	xiv
Lista de Figuras .....	xv
Lista de Fotos .....	xv
Resumo .....	Xvi
Abstract .....	xvii
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	07
2. FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE ANHUMAS NO CONTEXTO REGIONAL.....	18
2.1. A Região da Alta Sorocabana.....	20
2.2. Formação e Evolução do Município de Anhumas.....	30
2.3. A Evolução da Estrutura Fundiária de Anhumas.....	37
3. O MUNICÍPIO DE ANHUMAS E SEUS BAIRROS RURAIS: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	45
3.1. Origem, Formação e Evolução dos Bairros Rurais de Anhumas.....	45
3.1.1. A constituição do Bairro Rural Palmitalzinho.....	45
3.1.2. A formação do Bairro Noite Negra.....	50
3.1.3. A história da formação do Bairro Rural Cavado.....	55
3.1.4. Um pouco da historia de Vila Maria.....	58
3.1.5. Origem e evolução de Paineiras.....	63

3.2.	Aspectos Comuns e Específicos na História dos Bairros e na Memória dos seus Habitantes.....	66
4.	BAIRROS RURAIS DE ANHUMAS: ESPAÇO, ATIVIDADES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO.....	70
4.1.	Espaço Físico do Meio Rural de Anhumas .....	71
4.2.	O perfil dos produtores.....	77
4.3.	Principais características das propriedades.....	84
4.4.	Estrutura e organização das atividades produtivas.....	89
4.4.1.	Força de trabalho utilizada.....	98
4.4.2.	Recursos tecnológicos, equipamentos e insumos.....	100
4.4.3.	Fonte e nível de renda.....	121
4.4.4.	Formas de articulação e manifestações culturais nos bairros rurais de Anhumas .....	125
4.4.5.	O associativismo como forma de articulação das atividades produtivas.....	131
4.4.5.1.	A Associação de Produtores Rurais de Palmitalzinho.....	132
4.4.5.2.	A Cooperativa de Costureiras de Noite Negra.....	134
4.4.6.	Os novos empreendimentos iniciados no meio rural .....	136
4.5.	Aspectos comuns e distintos nos Bairros Rurais de Anhumas.....	137
5.	BAIRROS RURAIS, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE: CONCEITOS E APLICAÇÕES.....	140
5.1.	Bairros rurais: conceitos e aplicações.....	140
5.2.	A agricultura familiar nos bairros rurais.....	159
5.3.	A pluriatividade nos bairros rurais.....	165
5.4.	Diferentes formas de sociabilidade nos bairros rurais.....	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178

BIBLIOGRAFIA.....	186
Referências Bibliográficas.....	186
Bibliografia consulta.....	188
Apêndice I (Formulário aplicado na pesquisa de campo).....	190
Apêndice II (Tabelas resultantes da pesquisa de campo) .....	200
Apêndice III (Aspectos da Cronologia da Região).....	207

## LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

CAMDA – Cooperativa Agrícola Mista de Adamantina

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FCL – Faculdade de Ciências e Letras

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia

FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SAA/SP – Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

## LISTA DE TABELAS

	Página
2.1 Evolução do número de estabelecimentos e de sua participação por estrato de área em ha (1960-1996) .....	39
2.2a Evolução da área ocupada pelos estabelecimentos distribuídos por estrato de área em ha (1960-1996) .....	39
2.2b Evolução da participação da área ocupada pelos estabelecimentos distribuídos por estrato de área em ha .....	40
2.3 Evolução do número de imóveis rurais e de sua participação por estrato de área em ha (1999-2002) .....	42
2.4 Evolução (em valores absolutos e participação) da área ocupada pelos imóveis rurais registrados distribuídos por estrato de área em ha (1999-2002) .....	42
4.1 Perfil dos Entrevistados por bairro distribuídos por escolaridade e Sexo (%) .....	78
4.2 Escolaridade e sexo e dos moradores por bairros (%) .....	81
4.3 Distribuição dos entrevistados por tempo de residência no Município de Anhumas (%) .....	82
4.4 Distribuição dos entrevistados por tempo de residência na localidade (%) .	83
4.5 Freqüência de moradias por propriedade rural (%) .....	86
4.6 Tipo de moradia .....	87
4.7 Freqüência de cômodos por moradias .....	87
4.8 Infra-estrutura das moradias .....	88
4.9 Produção agrícola dos bairros rurais pesquisados em Anhumas .....	90
4.10 Trabalho assalariado permanente e temporário .....	99
4.11 Incidência de máquinas e equipamentos nas propriedades .....	100
4.12 Incidência da utilização de fertilizantes – de base e de cobertura – nas propriedades (%) .....	108
4.13 Incidência da utilização de calcário e adubo orgânico nos bairros rurais (%) .....	110
4.14 Financiamento das atividades agropecuárias (%) .....	116
4.15 Atividades não-agrícolas desenvolvidas pelas famílias (%) .....	121

## LISTA DE GRÁFICOS

		Página
4.1	Idade do entrevistado e condição .....	80
4.2	Tamanho médio das propriedades pesquisadas em hectares .....	85
4.3	Meios de deslocamento utilizados .....	89
4.4	Produção leiteira mensal .....	93
4.5	Disponibilidade de lugares para o armazenamento da produção agrícola	97
4.6	Força de trabalho familiar .....	98
4.7a	Culturas irrigadas nas propriedades pesquisadas dos bairros que utilizam irrigação .....	104
4.7b	Tipo de irrigação utilizada nas propriedades pesquisadas dos bairros que utilizam irrigação .....	105
4.7c	Procedência da água utilizada na irrigação das propriedades dos bairros que a utilizam .....	106
4.7d	Fontes de energia utilizadas na irrigação .....	107
4.8	Culturas que recebem a aplicação de agrotóxicos .....	112
4.9	Destino dos vasilhames de agrotóxicos .....	113
4.10	Formas de manejo do solo nas propriedades pesquisadas .....	114
4.11	Procedência do financiamento utilizado .....	116
4.12a	Procedência da assistência técnica .....	118
4.12b	Frequência de visita dos técnicos às propriedades rurais .....	119
4.13	Os diferentes tipos de rendas dos produtores pesquisados .....	123
4.14	Nível de renda das famílias pesquisadas .....	124
4.15	Formas de participação nas festas realizadas nos bairros .....	126
4.16	Principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das atividades agropecuárias .....	129

## LISTA DE FIGURAS

		Página
1	Localização da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente .....	19
2	Localização do Município de Anhumas na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente .....	31
3	Localização dos Bairros Rurais pesquisados em Anhumas – 2006 .....	72

## LISTA DE FOTOS

		Página
1	Primeira Capela do Bairro Palmitalzinho .....	47
2	Capela Nossa Senhora Aparecida do Bairro Vila Maria .....	60
3	Festa da Padroeira do Bairro Vila Maria .....	61
4	Tanque Resfriador de Leite – Bairro Palmitalzinho .....	95

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar a configuração e a dinâmica de cinco bairros rurais presentes em Anhumas-SP, por meio da análise: por um lado, do processo evolutivo deles; por outro, das estratégias, das manifestações culturais, das formas de organização social e econômica praticadas pelas famílias que aí residem. Para tanto, foram levantadas informações de caráter quantitativo e qualitativo, as quais foram analisadas e confrontadas, tomando-se por referência literatura específica sobre bairros rurais e sobre atividades e práticas que se desenvolvem nesses espaços, com destaque para a agricultura familiar e a pluriatividade. As diferentes formas de organização desses moradores, na atualidade, preservam, ao interior desses espaços, manifestações do passado e do presente, demonstrando os diferentes arranjos que essas famílias vêm adotando, garantindo diversas de suas características básicas. Para a consecução dos objetivos do trabalho foram realizados: o resgate histórico do processo de formação do município de Anhumas, no contexto regional; o levantamento da história, da memória e das atividades sócio-econômicas dos bairros. A discussão das características dos bairros rurais e suas estratégias de sobrevivência e de preservação de valores, apoiadas nas práticas da agricultura familiar e da pluriatividade, permitiu a apreensão de um padrão de sobrevivência e de configuração do espaço diferenciados, ao interior dos bairros estudados e, sobretudo, em relação à região em que se situam.

**Palavras-chave:** Bairros rurais, agricultura familiar, pluriatividade, estratégias de reprodução, formas de organização, Anhumas-SP.

## Abstract

The present work has for objective to present and to analyze the configuration and the dynamics of five present rural neighborhoods in Anhumas-SP, by means of the analysis: on one side, of their evolutionary process; for other, of the strategies, of the cultural manifestations, in the ways of social and economic organization practiced by the families that there reside. For so much, were lifted up information of quantitative and qualitative character, which were analyzed and confronted, being taken by reference specific literature on rural neighborhoods and on activities and practices that are developed in those spaces, with prominence for the family agriculture and the pluriactivity. The different forms of those inhabitants' organization, at the present time, preserve, inside of those spaces, manifestations of the past and of the present, demonstrating the different arrangements that those families are adopting, guaranteeing several of its basic characteristics. To achieve the objectives of the work were accomplished: the historical recovery of Anhumas' process of formation, in the regional context; the rising of neighborhoods' history, memory and socioeconomic activities. The discussion of rural neighborhoods' characteristics and its survival strategies and values' preservation, supported in the practices of the family agriculture and of the pluriactivity, allowed the apprehension of a survival standard and of space configuration differentiated, to the interior of the studied neighborhoods and, above all, in relation to the area in they are locate.

**Key words:** Rural neighborhoods, family agriculture, pluriactivity, reproduction strategies, organization forms, Anhumas-SP.

## APRESENTAÇÃO

A atividade científica representa um desafio que vai além da experimentação/observação ou do raciocínio. Os experimentos e a observação confirmam ou refutam as hipóteses inicialmente formuladas.

De acordo com BACHELARD, (1968):

Qualquer que seja o ponto de partida da atividade científica, esta atividade não pode convencer plenamente senão deixando o domínio de base: *se ela experimenta, é preciso raciocinar; se ela raciocina, é preciso experimentar.* (BACHELARD, 1968, p. 12-13).

O mundo científico é representado pela verificação. Estando acima do sujeito, além do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o objeto. No pensamento científico, a meditação sobre o objeto pelo sujeito toma sempre a forma do projeto.

O campo científico ainda apresenta outros problemas além das questões de ordem teórica e prática. É o lugar/espço de uma luta onde a concorrência está presente a todo o momento. Esta luta se faz em torno do monopólio da autoridade científica, definida como capacidade técnica e poder social, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (de maneira autorizada e com autoridade).

Nessa perspectiva serão apresentados os elementos que levaram a determinar a origem e a trajetória do investigador, que influenciaram a pesquisa, que deu suporte a esta tese.

Para identificar os elementos determinantes deste trabalho é necessário lembrar a infância de um garoto que viveu numa propriedade na zona rural do município de Anhumas, região sudoeste do Estado de São Paulo e que, na medida em que dispôs de condições, em seu processo de formação, de refletir sobre essa realidade vivenciada em momento anterior, teve interesse em investigar, criticamente, essa realidade.

Durante sua infância, esse menino brincou pelos arredores de sua casa, em rios e pomares, juntamente com irmãos e colegas vizinhos. No dia-a-dia, a rotina era permeada por brincadeiras e tarefas exercidas pelas crianças residentes na zona rural. Desde os tempos de criança estavam definidas as responsabilidades dentro do grupo familiar e evidenciadas as dificuldades representadas pelo trabalho árduo que compõe o meio rural.

Filho de um casal de parceiros, presenciou, na propriedade onde morava, inúmeras mudanças nas formas de uso da terra e no local onde morava. Ao longo do tempo, viu sua família buscar diferentes formas de organização social e econômica para fugir da expropriação e das dificuldades do setor agrícola. Ao mesmo tempo observou várias pequenas propriedades serem “engolidas” pelo latifúndio, bem como famílias de colegas vizinhos migrarem para a sede do município ou para outros centros urbanos. Residindo distante da cidade de Anhumas, três quilômetros, cursou o ensino fundamental e médio no colégio estadual do município, momento em que conviveu com colegas de escola que residiam tanto na área urbana quanto na rural do município. Entre os colegas sempre despertou sua atenção as diferentes formas de comportamento apresentadas por aqueles que residiam na zona rural, embora todas as crianças fossem provenientes do meio rural.

Entre as/os alunas/os, vindos da zona rural era perfeitamente notável que, dependendo do bairro rural procedente, essas crianças demonstravam uma maior solidariedade entre elas, um sentimento de pertencimento ao mesmo grupo, algo muito próximo a uma grande família, fato que ocorria com relativa frequência. Por outro lado, entre os alunos procedentes de outros bairros, no mesmo município, as relações se davam de modo mais distante, predominando relações de caráter individualista.

O tempo passou e, ao concluir o ensino médio, ficaram as dúvidas referentes às razões da forte união existente entre os moradores de Palmitalzinho e Noite Negra. Em contrapartida, era notável a pouca articulação existente entre os moradores das localidades de Cavado, Vila

Maria e Paineiras, embora estivessem em um mesmo município e fizessem parte do cenário rural.

A vida dos alunos que concluíram o ensino médio, na Escola Estadual Coronel Francisco Whitacker, no ano de 1992, tomou rumos diferentes e eu fui um deles. Ingressei no curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, no ano seguinte. Embora continuasse residindo em Anhumas, agora na área urbana, passava a maior parte do tempo envolvido com o curso de graduação e com a pesquisa de Iniciação Científica, já nos primeiros anos da vida universitária.

O envolvimento com assuntos ligados aos conflitos agrários brasileiros, durante a pesquisa com iniciação científica, levou ao aprofundamento de leituras ligadas diretamente aos conflitos de disputa por terras da região do Pontal do Paranapanema, extremo oeste do Estado de São Paulo. Durante o período de quatro anos de graduação foram realizadas várias visitas a projetos de assentamentos e reassentamentos no Pontal, sendo realizada uma pesquisa de levantamento censitário em um projeto de assentamento, no município de Euclides da Cunha Paulista<sup>1</sup>. Do contato com os moradores do Assentamento Gleba Tucano, originou-se o projeto de mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, em 1998.

A partir do projeto, foi realizada uma pesquisa, onde foram analisados os diferentes caminhos trilhados pelos ex-acampados, que estavam assentados na Gleba Tucano e foi feita uma caracterização da estrutura interna do assentamento, identificando as diferentes formas de organização social, os obstáculos enfrentados, as conquistas e as perspectivas futuras

---

<sup>1</sup> Participei do Projeto de Pesquisa Multidisciplinar desenvolvido por docentes e pesquisadores de vários campus da UNESP, intitulado: Avaliação e Análise dos Projetos de Reforma Agrária e Assentamentos no Estado de São Paulo, desenvolvido sob coordenação de Sonia Maria P. P. Bergamasco e Vera Lúcia S.Botta Ferrante, 1988 - 1993.

desses agricultores familiares<sup>2</sup>, inseridos num universo onde a expropriação e a violência no campo estão presentes há mais de um século.

Os resultados dessa pesquisa demonstraram que embora os pequenos agricultores - parceiros, meeiros, arrendatários - sejam expropriados do campo, uma grande maioria busca o retorno ao cultivo da terra, ainda que seja na condição de pequeno produtor, enfrentando todas as dificuldades a que estão sujeitos, sobretudo no mercado.

Após a conclusão do mestrado, em maio de 2001, o ingresso no mercado de trabalho ocorreu no município de Presidente Epitácio, onde lecionava em um curso técnico, voltado à área ambiental. Os alunos desenvolviam atividades profissionais, tais como de técnico em segurança no trabalho, em construtoras, como analista ambiental de órgãos fiscalizadores do Governo Federal. Durante a frequência às aulas, esses sujeitos apresentavam fatos do cotidiano que demonstravam as contradições da sociedade e as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos, tanto no meio urbano quanto no rural.

Nesse período, o contato com alunos que residiam em diferentes lugares da região, alguns do vizinho Estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que Presidente Epitácio é município limite de estado, levou à retomada do desejo de continuar pesquisando questões ligadas ao meio rural, agora no doutorado. Por outro lado, a vontade de conhecer, com maior profundidade, a gênese e as transformações desses processos sociais complexos, estimulou a elaboração do projeto do doutorado a ser desenvolvido na área de Sociologia. O momento vivido levou à busca do resgate dos elementos que há alguns anos haviam despertado a curiosidade e o interesse do investigador, mas que nunca ele havia pesquisado.

Ao analisar informações contidas no cadastro do INCRA, sobre Anhumas, notou-se que a grande propriedade ocupava uma área cada vez maior da zona rural. Conhecendo o contexto do município era possível fazer algumas considerações.

---

<sup>2</sup> Apesar das divergências teórico-metodológicas, as análises desenvolvidas nos últimos anos entendem, em termos gerais, que a agricultura familiar é aquela realizada em unidades produtivas nas quais o trabalho, a terra e a família encontram-se intimamente vinculados. (Hespanhol, 2002).

As propriedades familiares ocupavam cada vez menor espaço, estando em maior número nos bairros rurais Palmitalzinho e Noite Negra, coincidentemente os dois locais onde há alguns anos fora possível observar uma intensa articulação entre os moradores.

Valendo-se das informações contidas no Censo Demográfico do IBGE, foi possível observar a redução da população do município, provavelmente migrando para outras localidades, bem como a elevação gradual da taxa de urbanização. A partir daí foi elaborado e apresentado o projeto de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara.

Esse projeto deu origem ao presente trabalho, voltado à apreensão das diferentes formas de organização social e econômica empreendidas pelos moradores dos bairros Palmitalzinho, Noite Negra, Cavado, Vila Maria e Paineiras, bem como os elementos culturais, religiosos e ideológicos que compõem o espaço rural de Anhumas.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa foram transpostas etapas que devem ser mencionadas.

O conhecimento prévio da região pesquisada e o envolvimento direto com o objeto de estudo, em alguns momentos, representaram obstáculos para a percepção dos elementos presentes no cenário sob investigação. Nesse contexto, algumas conclusões preliminares foram repensadas sobretudo a partir da realização do exame de qualificação.

Entre os obstáculos encontrados durante o início da realização da pesquisa estava o entendimento de que os principais elementos responsáveis pela organização dos bairros rurais de Anhumas poderiam ser explicados pelo “capital social” e pela “sociabilidade”, presentes em dois dos bairros – Palmitalzinho e Noite Negra -, e com baixo significado nos demais - Cavado, Vila Maria e Paineiras. Contudo, após as discussões durante o exame de qualificação, conclui-se que os diferentes níveis de articulação existente nas localidades investigadas eram conseqüência do parentesco, do compadrio e da intensa religiosidade praticada nos bairros

rurais Palmitalzinho e Noite Negra, elementos pouco significativos em Cavado, Vila Maria e Paineiras.

Nessa perspectiva passou-se a considerar os bairros rurais de Anhumas como espaços que dispunham de diferentes formas de organização, que dependiam de fatores religiosos, parentesco, compadrio e conhecimento prévio dos sujeitos, para determinar os índices de articulação existentes entre os moradores e as instituições presentes nessa esfera rural.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal caracterizar, analisar e explicar a dinâmica das diferentes formas de organização social e econômica dos bairros rurais Palmitalzinho, Noite Negra, Vila Maria, Cavado e Paineiras, no município de Anhumas, região Sudoeste do Estado de São Paulo, colocando em evidência as razões das especificidades desse tipo de aglomeração, em sua dinâmica e em suas relações socioeconômicas, internas e externas.

Para o desenvolvimento do trabalho foi analisada literatura sobre bairro rural, no sentido de precisar conceitos e apreender a dinâmica e as especificidades dessa forma de organização.

O termo bairro rural é utilizado no presente trabalho para designar aglomerado de residências no espaço rural que, no entanto, dispõe de elementos com distribuição espacial característica do meio urbano: praça, Igreja, comércio, etc.. Esse termo tem sido empregado na caracterização desse tipo de conformação encontrada no interior do Estado de São Paulo e na Região Sul de Minas Gerais. Em outros estados e regiões do Brasil, são utilizados outros conceitos, dentre os quais: comunidade, patrimônio, linha, etc.. Por se tratar de uma realidade paulista, optou-se por utilizar o termo bairro rural.

O conceito, da forma como se encontra aplicado neste trabalho, foi construído por Candido (2003<sup>3</sup>) e por Queiroz (1973<sup>4</sup>), e aplicado, com especificações, por Coelho (1991) e Bombardi (2004), principais autores utilizados.

De Candido (2003), além do conceito de bairro rural, foi utilizada a caracterização, dentre outros: a) de sua forma de organização, definida a partir de manifestações de solidariedade, de sentimentos de pertencer, de laços de parentesco e amizade; b) dos elementos que lhe conferem unidade - com destaque para as festas religiosas; c) das

---

<sup>3</sup> Embora a edição da obra utilizada neste texto seja de 2003, a primeira edição foi impressa em 1964.

<sup>4</sup> A primeira edição desta obra foi impressa em 1967.

concepções vinculadas à sua história; d) das relações do homem, em seu ajuste com o meio físico, gerando especificidades na incorporação e utilização do espaço, concretizadas nas condições da infra-estrutura, de localização das habitações e de alimentação da população.

De Queiroz (1973), foi incorporada a caracterização dos elementos que marcam a conformação do bairro rural – alguns deles também analisados por Candido. Foi dado destaque para elementos, tais como: a) a estruturação interna e a delimitação da configuração do bairro, marcada pela capela como núcleo central; b) a composição interna e as relações com o meio social circundante; c) ao significado das festas religiosas e do mutirão, do ponto de vista interno, e da incidência de reuniões no que diz respeito a decisões relativas às atividades externas; d) ao peso das relações sociais das atividades econômicas na configuração, evolução e diferenciação dos bairros rurais. Queiroz chama ainda a atenção para duas configurações de bairros rurais: de um lado, o tradicional, caracterizado, dentre outros elementos, pela presença da agricultura de subsistência e manutenção de relativo isolamento, com reduzidas relações externas; de outro, o moderno, marcado por maior integração econômica e social ao mercado. Essa diferenciação foi fundamental para a identificação e compreensão de elementos diversos nos bairros rurais estudados.

Coelho (1991) chama a atenção para a presença de determinadas práticas nos bairros rurais, que contribuem para a tomada de consciência, por parte dos moradores, de suas especificidades, colaborando para sua reprodução e permanência na propriedade.

Bombardi (2004) constrói o conceito de bairro rural a partir da Geografia Agrária, como resultado da inter-relação espaço-tempo-relações sociais, sendo as últimas – com destaque para o sentimento de pertencimento – consideradas as principais responsáveis pela configuração do bairro rural. A autora considera a base territorial elemento fundamental para o desenvolvimento das relações sociais.

As pesquisas desenvolvidas por esses autores, em diferentes regiões do Brasil, demonstraram que peculiaridades, as mais diversas, marcam esse tipo de aglomeração presente no universo rural.

Considerando as diferenças regionais e locais, de cada estudo realizado, procurou-se, no presente trabalho, caracterizar bairros rurais, situando a importância dessa forma de organização do espaço no contexto rural do município de Anhumas.

Outro conceito fundamental para a organização da investigação, caracterização e análise do universo estudado foi o de agricultura familiar, em razão da presença desse tipo de exploração nas atividades dos moradores dos bairros rurais e atividade responsável pela manutenção e sustentabilidade econômica deles, garantindo sua sobrevivência num contexto de exploração das terras, marcado pela grande propriedade.

Para a caracterização da agricultura familiar e de suas estratégias foram utilizados os trabalhos de Hespanhol (2000), Wanderley (2001), Anjos (2003) e Sant'Ana (2003), que analisam as diferentes formas de articulação/organização social e econômica, presentes no meio rural, também considerando as diferentes realidades do Brasil.

A categoria agricultura familiar é utilizada para definir as unidades produtivas, onde terra, trabalho e meios de produção estão interligados ao grupo familiar. Assim, a importância da agricultura familiar, enquanto categoria social de produtores, deve ser entendida como unidades produtivas com especificidades internas (terra, trabalho e meios de produção) e relações externas (inserção no mercado, crédito rural, comercialização da produção, assistência técnica, etc). A compreensão dos elementos internos possibilita o entendimento da diversidade da produção familiar e a identificação das estratégias de reprodução social desses produtores. Para a autora, a agricultura familiar, em momentos distintos, recebe uma diversidade de denominações, como: produção camponesa, pequena produção, agricultura de

subsistência, produção de baixa renda, etc. Contudo essas categorias, após a década de 1990, passaram a ser agregadas e analisadas por meio da expressão agricultura familiar.

Wanderley (2001) considera a agricultura familiar como uma categoria genérica, que combina a propriedade dos meios de produção com o trabalho, sendo a família a responsável direta pelas diferentes etapas do trabalho, contendo ainda uma diversidade de formas sociais. As diferentes estratégias utilizadas pelos membros das famílias reúnem elementos da cultura camponesa tradicional e desenvolvem técnicas modernas, garantindo a sua inserção na sociedade global.

Para Anjos (2003), a agricultura familiar incorporou os elementos da agricultura camponesa, superou algumas de suas características, sendo a autonomia das unidades produtivas definidas de acordo com a sua integração ao mercado. A unidade/diversidade caracteriza ainda as articulações entre os membros das famílias e as diferentes formas de organização social do grupo.

Sant'Ana (2003) entende que a agricultura familiar é caracterizada pelas diferentes estratégias de reprodução social adotadas por esses produtores, sendo esses fatores decisivos para a compreensão de sua capacidade de articulação. De certo modo, essas estratégias são orientadas visando à manutenção de um modo de vida ligado à terra, portanto mantendo o elo de ligação terra-trabalho-meios de produção.

Para a organização do levantamento de informações sobre os bairros rurais, no município de Anhumas, e também para a compreensão de suas especificidades e peculiaridades, além de trabalhos de teóricos e pesquisadores da agricultura familiar foram utilizados trabalhos sobre pluriatividade, procurando incorporar conceitos e contemplar as estratégias adotadas pelos agentes pesquisados, no desenvolvimento desse tipo de atividade.

As práticas da agricultura familiar e da pluriatividade foram analisadas para explicar a sustentabilidade das relações sócio-econômicas presentes nos bairros rurais. A maior ou

menor relevância de cada uma dessas atividades, em cada um dos bairros objeto da investigação, constituiu um referencial para a caracterização do perfil de cada um deles

O termo pluriatividade foi incorporado a partir da forma como é utilizado, entre outros autores, por Fuller (1990), Carneiro (1995 e 1998), Schneider (2003) e Anjos (2003), que estudam e definem as unidades produtivas do meio rural que têm como características o fato de praticarem, concomitantemente, a agricultura e outras atividades, dentro e fora da propriedade, obtendo diferentes tipos de rendas e remunerações.

Da perspectiva desses autores a pluriatividade deve ser entendida como uma estratégia de reprodução social de unidades produtivas que utilizam o trabalho da família em contextos onde a divisão social do trabalho não depende exclusivamente da produção agrícola, mas utiliza atividades não-agrícolas, articuladas ao mercado de trabalho.

Como elemento norteador da investigação, partiu-se do suposto de que as diferentes formas de organização social e econômica presentes em bairros rurais se devem ao processo de sua constituição e se explicam pelas relações socioeconômicas desenvolvidas e pelas estratégias de sobrevivência incorporadas. Muitas dessas estratégias são empregadas no próprio meio rural, sendo muitas delas apoiadas na agricultura familiar e, por vezes, também responsáveis pela continuidade e sobrevivência desta. Outras estratégias de manutenção dos bairros rurais apóiam-se na prática da pluriatividade.

A análise da sustentabilidade das relações sócio-econômicas presentes nos bairros rurais estudados foi realizada, de um lado, pela caracterização da presença da agricultura familiar e, de outro, pela prática da pluriatividade. Essa postura permitiu identificar a evolução diferenciada do universo estudado, a partir da predominância das relações decorrentes da agricultura familiar ou das devidas à prática da pluriatividade.

Outro termo de relevância para a identificação das especificidades do universo estudado foi o de sociabilidade, discutido por D`Incao (1996) e Cândido (2003). Esse conceito

foi utilizado com a finalidade de caracterizar as relações estabelecidas entre os moradores dos bairros rurais investigados. Para tanto, foram analisadas as diferentes formas de interação entre os indivíduos internamente (no interior dos bairros) e externamente (entre os moradores de outros bairros).

D`Incao (1996) considera a sociabilidade um atributo fundamental para a vida em sociedade, mantendo os indivíduos integrados dentro de uma comunidade. Para essa autora é uma característica natural dos seres humanos conviverem em sociedade. Os indivíduos não conseguem viver de forma isolada. Assim, se reúnem e se inter-relacionam dentro e fora das instituições às quais pertencem ou das quais participam.

Cândido (2003) utiliza o conceito de sociabilidade para definir as práticas de solidariedade e cooperação desenvolvidas nos bairros rurais, sustentadas pelo sentimento de localidade, por parte desses habitantes, pelas práticas lúdico-religiosas, pela convivência entre os indivíduos e pelo auxílio mútuo.

Na atualidade, esse tipo de comportamento garante a sustentabilidade dos grupos humanos que habitam os bairros rurais e a sua integração à sociedade moderna.

### **A delimitação do universo da pesquisa e os caminhos da pesquisa de campo**

O município de Anhumas, onde se encontram os bairros rurais estudados, possui uma extensão territorial de 321,7 Km<sup>2</sup> com uma população de 3524 habitantes (FIBGE, 2000), sendo 2691 residentes na área urbana e 833 na rural. Na área rural estão os cinco bairros: Palmitalzinho, Noite Negra, Cavado, Paineiras e Vila Maria. Esses bairros perfazem 211 propriedades rurais, com extensão que varia de 01 a 3342 hectares (INCRA, 2002). Contudo, em Palmitalzinho e Noite Negra estão localizadas 110 propriedades rurais, com

tamanho inferior a 200 hectares, onde são desenvolvidas atividades agrícolas. Desse total, Palmitalzinho e Noite Negra são compostos respectivamente por 45 e 65 propriedades com extensão de até 200 ha, voltadas à exploração agrícola e pecuária, diversamente de outros bairros rurais do município, onde é possível encontrar propriedades com tamanho superior a 3300 ha., bem como propriedades utilizadas como espaço de lazer.

Embora estejam localizados num mesmo município, desde o início do trabalho se pôde observar que os cinco bairros objeto do presente estudo apresentavam semelhanças em alguns aspectos – aproximando Palmitalzinho e Noite Negra – destacando-se as atividades desenvolvidas, as formas de organização social e econômica, o associativismo, os níveis de sociabilidade, a solidariedade e a articulação com o meio urbano. Foram, porém, observadas diferenças extremas, quanto às formas de exploração econômica e a estrutura fundiária, ficando de um lado Cavado, Paineiras e Vila Maria e de outro Palmitalzinho e Noite Negra.

O objetivo inicial era realizar um estudo sobre os fatores que propiciavam a permanência dos pequenos produtores/proprietários rurais nos bairros rurais Palmitalzinho e Noite Negra, município de Anhumas-SP, frente ao processo de expropriação a que estão expostos no sistema capitalista, dada a forma predominante de organização da produção.

Partiu-se da hipótese de que a sociabilidade, da forma como se manifesta, entre os moradores, constitui um componente fundamental nas relações, responsável pela continuidade das propriedades familiares, nos locais inicialmente definidos como universo de pesquisa: Palmitalzinho e Noite Negra. Avaliou-se que o contato intenso entre os habitantes facilitava o desenvolvimento da cooperação, da solidariedade e do associativismo. Para tanto, buscou-se a identificação dos principais elementos econômicos, culturais e ideológicos que garantiam a continuidade da propriedade de exploração familiar, inserida numa região onde o êxodo rural e a concentração de terras apresentam-se bastante expressivos.

As investigações preliminares buscaram evidenciar a realidade de Palmitalzinho e Noite Negra, uma vez que essas duas localidades apresentam um processo evolutivo diferente das demais, localizadas no município, em termos da estrutura da propriedade, da produção e dos níveis de sociabilidade. As principais diferenças, à medida que tiveram início as investigações, ficavam demonstradas pelas atividades desenvolvidas em conjunto pelos habitantes desses dois bairros rurais, com destaque para a presença de associações e festas religiosas. Estando os referidos bairros localizados num município, onde a concentração de terras é marcante, Palmitalzinho e Noite Negra apresentavam-se como exemplo de exploração do espaço, em que se mantém a continuidade das pequenas propriedades, ocupadas com atividades agropecuárias, exploradas predominantemente por membros da família, mesmo diante do avanço do latifúndio.

Dentre os elementos presentes/ausentes no universo da pesquisa, fez-se necessário saber exatamente que culturas agrícolas eram desenvolvidas; como se dava o cultivo, a colheita, a comercialização dos produtos agropecuários; como ocorriam as diferentes formas de organização social e econômica dos bairros rurais de Anhumas; como surgiu a Associação de Produtores Rurais de Palmitalzinho.

Como questões centrais procurou-se entender por que as menores propriedades do município, ocupadas com atividades agrícolas, estavam localizadas em dois dos bairros rurais. Também foi proposta a investigação dos elementos responsáveis pela sociabilidade, pela solidariedade, pela cooperação e pela confiança, nem sempre evidenciados na totalidade dos bairros.

Após o levantamento do número de propriedades existentes, através da Relação de Certificados de Cadastros, “Notificações de Imóveis Rurais Emitidos em Anhumas” do INCRA -2002, foi elaborado – pelo autor – um formulário para ser aplicado aos moradores dos bairros rurais inicialmente selecionados, com o objetivo de levantar dados e informações

que viabilizassem caracterizar, dentre outros: os perfis demográfico, migratório e sócio-econômico da população; a produção agrícola; as formas de comercialização e a articulação com os setores urbanos; as demais formas de articulação com o meio externo.

Para a pesquisa de campo foram selecionadas 40 % das propriedades de cada bairro, sendo 18 de 45 em Palmitalzinho, 26 de 65 em Noite Negra. Esses questionamentos suscitaram o acompanhamento pormenorizado da formação e da evolução desses bairros, no contexto da realidade mais ampla.

A análise das consideradas especificidades desses dois bairros, levou a novos questionamentos. Restavam questões que necessitavam de respostas, como, por exemplo: Qual o nível de articulação existente entre os moradores nos demais bairros? Quais as atividades agrícolas que estavam sendo desenvolvidas nos outros bairros? Para tanto foi cogitada a ampliação do universo de investigação de dois para cinco bairros rurais.

Agregando os resultados iniciais da investigação – bibliográfica e de campo – ao conhecimento prévio do investigador sobre a área estudada, adquirido a partir de sua vivência na região, decidiu-se incorporar ao universo da pesquisa os demais bairros do município.

A partir daí, o levantamento de campo, iniciado nos bairros Palmitalzinho e Noite Negra, foi estendido para Cavado, Paineiras e Vila Maria, com o objetivo de caracterizar as diferenças entre esses bairros. Assim, foi realizada a pesquisa de campo em 40% das propriedades dos demais bairros rurais, sendo visitadas 18 de 45 propriedades de Cavado, 12 de 30 de Paineiras e 11 de 26 em Vila Maria.

O tempo de aplicação dos formulários (vide apêndice I) variou de 30 a 50 minutos, dependendo do intervalo que o responsável pelo fornecimento das informações estabelecia para suas respostas. A aplicação dos formulários foi realizada no período entre o segundo semestre de 2004 e o primeiro semestre de 2005.

Além da aplicação do formulário, foi realizado levantamento em profundidade, por meio de entrevistas com moradores dos cinco bairros, no segundo semestre de 2005. Solicitou-se aos moradores entrevistados que, de forma espontânea, relatassem sua experiência e sua vivência na área. Do total de moradores foram entrevistados quatro de Palmitalzinho, quatro de Noite Negra, três de Cavado, dois da Vila Maria e três de Paineiras. As entrevistas duraram entre 60 e 180 minutos. Alguns entrevistados referiram-se a lembranças de sua infância e a aspectos que compuseram a sua trajetória de vida. As entrevistas, com moradores selecionados, possibilitaram a identificação e o levantamento de características culturais, religiosas e ideológicas presentes nos bairros rurais. Para a coleta das informações foram utilizados: gravador, máquina fotográfica e anotações. Ainda nas entrevistas, os moradores apresentaram a suas concepções sobre cada uma das localidades e sobre a importância que a religião e as festas ocupam nesses espaços. Dentre os elementos apontados como importantes e positivos estiveram a união, o respeito e a cooperação bastante presentes entre os moradores de Palmitalzinho e Noite Negra e pouco observados em relação aos demais bairros.

O presente trabalho apresenta-se estruturado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No capítulo “Formação e evolução do município de Anhumas no contexto regional” são apresentadas as diferentes etapas do processo de formação e evolução do município de Anhumas, no contexto da então Região da Alta Sorocabana e da atual Microrregião Geográfica de Presidente Prudente. É realizada a contextualização da Alta Sorocabana; são apresentadas as principais atividades econômicas desenvolvidas na área; são caracterizadas a estrutura fundiária do município de Anhumas e as diferentes formas de exploração do espaço rural. A finalidade dessa caracterização é situar o universo objeto de estudo na esfera da região onde se encontra inserido.

No capítulo “O município de Anhumas e seus bairros rurais: historia e memória” é realizada a caracterização município de Anhumas e seus bairros rurais, ressaltando os elementos contidos na história e na memória dos moradores dos bairros. Para tanto foi reconstituído o histórico de formação de cada bairro rural, a partir de entrevistas com moradores desses locais, uma vez que não há registros bibliográficos sobre a origem e a evolução desses bairros rurais. São ainda feitas algumas considerações sobre aspectos comuns e específicos aos aglomerados desse espaço rural.

No capítulo “Bairros rurais de Anhumas: espaço, atividades e formas de organização” é feita uma análise dos bairros rurais de Anhumas, enfocando o espaço rural, as atividades desenvolvidas e as formas de organização social e econômica dos grupos investigados, tal como se apresentam no presente. O capítulo abrange: a) a caracterização física do meio rural do município; b) a caracterização e a análise das principais atividades agrícolas desenvolvidas nos bairros; c) a apresentação da organização e das manifestações de sociabilidade presentes nesses locais, analisados enquanto elementos diferenciadores dos cinco bairros estudados. É ainda identificada a existência do associativismo e caracterizada sua importância para os moradores, nos locais em que essa prática se faz presente. São ainda consideradas as festas dos santos padroeiros, destacando a sua importância para os habitantes e apontando os laços de cooperação existentes.

No capítulo “Bairros rurais, agricultura familiar e pluriatividade: conceitos e aplicações” são apresentados e discutidos estudos com enfoque teórico e empírico sobre as categorias bairro rural, agricultura familiar e pluriatividade. São enfatizadas suas concepções acerca do espaço rural paulista, e destacados enfoques sobre a agricultura familiar e a pluriatividade, tomados esses conceitos enquanto categorias de análise, utilizadas para a compreensão da dinâmica dos bairros rurais, cujos moradores se valem da adoção dessas práticas como estratégia de organização de suas atividades produtivas.

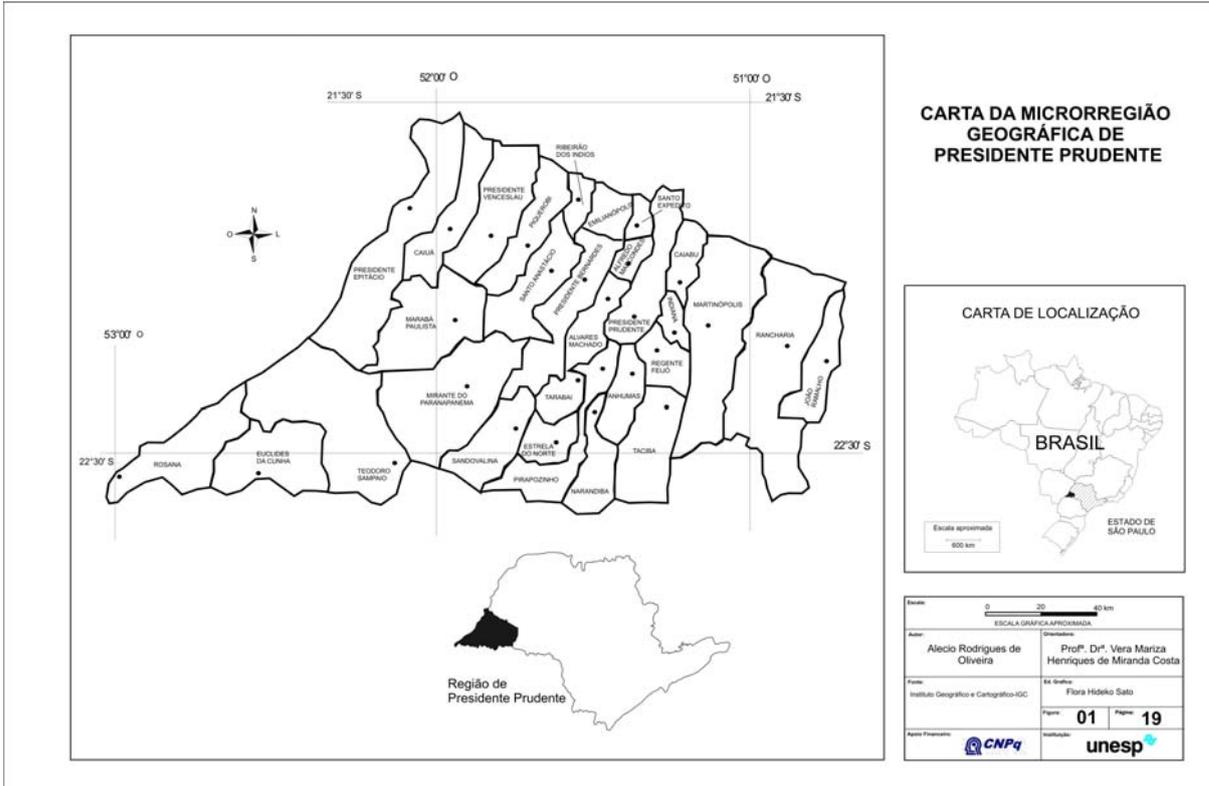
## **2. FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE ANHUMAS NO CONTEXTO REGIONAL**

De acordo com o IBGE, de meados do século XIX até o final dos anos 80 a região oeste do Estado de São Paulo, onde se encontra o município de Anhumas, era composta por 27 municípios e denominada Microrregião Homogênea da Alta Sorocabana de Presidente Prudente. A denominação Alta Sorocabana deveu-se à importância da Estrada de Ferro Sorocabana no contexto de ocupação e desenvolvimento da porção sudoeste do Estado de São Paulo.

“O povoamento dessa área é relativamente recente, sendo que sua atual configuração territorial, abrangendo 30 municípios, foi resultado de sucessivos desmembramentos municipais ocorridos entre a década de 1930 e meados de 1990” (HESPANHOL, 2000, p. 115).

Com as sucessivas mudanças ocorridas no processo de regionalização da FIBGE, a partir de 1989 foram adotados novos indicadores para identificação das novas unidades espaciais; considerando as relações sociais de produção, as características da estrutura produtiva, etc.. A Microrregião Homogênea da Alta Sorocabana de Presidente Prudente passou a ser denominada Microrregião Geográfica de Presidente Prudente (Figura 01).

Contudo, para a compreensão da ocupação dessa área, será utilizada a expressão Alta Sorocabana, para acompanhar as referências utilizadas pelos autores que pesquisaram a região em períodos anteriores ao presente.



## 2.1. A Região da Alta Sorocabana

A Região da Alta Sorocaba teve a sua ocupação iniciada na segunda metade do século XIX, com a chegada de migrantes mineiros (ABREU, 1972; LEITE, 1972 e 1998; e MONBEIG 1984). Nesse período, em virtude da decadência da mineração e do envolvimento do Brasil na Guerra do Paraguai, muitos migrantes mineiros, fugindo da decadência econômica e social da região e do arregimento forçado do governo imperial, se instalaram na nova região, em busca de oportunidades para adquirirem a posse de novas terras.

Segundo Abreu (1972) “nas regiões mineiras, as populações dedicavam-se à agricultura de subsistência e à pecuária – bovinos e suínos – e as minas transformaram-se em centro de dispersão de povoamento” (ABREU, 1972, p. 16). Com a crise nessa região, duas áreas passaram a receber migrantes mineiros: o Vale do Paraíba e a Depressão Periférica Paulista. Muitos desses migrantes tornaram-se tropeiros, transportando toucinho salgado, fumo e outros produtos para as cidades de Sorocaba, Itapetininga, Tatuí, Botucatu e Lençóis. Ao retornarem, conduziam muares que eram utilizados na região mineradora, desde o período colonial, adquiridos dos comerciantes rio-grandenses que, por sua vez, haviam trazido esses animais do Rio Grande do Sul.

A possibilidade de desenvolverem a agricultura e a criação de animais no vale do Paranapanema, representou um grande atrativo para esses mineiros.

Contudo, antes da chegada dos mineiros, a Alta Sorocabana era ocupada por indígenas das tribos Caingang, Caiuí, Guarani e Xavante. Em razão da presença dessas tribos indígenas o clima de violência se instalou na região, uma vez que esses silvícolas, na defesa de suas terras, atacavam os povoados ao amanhecer e ao pôr-do-sol, deixando mortes e destruição. Merece destaque a atuação dos índios Caingang, em maior número e também pelo ímpeto em defender os seus domínios.

Para combater os índios, os primeiros colonos realizavam expedições denominadas “dadas”, que “varriam” o sertão do Paranapanema, matando os indígenas. A descrição da ferocidade dos indígenas muitas vezes era multiplicada a tal ponto que o Governo do Estado de São Paulo apoiou as expedições com a força militar para enfrentar os nativos.

Um dos primeiros mineiros a chegar à região em questão foi José Teodoro de Souza, natural de Pouso Alegre, Minas Gerais, que de acordo com as informações da época teria posse de toda a porção do Paranapanema. Como base de suas ações Teodoro se instalou em três cidades: São Pedro do Turvo, São José dos Campos Novos do Paranapanema e Nossa Senhora da Conceição de Monte Alegre. A posse firmada por José Teodoro despertou a atenção e a ambição de vários aventureiros do Sul de Minas Gerais. Entre os interessados na nova área estavam parentes e conhecidos do latifundiário, que passam a se deslocar para o sertão do Paranapanema (LEITE, 1972).

Segundo Leite, os mineiros foram responsáveis pela abertura das primeiras picadas na mata nativa, expulsão dos indígenas, criação das condições para o estabelecimento dos primeiros povoamentos e pela instalação dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana (LEITE, 1972).

A ocupação da região é, desde o início, marcada pela violência – inicialmente em relação à população indígena – e pela corrupção, burla ou desobediência das práticas legais. A grilagem e a violência, decorrentes da disputa pela posse de terras, sempre foi uma característica do processo de ocupação e exploração econômica da região.

Embora fosse inteligente e audacioso, José Teodoro era analfabeto. Para realizar as negociações de terras contava com o auxílio de procuradores, muitos deles na maioria das vezes corruptos.

No período anterior a 1850 a ausência de uma legislação específica para o trato da propriedade da terra no Brasil, o registro de posse era feito em livros paroquiais.

Aproveitando-se dessa lacuna na lei, José Antonio Gouvêa registrou a posse da área denominada “Fazenda Pirapó-Santo Anastácio”, no ano de 1856, em São João Batista do Rio Verde, atualmente Itaporanga, afirmando que habitava a área desde 1848. Paralelamente a isso, José Teodoro de Souza registrou na paróquia de Botucatu a posse da gleba “Fazenda Rio do Peixe” ou “Boa Esperança do Aguapey”.

Antes mesmo de legitimar a posse dessas duas imensas glebas, os grileiros Gouvêa e Teodoro de Souza, iniciaram a venda de parte dessas terras aos aventureiros interessados em adquirirem posses na região.

Em 1861 José Antonio Gouvêa vendeu a posse da gleba “Fazenda Pirapó-Santo Anastácio” a Joaquim Alves de Lima, lavrando a escritura em Pirassununga. Após o falecimento de Joaquim Alves de Lima, seu filho, João Evangelista Lima assumiu a posse. Ao assumi-la tentou legitimar os documentos, sendo negado o registro pelo governo do Estado de São Paulo, em função da confusa planta apresentada e dos limites imprecisos da área.

A legitimação da posse da “Fazenda Boa Esperança do Aguapey” foi requerida por Francisco de Paula Moraes, genro de José Teodoro de Souza. Também em função da confusa planta apresentada pelo grileiro, Moraes só consegue legitimar parte da posse, transferindo a posse da gleba a Manoel Pereira Goulart.

Para dificultar o processo de identificação da falsificação dos documentos das duas imensas glebas, Manuel Pereira Goulart e João Evangelista Lima fizeram uma permuta das áreas, registrando os documentos no tabelionato de Santa Cruz do Rio Pardo, em 11 de janeiro de 1890.

A partir da permuta Manuel Pereira Goulart assumiu a posse da Gleba “Pirapó-Santo Anastácio” e João Evangelista Lima a gleba “Boa Esperança do Aguapey”.

Depois da legitimação da posse ilegal das terras de Goulart e Evangelista, nos primeiros anos do século XX, iniciou-se um intenso processo de chegada de novos

“aventureiros” na região em busca de terras novas e baratas. Tal processo desencadeou a disputa pelas de terras griladas, momento em que ocorreu a expulsão de posseiros, “compra” de autoridades e assassinatos.

A descoberta de novas possibilidades de exploração de terras a oeste do Estado de São Paulo atraiu aventureiros e colonizadores de várias regiões e o próprio Governo do Estado, que passou a organizar expedições que buscavam o reconhecimento da nova área.

Entres as expedições organizadas pelo Governo do Estado, destacaram-se as atividades de 1905. Foram realizadas quatro expedições que tinham por finalidade explorar o sertão sul-ocidental, via os rios Tietê, Paraná, Feio (Aguapeí) e Peixe.

Até meados de 1906 a Estrada de Ferro Sorocabana chegava somente até a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, próxima a Avaré, distante do Rio Paraná 350 quilômetros.

Com o intenso movimento de gado, proveniente de Mato Grosso, pela estrada “boiadeira”, que passava por Indiana, os dirigentes da Estrada de Ferro Sorocabana abandonam a idéia original de levar os trilhos somente até Ourinhos e mudaram o traçado da ferrovia para oeste, sentido Paranapanema.

Conforme Leite (1998), a partir do reconhecimento mais efetivo da área que compõe a Alta Sorocabana e a instalação dos trilhos da ferrovia, em meados da década de 1910, tornou-se mais intensa a demanda por terras para o cultivo do café. A instalação da ferrovia na Alta Sorocabana, visando o escoamento da produção cafeeira para o porto de Santos, intensificou ainda mais a demanda por terras na região. Entre os novos pretendentes a posses de terras estavam mineiros, nordestinos, imigrantes asiáticos e europeus.

Segundo Abreu (1972):

No caso do extremo oeste de São Paulo, [...] a ferrovia foi a melhor maneira para os negociantes de terras levarem seus compradores em potencial a conhecerem as glebas; favoreceu a penetração, os loteamentos, a ocupação, o aproveitamento do solo. [...] Permitiu também o abastecimento eficiente da

rede de manufaturas inclusive importadas. Sem a ferrovia, não teriam entrado tantos compradores, colonos em busca de fortuna, aventureiros de toda a espécie. Ela foi um fator marcante do progresso da região [...]. (ABREU, 1972, p. 38).

A ocupação da Alta Sorocabana passou por dois momentos distintos: a) até 1917, período anterior à instalação da Estrada de Ferro, marcado pela chegada de desbravadores (mineiros, descendentes de portugueses); b) no período posterior à instalação da ferrovia, caracterizado pela atuação de empresas colonizadoras<sup>5</sup> e pela vinda de mineiros, paulistas, nordestinos e imigrantes – europeus e asiáticos.

Os aventureiros que chegaram à região no segundo momento foram atraídos pela estrada de ferro, pela possibilidade de desenvolver o cultivo do café e pelas Companhias de Colonização que atuaram na região, vendendo glebas em todo o Estado de São Paulo e Estados vizinhos (LEITE, 1972).

Aproveitando-se da valorização das terras da região as empresas colonizadoras, promoveram a comercialização de lotes, onde o tamanho dependia das possibilidades de pagamento dos interessados. Ao mesmo tempo, o próprio o Governo Paulista incentivava a formação de colônias de imigrantes estrangeiros, destacando-se a intensa presença de japoneses. Ainda como consequência da atuação dessas empresas de colonização, vários vilarejos da região, que posteriormente se tornaram cidades, foram fundados por elas, destacando-se Rancharia, Martinópolis, Pirapozinho e parte de Presidente Prudente.

Para garantir as posses duvidosas os comerciantes de terras utilizaram todos os recursos disponíveis para a falsificação dos títulos de propriedades. Assim os chamados “grileiros” envelheciam os documentos para impressionar e enganar os compradores e as autoridades da região. Contudo a prática da grilagem instala um clima de apreensão entre os novos aventureiros que viam a possibilidade de suas posses serem questionadas pelo

---

<sup>5</sup> Ver Apêndice III, item 2.

verdadeiro dono a qualquer momento, promovendo o atraso no desenvolvimento da agricultura na Alta Sorocabana. Muitas pessoas que compravam seus pequenos sítios de boa fé foram posteriormente, envolvidos em intrincadas demandas de terras (ABREU, 1972, p. 27).

Nesse contexto, a forma como se deu à ocupação da Alta Sorocabana torna essa região uma das áreas de maior conflito pela posse da terra do Estado, devido ao intenso processo de grilagem ocorrido, segundo Leite (1972), Almeida (1996) e Antonio (1990).

Por outro lado, a atuação das empresas de colonização propiciou o surgimento das pequenas propriedades na região, por meio do loteamento das grandes glebas. Em função disso surgem os pequenos sitiantes, ex-colonos das grandes fazendas de outras regiões do Estado que tiveram ocupação anterior à da Alta Sorocabana, conforme demonstram Silveira (1990) e Hespanhol (2000).

Para Hespanhol (2000), a região apresentou:

(...) desde o início do processo de ocupação, uma estrutura fundiária que, grosso modo, reproduziu as características da estrutura fundiária brasileira: de um lado, a presença de latifúndios, ocupando grandes extensões territoriais e, de outro, inúmeras pequenas unidades produtivas, organizadas com base no trabalho familiar, ocupando inversamente, pequena extensão territorial (HESPANHOL, 2000, p. 119).

Entre as atividades econômicas destacou-se, nos primeiros anos de ocupação, a extração de madeiras nobres como a peroba, o marfim, o ipê, o jatobá, etc. Após a retirada dessa vegetação, as terras foram sendo ocupadas pelos cafezais. Aliada à cultura cafeeira se desenvolveu a pecuária de corte. Após a crise da cafeicultura, sobretudo na década de 1930, passou a haver a implantação da policultura na região da Alta Sorocabana, merecendo destaque o algodão pelo alto índice de produção. De acordo com Hespanhol (1991):

Com as condições menos favoráveis à cafeicultura, passou a ganhar expressividade na economia regional, a cultura do algodão, que até início da década de 1930 era incipiente na área e a partir de 1940, passou a suplantar o café em termos de valor da produção. (HESPANHOL, 1991, p. 80).

Entre as culturas diversificadas merece destaque: a mamona, o amendoim, a cana forrageira, o café, o milho, o arroz, o feijão, a batata, a mandioca, a cana industrial, a cebola, a melancia, a soja, o girassol, o abacaxi, o abacate, a uva de mesa, a alfafa, etc. Essas culturas, na maioria das vezes, eram praticadas por pequenos produtores nos lotes comercializados pelas empresas de colonização.

Em função do desenvolvimento dessas atividades agrícolas muitas máquinas de beneficiamento de café, arroz, algodão, milho e mandioca (“fabricas de farinha”), se instalaram na região, adquirindo esses produtos dos lavradores e os revendendo a eles já beneficiados, além de outros insumos utilizados nas lavouras. Um exemplo dessa atividade foi a Máquina de Algodão Sonata, de propriedade da Empresa Junqueira Netto & Cia, que adquiriu uma área próxima à linha férrea e construiu um depósito para a estocagem do algodão.

Segundo Abreu (1972):

O algodão beneficiado era remetido de Presidente Prudente diretamente para Santos, pela Sorocabana, consignado à Companhia Docas, de onde era exportado. Além de comprar algodão, Junqueira Netto & Cia. Ltda, vendia aos lavradores sementes expurgadas, venenos, inseticidas e apetrechos necessários à lavoura algodoeira (ABREU, 1972, p. 142).

Além disso, a expansão do cultivo do algodão na região propiciou a instalação de diversas outras indústrias de beneficiamento do produto, merecendo destaque, nesse período,

a presença de empresas como o Grupo Matarazzo, Anderson Clayton, Sanbra, entre outras, conforme demonstra Leite (1972):

Já em 1937, instala-se a Anderson Clayton em Presidente Prudente, para onde se canalizava grande parte da produção regional. Tais instalações industriais se acentuariam sobretudo no período 1939/45, coincidindo, portanto, com a II Guerra Mundial. Nesta fase montam-se as usinas de: Martinópolis (1939); Santo Anastácio, Presidente Venceslau, Pirapozinho e Rancharia (1940); Paraguaçu Paulista (1941); Álvares Machado (1942); Regente Feijó (1944). Todas elas estrangeiras: A Anderson Clayton, a Cook & Cia.; a Cia. Algodoeira Wooley-Dixon; Esteve & Irmãos; a Mc Fadden e Cia.; Sanbra S/A, Braswey, a Lotus S/A, etc.

Essas empresas tinham por finalidade o processamento das oleaginosas cultivadas na região, que propiciavam a produção de óleos vegetais provenientes também do amendoim e da mamona.

Segundo Leite, (1972):

A alta produção de plantas industriais oleaginosas motivou a instalação, em quase todos os municípios, de indústrias beneficiadoras dos caroços de amendoim, algodão e mamona, mormente na década de 30, com capital estrangeiro, embora com mão-de-obra nacional. A fim de possibilitar o funcionamento contínuo das prensas extratoras do óleo, nos períodos ociosos de entre-safra do algodão e amendoim, incentivava-se o plantio de soja e girassol [...]. (LEITE, 1972, p. 59)

Com a decadência do algodão na região, na década de 1950, várias indústrias que processavam os óleos vegetais e o beneficiamento desse produto foram transferidas para outras regiões do Estado de São Paulo e do Brasil. As unidades industriais que permaneceram passaram a incentivar o cultivo do amendoim, que possibilitava duas safras ao ano e podia ser cultivado em pequenas propriedades (HESPANHOL, 2000).

A diversificação da agricultura na região foi expressiva até o final dos anos 1940. A partir da década de 50, com as perspectivas pouco favoráveis às lavouras e o esgotamento do solo, passou a ocorrer à expansão das pastagens e, conseqüentemente, o fortalecimento da pecuária. A expansão da pecuária extensiva ocorreu em função da industrialização da região sudeste e o conseqüente aumento do mercado consumidor de carne bovina. Além disso, o aumento das áreas ocupadas pelas pastagens foi propiciado pela estagnação e queda do cultivo de lavouras permanentes e temporárias, segundo Leite (1972) e Silveira (1990).

A criação e a engorda de gado de corte na Alta Sorocabana propiciou a instalação de frigoríficos em Presidente Prudente, com o intuito de abaterem o gado da região e também de Estados como Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

De acordo com Hespanhol (1991):

A conjuntura pouco favorável à agricultura regional por um lado e a ampliação do mercado consumidor de carnes (em virtude da intensificação do processo de urbanização, sobretudo de São Paulo e Rio de Janeiro), redundaram na expansão da pecuária de corte, bem como, na instalação de modernos frigoríficos. (HESPANHOL, 1991, p. 84).

A atividade de pecuária extensiva na Alta Sorocabana ainda é caracterizada pelo caráter especulativo, que propiciou a concentração de terras e a expropriação rural de pequenos produtores (arrendatários, parceiros e meeiros), favorecendo o surgimento de movimentos sociais que reivindicam terras e contestam a posse e o título de propriedade de várias áreas, por se tratar de terras pertencentes ao estado, portanto devolutas. Atualmente os conflitos pela posse da terra estão localizados na região do Pontal do Paranapanema, parte integrante da Alta Sorocabana, próxima aos Rios Paranapanema e Paraná, local onde muitos títulos de posse ainda são de caráter duvidoso.

No contexto de ocupação da Alta Sorocabana os pequenos produtores rurais sempre desempenharam um papel significativo. Num primeiro momento, foram utilizados como veículo para a legitimação da posse da área pelos grileiros que, após a grilagem, realizavam a venda de lotes, justificada em função do desenvolvimento da policultura e da ocupação do campo. Num segundo momento, supriram as necessidades de alimentos e produtos agrícolas da região, garantindo ao latifúndio improdutivo a possibilidade de especulação de imensas áreas e a ampliação e renovação das pastagens, através do arrendamento aos parceiros e meeiros, que não dispunham de terras para cultivarem.

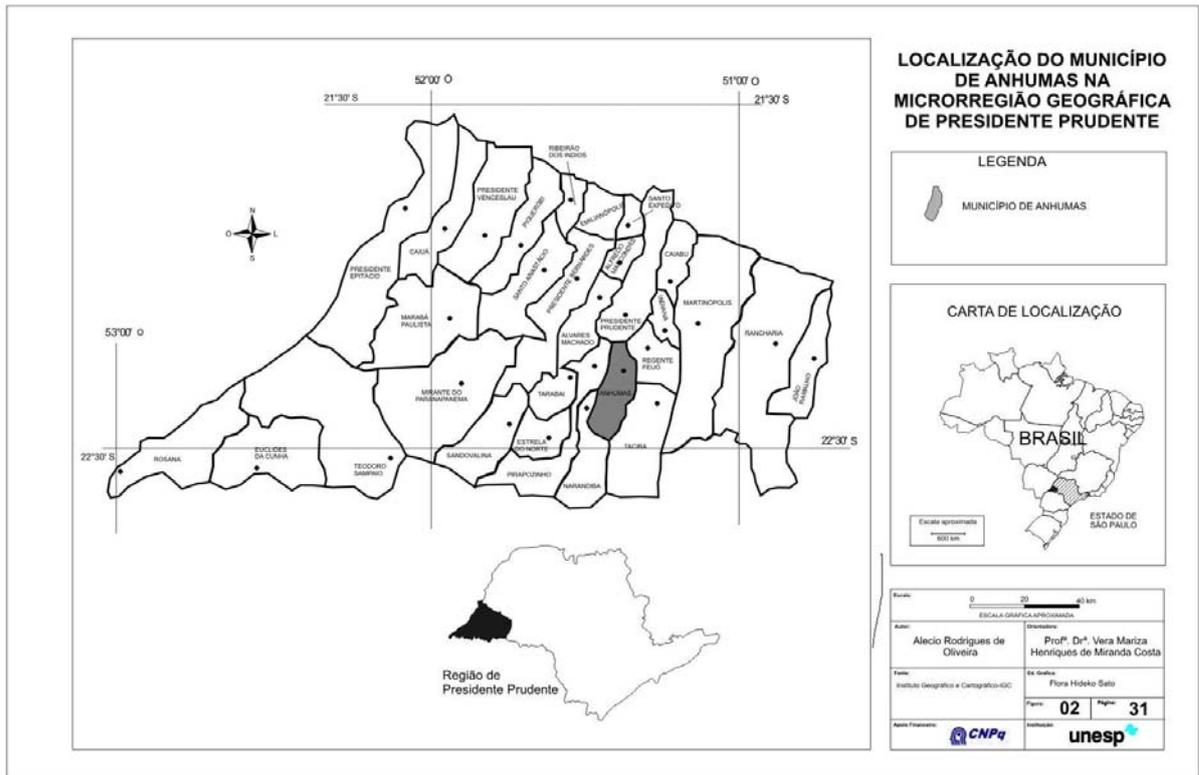
Atualmente, as atividades agropecuárias da área são representadas, em diversos níveis de importância, pelos seguintes produtos: algodão, amendoim, arroz, feijão, café, mamona, milho, cana forrageira, milho forrageiro, cana-de-açúcar, tomate, batata-doce, melancia, manga, maracujá, uva de mesa, laranja; e ainda pelos produtos originários da pecuária leiteira e de corte.

As grandes propriedades são ocupadas por atividades de pecuária extensiva, sendo nos últimos anos arrendadas para as usinas de açúcar e álcool e para o plantio de cana-de-açúcar, além do cultivo da soja. As estratégias de arrendamento, adotadas pelos latifundiários da região, têm visado, sobretudo, conter os movimentos sociais, que nos últimos dez anos levaram à ocupação de grandes propriedades no município de Presidente Prudente, inclusive próximas ao meio urbano.

As pequenas propriedades, de base familiar, têm sido as principais responsáveis pela produção de cereais e de produtos hortifrutigranjeiros, na região, garantindo o fornecimento para o mercado regional.

## **2.2. Formação e evolução do Município de Anhumas**

O município de Anhumas integra a Microrregião Geográfica de Presidente Prudente, anteriormente denominada Microrregião Homogênea da Alta Sorocabana de Presidente Prudente, conforme demonstra a Figura 02. Portanto, o processo de formação e evolução desse município ocorre a partir das mesmas raízes históricas e econômicas que deram origem à formação da Região.



Durante o processo de ocupação da Alta Sorocabana José Teodoro de Souza, fez grandes posses terras, que posteriormente foram vendidas a João da Silva Oliveira e Francisco de Paula Moraes. Estes, de posse de tais glebas, passaram a vender essas terras a outros colonizadores da região.

Oliveira por ser o único parente de José Teodoro que sabia ler e escrever, foi “secretário” e “procurador” de José Teodoro. Com isso conquistou amplos poderes para alienar e vender terras pelo parente, sendo o responsável por todas as negociatas de terras realizadas pelo grileiro Teodoro.

Em função das dificuldades de transpor os obstáculos de penetração do sertão do Paranapanema, devidas: à mata nativa cerrada; à presença de animais silvestres ferozes, animais peçonhentos e insetos; à atuação dos indígenas, a maioria dos aventureiros não ultrapassou os limites do atual município de Indiana, antes da instalação dos trilhos da Sorocabana em Presidente Prudente em 1917.

Tomando como referência a coragem e a ambição de seu parente José Teodoro, o migrante mineiro João da Silva Oliveira, adentrou o sertão do Paranapanema, seguindo os campos até o Ribeirão Anhumas, afluente do Rio Paranapanema, atravessando os rios Jaguaretê, Água Boa, Batalha, Patos e Laranja Doce. Percorreu o Paranapanema até a Cachoeira do Frade, próxima ao Rio Paraná. Reconheceu os ribeirões Mosquito, Rebojo, Laranjeira e outros. Transpôs as cabeceiras do Taquaral e do Veado, limite entre o Vale do Paranapanema e o Vale do Rio do Peixe, até então desconhecidos (ABREU, 1972).

Ao concluir sua expedição, o grileiro João da Silva Oliveira:

Reconheceu tudo como sua posse, embora legalmente não pudesse fazê-lo por causa da lei terras de 1850. Vendeu terras como se a região que desbravava lhe pertencesse há muito tempo. Seguiu o mesmo costume de alienar as vertentes e as contravertentes de cursos de água, tomando a propriedade o nome do córrego, rio ou ribeirão (ABREU, 1972, p. 21)

Dessa forma, João da Silva Oliveira foi incorporando posses de terras e vendendo aos interessados que chegavam à região. Uma de suas mais importantes vendas foi a realizada para Domingos Ferreira de Medeiros e José Custódio Vêncio. Medeiros e Vêncio

Compradores da região do Ribeirão Anhumas, adiante do Laranja Doce, passaram a ser então os últimos moradores na ordem de colocação, sertão adentro. Para frente, seguiam-se 20 léguas de matas impenetráveis que iam até a margem esquerda do Tietê [...] depois, seguiram para o Anhumas, onde ficaram cêrca (sic) de 30 anos sozinhos (ABREU, 1972, p.21).

Assim os Medeiros, provenientes do Sul de Minas, passaram a ser os proprietários da imensa gleba entre os ribeirões Anhumas e Laranja Doce, afluentes do Paranapanema, tendo ao sul do espigão o divisor de águas por onde passa a ferrovia (LEITE, 1972).

Na segunda metade do século XIX, a região no entorno do Ribeirão Anhumas, foi ocupada por migrantes mineiros, dentre eles as famílias de Domingos Ferreira de Medeiros e José Custódio Vêncio, bem como famílias vindas de outras regiões do Estado de São Paulo (ABREU, 1972). A posse adquirida por esses migrantes se localizava na região do Ribeirão Anhumas, próximo ao rio Laranja Doce, em uma área que chegava aos limites do rio Tietê, ficando suas atividades concentradas mais próximas ao Ribeirão Anhumas, embora detivessem toda a posse da gleba.

Conforme o mencionado anteriormente, parte das terras da Alta Sorocabana foi vendida para aqueles que chegavam à região por empresas de colonização.

Entre essas empresas que atuaram na área estava a Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, fundada em 1919, pelo Coronel José Soares Marcondes e que logo vendeu várias glebas, após organizar uma campanha publicitária em todo o estado e mesmo no exterior, divulgando as qualidades do solo e as oportunidades de riqueza (OLIVEIRA, 2000).

As ações da Companhia Marcondes de Colonização deram origem a vários vilarejos que, posteriormente, se tornaram municípios, entre eles: Álvares Machado e Presidente Bernardes, além do Distrito de Montalvão, pertencente a Presidente Prudente. Conforme Leite (1972), dentre as diversas companhias, a Companhia Marcondes de Colonização talvez tenha sido a maior responsável pela colonização da Alta Sorocabana. Parte das terras das famílias Medeiros e Vêncio foram adquiridas da Companhia Marcondes de Colonização.

“Nas terras que possuía na Fazenda Anhumas, a Companhia abriu um patrimônio que hoje é o município de Anhumas e colocou outras tantas famílias em lotes rurais”. (ABREU, 1972, p.77). Ao iniciar os vilarejos, as companhias de colonização estimulavam o desenvolvimento do local, buscando com isso despertar o interesse e a cobiça de novos compradores para os lotes por elas negociados.

Durante o período em que esteve em posse da Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, a área onde atualmente localiza-se Anhumas fazia parte do grande território que compunha o município de Presidente Prudente, iniciado em 1917, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro.

O vilarejo de Anhumas teve início no ano de 1922, quando foi erguido o primeiro “cruzeiro”, como marco para o centro do povoado e um símbolo da Igreja Católica. O comércio era restrito a apenas uma venda e uma serralheria. A igreja era uma pequena capela feita de madeira, que também foi utilizada como escola, pois não havia outro local para o desenvolvimento da educação. O transporte era feito por carroças puxadas por burros ou carros-de-boi, que trafegavam por “picadas” e carregadores que davam acesso a Presidente Prudente.

O pequeno povoado onde teve início Anhumas não tinha finalidade administrativa. Era apenas um aglomerado, com características de bairro rural, como tantos outros criados pelas companhias de colonização na Alta Sorocabana.

Em função da pouca importância política e administrativa, os primeiros habitantes das proximidades de Anhumas pouco freqüentavam a localidade, se dirigindo a Presidente Prudente quando necessitam de atendimento médico ou até mesmo de alguns produtos de uso nas propriedades rurais.

A emancipação política de Anhumas, até então distrito de Presidente Prudente, ocorreu somente em 1954, sendo uma das últimas localidades da Alta Sorocabana a se emancipar politicamente nessa década. “O patrimônio de Anhumas, foi o último a destacar-se do território, tornando-se município em 1954” (LEITE, 1972, p.149).

Durante o período de formação do município de Anhumas, a base da economia anhumense era a cultura do café, aliado ao cultivo do algodão e do amendoim, que eram fornecidos às empresas processadoras, instaladas em Presidente Prudente.

A agricultura para a subsistência da população de Anhumas era baseada no cultivo de: arroz, feijão, milho, mandioca e hortaliças, cultivadas em pequenas propriedades adquiridas por colonos provenientes das regiões de Sorocaba, Araraquara, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Por outro lado, as atividades agropecuárias desenvolvidas no interior das grandes propriedades eram compostas pelo cultivo de algodão e amendoim, cultivado por arrendatários desprovidos de terras que pretendiam arrecadar recursos para adquirirem suas posses. Além disso, o latifúndio anhumense foi ocupado pela criação de gado de corte, merecendo destaque as fazendas de propriedade das famílias Medeiros, Vieira e Silva, e Jubran, primeiros colonizadores, que ocupavam extensas áreas do município. Posteriormente chegou em Anhumas a família Arruda, também detentora de imensas propriedades.

As posses firmadas por essas famílias conferiram a elas o *status* de pioneiros e famílias tradicionais do município, embora os membros delas tenham residido somente em Presidente Prudente, freqüentando as propriedades apenas durante parte da semana.

Entre os pioneiros que contribuíram diretamente para a formação e evolução do município, residentes no local, se destacaram pequenos comerciantes, membros das famílias Lopes Martins, Aran Rodrigues, Pivaro, entre outras.

O cenário político de Anhumas sempre foi marcado por intensas disputas de grupos políticos locais, apoiados por fazendeiros com posses de terra no município. Durante um longo período, de 1954 a 1980, ocuparam o cargo de prefeito os senhores Patrocínio Martins e Segundo Manoel Gardin, com o apoio de fazendeiros, alternando-se na função, seguidos pela senhora Maria Ruiz Martins esposa de Martins, sendo sucedidos por filhos e afilhados políticos de Martins e Gardin. Em função dessas disputas, durante o período militar o local teve um interventor, nomeado pelo Governo Carvalho Pinto. O interventor que ocupou o cargo de prefeito por 3 anos era membro da família Arruda, uma das primeiras colonizadoras da área.

Ao longo da evolução da região da Alta Sorocabana, as atividades agropecuárias de Anhumas acompanharam as mudanças pelas quais passou a região, cumprindo os ciclos de ascensão e crises agrícolas da madeira, do algodão, do amendoim, da mamona e de outros cereais cultivados na região.

Após os anos 90, Anhumas passou por intensas mudanças no uso do solo do espaço rural. As pequenas propriedades continuam sendo “engolidas” pelo latifúndio e os pequenos produtores reduzidos pela ausência de terra para o cultivo e pela falta de linhas de crédito rural, acessíveis a essa categoria de produtores. As grandes propriedades estão sendo ocupadas pela cultura da cana-de-açúcar, em função da demanda pelo álcool combustível, ampliada em consequência do aumento da frota de veículos bi-combustíveis no país e da exportação tanto do álcool quanto do açúcar.

Nos últimos dois anos os fazendeiros do município tentaram inserir o cultivo da soja, assim como no Pontal do Paranapanema, como alternativa para impedir as ações dos

movimentos sociais. Foram, porém, surpreendidos pelo período de estiagem, pelo qual a região passou, culminando na perda da produção de vastas áreas de cultivo. Essas perdas também ocorreram em função do despreparo das propriedades e pela ausência de equipamentos de irrigação e infraestrutura adequada.

O município de Anhumas possui uma extensão territorial de 321,7 Km<sup>2</sup>. De sua população de 3524 habitantes (FIBGE, 2000), 2691 residem na área urbana e 833 na rural. A taxa de urbanização de Anhumas, de 76,4, em 2000, tem-se apresentado crescente, a partir da emancipação do município, e de forma mais acelerada no período recente, com o esvaziamento rural do município.

Em Anhumas, o comércio oferece a maior parte dos serviços básicos e as condições de acesso a centros urbanos maiores são garantidas pelas rodovias que interligam a região.

### **2.3. A Evolução da Estrutura Fundiária de Anhumas**

O processo de ocupação da área do município de Anhumas é caracterizado pela presença de dois elementos relevantes: a atuação das famílias, com fortes ligações com os desbravadores e a atuação das empresas de colonização.

Desde fins do século XIX, ocupavam a área as famílias de Domingos Ferreira de Medeiros e José Custódio Vêncio, que por sua vez possuíam parentesco com o próprio José Teodoro de Souza, principal responsável pela ocupação dessa parte Sudoeste do Estado de São Paulo<sup>6</sup>.

A partir de 1922 tem início a ação da Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, com as vendas de lotes e glebas, constituindo o patrimônio que, posteriormente (1954), veio a ser o município de Anhumas.

---

<sup>6</sup> Maiores informações a respeito ver MONBEIG, 1984 e LEITE, 1998.

Assim, num primeiro momento, a área que compunha o município foi ocupada por grandes fazendas (1960), e num segundo momento (1970), pelo retalhamento em glebas, empreendidas pela empresa de colonização, configurando a presença do aumento da quantidade de propriedades com tamanho de até 100 ha.

Para a análise da estrutura fundiária do município de Anhumas, foi tomado o período pós 1960, uma vez que a emancipação do município ocorreu em 1954. Os dados de fontes secundárias foram selecionados a partir de levantamento realizado junto às publicações do IBGE e da FIBGE: Censos Agrícolas do Estado de São Paulo de 1960, Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985, e 1995/96 e INCRA- Relação de Certificados de Cadastros de 1999 e 2002. A análise das séries históricas no período selecionado indica uma crescente concentração de terras, com redução do número de estabelecimentos e aumento da área ocupada por grandes propriedades rurais.

A concentração existente no ano de 1960 aumentou nas décadas subseqüentes, conforme demonstram os dados dos Censos Agropecuários da FIBGE e Relação de Certificados de Cadastros do INCRA. Tal processo pode ser verificado nas Tabelas 2.1. e 2.2 a e b, onde está apresentada a evolução da estrutura fundiária concernente ao número de estabelecimentos e à área ocupada por estes no município de Anhumas, (em valores absolutos e por participação) bem como o número de imóveis rurais<sup>7</sup> e a área ocupada por estes, Tabelas 2.3. e 2.4. (em valores absolutos e por participação).

---

<sup>7</sup> “O imóvel rural é definido, nos termos das Estatísticas Cadastrais do INCRA, como “o prédio rústico”, de área contínua, formado de uma ou mais parcelas de terra, pertencentes a um mesmo dono, que seja ou possa ser utilizado em exploração, agrícola, pecuária, extrativa vegetal ou agroindustrial (1974 IX). O conceito de imóvel rural foi instituído pelo INCRA e é utilizado como Cadastro de Imóveis Rurais como uma medida de propriedade; assim sendo, distingue-se do conceito de estabelecimento, utilizado pela FIBGE, nos Censos Agropecuários, uma vez que este último diz respeito a uma unidade administrativa, onde se processa uma exploração agropecuária. Dessa forma, uma propriedade totalmente inexplorada é computada pelo Cadastro de Imóveis Rurais como *Imóvel Rural*, não sendo registrada, porém, pelo Censo da FIBGE como estabelecimento, e nem mesmo catalogada, dado que é inexplorada. Também, enquanto áreas de parceria “autônoma” e de arrendamento são consideradas como unidades distintas (dois estabelecimentos - FIBGE); de acordo com o critério do INCRA constituem uma única unidade (um imóvel).” (MIRANDA COSTA e PAULINO, 1992, p.122, rodapé).

**Tabela 2.1: Evolução do número de estabelecimentos e de sua participação por estrato de área em ha (1960-1996)**

Anos	Menos de 10		Mais de 10 a 20		Mais de 20 a 50		Mais de 50 a 100		Mais de 100 a 200		Mais de 200 a 500		Mais de 500 a 1000		Mais de 1000		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1960	608	65,2%	140	15,0%	122	13,1%	28	3,0%	20	2,1%	6	0,6%	6	0,6%	2	0,2%	932	100
1970	302	51,8%	89	15,3%	110	18,9%	44	7,5%	19	3,3%	8	1,4%	6	1,0%	5	0,9%	583	100
1975	72	23,2%	61	19,7%	92	29,7%	37	11,9%	23	7,4%	16	5,2%	4	1,3%	5	1,6%	310	100
1980	41	14,0%	63	21,6%	88	30,1%	50	17,1%	23	7,9%	19	6,5%	3	1,0%	5	1,7%	292	100
1985	48	17,8%	31	11,5%	88	32,6%	50	18,5%	25	9,3%	19	7,0%	4	1,5%	5	1,9%	270	100
1996	22	8,5%	52	20,2%	83	32,2%	43	16,7%	22	8,5%	26	10,1%	5	1,9%	5	1,9%	258	100

Fonte: FIBGE - Censo Agrícola de 1960; Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/96.

Os dados disponíveis no Censo Agrícola de 1960 demonstram que, nesse período, havia uma quantidade restrita de grandes estabelecimentos ocupando uma vasta porção de terras e um grande número de pequenos estabelecimentos ocupando áreas reduzidas.

Os estabelecimentos com área inferior a 20 ha. perfaziam 80,2% do número de estabelecimentos e ocupavam somente 21,4% da área total dos estabelecimentos agropecuários no ano de 1960, enquanto os estabelecimentos com área superior a 500 ha., no mesmo ano, representavam somente 0,8% do número total e possuíam 27,2% da área dos estabelecimentos.

**Tabela 2.2a : Evolução da área ocupada pelos estabelecimentos distribuídos por estrato de área em ha (1960-1996)**

Anos	Menos de 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20 a 50	Mais de 50 a 100	Mais de 100 a 200	Mais de 200 a 500	Mais de 500 a 1000	Mais de 1000	Total
1960	3.363	2.008	3.900	1.938	2.757	2.372	4.104	2.747	25.149
1970	2.457	1.287	3.473	3.104	2.509	2.821	4.253	10.942	32.816
1975	472	917	3.057	2.527	3.099	5.337	2.783	11.038	31.205
1980	279	981	2.987	3.500	3.225	6.539	2.081	10.551	32.123
1985	264	922	3.057	3.484	3.497	5.990	3.270	10.702	33.171
1996	126	786	2.793	3.027	2.777	8.285	3.809	9.552	33.151

Fonte: FIBGE - Censo Agrícola de 1960; Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/96.

Em 1970, os estabelecimentos com área inferior a 20 ha, perfaziam 67,1% do número total de estabelecimentos e ocupavam 11,4% da área total, ao passo que os estabelecimentos com área superior a 500 ha, perfaziam 1,9% do número total e ocupavam

46,3% da área total. Verifica-se que, em relação ao período analisado anteriormente, os estabelecimentos com área inferior a 20 ha perderam a sua representatividade tanto em termos de número quanto em termos de área ocupada. Já os enquadrados nos estratos de maior área ampliaram sua participação.

**Tabela 2.2b : Evolução da participação da área ocupada pelos estabelecimentos distribuídos por estrato de área em ha (1960-1996)**

Anos	Menos de 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20 a 50	Mais de 50 a 100	Mais de 100 a 200	Mais de 200 a 500	Mais de 500 a 1000	Mais de 1000	Total
1960	13,4%	8,0%	15,5%	7,7%	11,0%	9,4%	16,3%	10,9%	100,0%
1970	7,5%	3,9%	10,6%	9,5%	7,6%	8,6%	13,0%	33,3%	100,0%
1975	1,5%	2,9%	9,8%	8,1%	9,9%	17,1%	8,9%	35,4%	100,0%
1980	0,9%	3,1%	9,3%	10,9%	10,0%	20,4%	6,5%	32,8%	100,0%
1985	0,8%	2,8%	9,2%	10,5%	10,5%	18,1%	9,9%	32,3%	100,0%
1996	0,4%	2,4%	8,4%	9,1%	8,4%	25,0%	11,5%	28,8%	100,0%

Fonte: FIBGE - Censo Agrícola de 1960; Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/96

Tabela construída a partir das informações presentes na tabela anterior: 2.2b

Em 1975, os estabelecimentos com área inferior a 20 ha perfaziam 42,9% do número total e ocupavam somente 4,4% da área total. Por outro lado, os estabelecimentos com área superior a 500 ha perfaziam 2,9% do número total de estabelecimentos e ocupavam uma área de 44,3% da área total dos estabelecimentos. Nesse contexto, verifica-se que, com relação ao ano de 1970, os estabelecimentos com menos 20 ha perderam mais uma vez a sua participação tanto em número quanto em área, ao passo que os estabelecimentos com mais de 500 ha ganharam participação em número, porém perderam em área.

Dessa forma, verifica-se que entre 1970 e 1975, os estabelecimentos que mais obtiveram participação foram aqueles que possuíam entre mais de 200 e 500 ha. Ressalta-se que em 1970 perfaziam 1,4% dos estabelecimentos e ocupavam 8,6% da área total dos estabelecimentos, passando a perfazer em 1975, 5,2% dos estabelecimentos e a ocupar 17,1% da área total dos estabelecimentos, representando um crescimento, tanto em número quanto em área ocupada, do total dos estabelecimentos agropecuários.

Em 1980, os estabelecimentos agropecuários com menos de 20 ha perfaziam 35,6% do total de estabelecimentos e ocupavam uma área de apenas 4,0% do total, enquanto os estabelecimentos com área superior a 500 ha perfaziam 2,7% do total do número de estabelecimentos, e ocupavam uma área de 39,3%.

Desse modo, verifica-se que em relação a 1975, tanto os estabelecimentos com área inferior a 20 ha, quanto os com área superior a 500 ha, sofreram uma redução da sua participação tanto em número como em área ocupada. Constatou-se pela análise das Tabelas 2.1 e 2.2 a e b que, no ano de 1980, os estabelecimentos que ganharam maior participação quanto ao número de estabelecimentos e quanto à área ocupada foram aqueles situados nos estratos entre 50 a 500 ha, em prejuízo dos demais estratos de área.

No ano de 1985, os estabelecimentos com área inferior a 20 ha perfaziam 29,3% do total de estabelecimentos e ocupavam uma área de apenas 3,6% do total, ao passo que os estabelecimentos com área superior a 500 ha, perfaziam 3,4% do total e ocupavam uma área de 42,2%. Nota-se desta forma que os estabelecimentos com menos de 20 ha, obtiveram um pequeno acréscimo quanto ao número, no entanto continuaram a perder a sua participação em área, ao passo que os estabelecimentos com área superior a 500 ha, obtiveram acréscimo em sua participação tanto em número quanto em área.

Em 1995/96, os estabelecimentos com área inferior a 20 ha perfaziam 28,7% do número total de estabelecimentos e ocupavam uma área de somente 2,8% do total, enquanto os estabelecimentos com área superior a 500 ha, perfaziam 3,8% e, ocupavam uma área de 40,3%. Os estabelecimentos com área inferior a 20 ha perderam a sua participação tanto em número quanto em área, ao passo que os estabelecimentos com área superior a 500 obtiveram um acréscimo na participação quanto ao número e perderam quanto a área ocupada.

Entre 1985 e 1996, os estabelecimentos que obtiveram maior participação foram aqueles que possuíam entre mais de 200 e 500 ha.; em 1985 perfaziam 7,0% do número de

estabelecimentos e ocupavam uma área de 18,1% da área total dos estabelecimentos, passando a perfazer 10,1% do número de estabelecimentos e ocupar 25,0% da área total dos estabelecimentos em 1996.

Contudo para a continuidade da análise da estrutura fundiária de Anhumas, em função da ausência de publicações do Censo Agropecuário da FIBGE, a partir de 1996, foram utilizadas informações coletadas junto ao INCRA, para os anos de 1999<sup>8</sup> e 2002. Apesar da metodologia utilizada pelas duas instituições ser diferente, tal análise visa suprir a falta de informações sobre o último período.

**Tabela 2.3: Evolução do Número de Imóveis Rurais e de sua participação por estrato de área em ha (1999-2002)**

Anos	Menos de 10		Mais de 10 a 20		Mais de 20 a 50		Mais de 50 a 100		Mais de 100 a 200		Mais de 200 a 500		Mais de 500 a 1000		Mais de 1000		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1999	34	10,5%	61	18,8%	118	36,4%	49	15,1%	27	8,3%	24	7,4%	6	1,9%	5	1,5%	324
2002	24	11,4%	44	20,9%	74	35,1%	34	16,1%	16	7,6%	12	5,7%	5	2,4%	2	0,9%	211

Fonte: INCRA: 1999 e 2002.

Segundo os dados do INCRA, no ano de 1999 os imóveis rurais com tamanho inferior a 20 ha, representavam 29,3% do número de imóveis, ocupando uma área de 3,4% do município. Neste período observa-se presença significativa do número de imóveis com tamanho entre mais de 20 e 50 ha: 29,3% dos imóveis rurais, representando 11,0% da área ocupada.

**Tabela 2.4: Evolução (em valores absolutos e participação) da área ocupada pelos Imóveis Rurais distribuídos por estrato de área em ha (1999-2002)**

Anos	Menos de 10		Mais de 10 a 20		Mais de 20 a 50		Mais de 50 a 100		Mais de 100 a 200		Mais de 200 a 500		Mais de 500 a 1000		Mais de 1000		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1999	182	0,5%	1.010	2,9%	3.841	11,0%	3.591	10,3%	3.386	9,7%	7.361	21,1%	4.861	14,0%	10.578	30,4%	34.810
2002	103	0,3%	894	2,6%	1.440	4,3%	1.621	4,8%	4.356	12,9%	8.362	24,7%	4.235	12,5%	12.852	38,0%	33.863

Fonte: INCRA: 1999 e 2002.

<sup>8</sup> As informações coletadas para os anos de 1999 e 2002, são procedentes da Relação de Certificados de Cadastros, "Notificações de Imóveis Rurais Emitidos em Anhumas" do INCRA, em razão da ausência de Censo Agropecuário posteriormente a 1996.

A partir de informações do INCRA, para 1999, relativas ao número e à área total ocupada por imóveis distribuídos por estrato de área, observa-se que, tomando, de um lado os imóveis com menor área e, de outro, os com maior área, temos 29,3% de imóveis com até 20 ha e 3,4% com mais de 500ha, os primeiros ocupando 3,4% da área e os segundos 44,4%, evidenciando a alta concentração da propriedade da terra. Observa-se, também, que em 1999 a maior incidência de imóveis está no estrato entre mais de 20 a 50 ha, com uma participação de 36,4% em relação ao número de imóveis, ocupando, no entanto, apenas 11,0% da área. Chama a atenção o fato de que no estrato de mais de 1.000 ha, apenas 5 imóveis, 1,5% do total dos imóveis, ocupam 30,4% da área.

Os imóveis com tamanho superior a 50 e inferior a 100 ha correspondem 15,1% dos imóveis rurais, ocupando uma área de 10,3%. Os imóveis com tamanho superior a 100 e inferior a 200 ha, representavam, em 1999, 8,3% do total e ocupavam uma área de 9,7% do espaço rural do município. Já os imóveis rurais com tamanho superior a 200 e inferior a 500 ha, representavam 7,4% dos imóveis e correspondiam a 21,1% da área.

O conjunto dos imóveis, com tamanho superior a 500 e inferior a 1000 há, representa 1,9% dos imóveis rurais, perfazendo uma área ocupada de 14,0%. Finalmente, os imóveis com tamanho superior a 1000 ha representam apenas 1,5% do total, mas ocupam uma área de 30,4% da área rural do município de Anhumas.

No ano de 2002 os imóveis com tamanho inferior a 20 ha representavam 32,3% do total, ocupando uma área de 2,9%. Em comparação com 1999, houve redução do número de imóveis – de 95 para 68 – e da área ocupada – de 1.192 para 997 ha. Os imóveis com tamanho superior a 20 e inferior a 50 ha representam o estrato de maior incidência, perfazendo 35,1%; contudo, a área por eles ocupada representa apenas 4,3% da área total.

Os imóveis com tamanho com mais de 50 até 100 ha, representam 16,1% dos imóveis e totalizam 4,8% da área. Portanto, reduziu-se o número e a área ocupada de 1999 a 2002, passando de 49 para 34 imóveis e a área, de 3.591 para 1621 ha.

Os imóveis com extensão superior a 100 e inferior a 200 ha representam 7,6%, ocupando uma área de 12,9%. Embora o número tenha se reduzido, de 27 para 16, a área ocupada aumentou, em comparação a 1999, passando de 3.386 para 4.356 ha.

Nos imóveis com tamanho superior a 200 e inferior a 500 ha houve uma redução em número da ordem de 50,0%, passando de 24 para 12 imóveis, estes representando 5,7% do total. No entanto, ampliou-se a área ocupada, de 7.361 para 8.362 ha, estes, ocupando uma área de 24,7%.

Quanto aos imóveis rurais com tamanho superior a 500 e inferior 1000 ha, esses representam 2,4% do total, ocupando uma área de 12,5%. Houve redução do número – de 6 para 5 – e de área ocupada – de 4.861 para 4.235, tomando-se por referência 1999.

No que se refere aos imóveis com tamanho superior a 1000 ha, houve uma redução de 5 para 2 no número. Fica clara a concentração, quando se observa, simultaneamente, a redução do número de imóveis e a ampliação da área ocupada, que passa de 10.578, em 1999 para 12.852, representando 38,0% da área total.

Portanto, analisando a estrutura fundiária do município de Anhumas no período 1960-1996 e 1999-2002, verifica-se que, de modo geral, ocorre uma intensificação da concentração fundiária.

### **3. O MUNICÍPIO DE ANHUMAS E SEUS BAIRROS RURAIS: HISTÓRIA E MEMÓRIA**

#### **3.1. Origem, Formação e Evolução dos Bairros Rurais de Anhumas**

A identificação do contexto histórico e geográfico do processo evolutivo dos bairros rurais de Anhumas apresenta-se como elemento fundamental para a compreensão de suas especificidades. Por isso será apresentada a história e a trajetória de cada um dos bairros: Palmitalzinho, Noite Negra, Vila Maria, Cavado e Paineiras, analisados neste trabalho. Na caracterização dessa trajetória serão considerados os principais elementos que contribuíram para a formação e para a implantação de atividades e de formas de relacionamento desenvolvidas no espaço rural ao longo do tempo.

##### **3.1.1. A constituição do Bairro Rural Palmitalzinho**

O bairro Palmitalzinho tem seu início na década de 1930, segundo informações dos filhos de antigos moradores da localidade<sup>9</sup>.

Para justificar a origem do nome do bairro são apresentadas duas versões, de acordo com as investigações de campo sobre o assunto, uma vez que não existem registros na bibliografia sobre a região de Presidente Prudente.

De acordo com as informações fornecidas por moradores de Palmitalzinho, o bairro teve sua origem em 1930, com a chegada de um grupo de migrantes vindos do município de Palmital, região oeste do Estado de São Paulo. Esses migrantes se instalaram no local em busca de novas oportunidades de trabalho e o sonho de se tornarem proprietários do espaço onde iriam plantar e poder estabelecer o futuro de seus descendentes. Em sua maioria esses

---

<sup>9</sup> Não foram localizadas publicações referentes à região de Presidente Prudente que abordem especificamente a formação dos bairros rurais de Anhumas.

migrantes eram descendentes de italianos e buscavam desenvolver, na nova localidade, um ambiente de integração entre parentes, amigos e conhecidos.

“(…) O pessoal veio de Palmital, as famílias lá da região de Palmital, perto de São Paulo. Então chegaram aqui, uma porção de família, então falaram que ia formar um Palmitalzinho, né. Era só mata aqui, só mata, tudo isso aqui. Ai quando registro.... quando passô a município e foram registrá o bairro, então ficou Palmitalzinho” (Morador de Palmitalzinho, 67 anos – julho de 2005).

A área onde teve início Palmitalzinho era coberta por mata nativa, onde os primeiros moradores desenvolveram como atividades agrícolas culturas de subsistência e o café. Quando da derrubada da mata, o café era cultivado intercalado com culturas como o arroz e o feijão. Dessa forma, o espaço cultivado era duplamente aproveitado, garantindo a alimentação dos moradores e o desenvolvimento do café, como cultura comercial.

O cultivo do café esteve presente em Palmitalzinho desde o início da ocupação da área, de tal forma que, atualmente, embora tenha sido reduzido, ainda representa uma cultura significativa na agricultura local.

Segundo outra versão sobre a origem do bairro, fornecida por outros moradores, essa denominação se deve ao fato de haver na localidade, uma intensa presença de árvores que produziam o palmito.

Um dos primeiros moradores de Palmitalzinho, o senhor Atílio Albertini, segundo depoimento de sua filha, chegou ao local em 1932, momento em que ainda não havia a capela do bairro. Por ser um homem religioso, ministrava aulas de catecismo em sua própria casa, aos filhos de vizinhos e sobrinhos que ali chegaram juntamente com sua família. As celebrações religiosas eram realizadas entre os moradores (terços e rezas), enquanto a missa era celebrada uma vez por mês, por um padre da vizinha cidade de Regente Feijó, utilizando

como templo religioso o galpão onde a família Albertini armazenava o café e os cereais colhidos na propriedade.

Em virtude da ausência de escola, um irmão do senhor Albertini ensinava o pouco que sabia aos vizinhos, adultos e crianças.

Com a ajuda e a colaboração dos moradores do bairro foi iniciada a construção da primeira capela em meados da década de 1930. A solidariedade existente entre os moradores do bairro facilitou o início da construção da capela. Devido ao fato de ter conhecimentos sobre carpintaria, o senhor Albertini coordenou os trabalhos de construção, enquanto os demais vizinhos colaboravam com mão-de-obra e doações para a aquisição do material utilizado na obra.

Durante o período em que construía a capela, o próprio Albertini organizou a formação de um Coral Gregoriano, que se apresentou em público pela primeira vez em meados de julho de 1937, durante a missa de inauguração da capela (Foto 01).



Fonte: Acervo Particular de Morador do Bairro – Julho de 1937

**Foto 01 – Primeira Capela do Bairro Palmitalzinho**

Com a inauguração da capela, os moradores de Palmitalzinho organizaram a Liga do Menino Jesus e a Congregação Mariana. Tais organizações religiosas demonstram que as pastorais religiosas encontram-se presentes no bairro desde o seu início, tendo na atualidade um papel muito importante na esfera local e municipal de Anhumas.

O padre responsável pelas celebrações na capela continuou a comparecer mensalmente na comunidade, incentivando a organizações de festas religiosas que arrecadavam recursos para a manutenção da capela e financiamento das despesas referentes ao deslocamento do pároco. As festas eram realizadas anualmente, no mês de outubro, tendo como padroeira Nossa Senhora Aparecida.

Divididos em comissões, os ministros da capela visitavam as casas do bairro em busca de prendas (frangos, leitoas, novilhos e alimentos), que eram consumidas nas festas ou leiloadas entre os freqüentadores.

“(…) Então fazia aquela festa e fazia leitão e, depois fazia leilão e então fazia uma procissão, os andor, tudo com o santo. Fazia ao redor da capela” (Moradora de Palmitalzinho, 76 anos – Julho de 2005).

Em função da necessidade de pessoas para ajudarem na organização e execução das festas da Santa Padroeira, no dia em que estas ocorriam a missa era celebrada na véspera, mantendo-se este procedimento até hoje. De certo modo, o envolvimento de quase todos os moradores de Palmitalzinho com a festa impedia que as celebrações ocorressem simultaneamente à missa.

De acordo com Queiroz, (1973):

A festa religiosa, por exemplo, que é o meio por excelência de promover uma reunião entre os vizinhos, só é possível quando todos os habitantes do

bairro se congregam e reúnem suas dádivas (isto é, assumem coletivamente a responsabilidade pela realização econômica da festa), a fim de realizá-la; à medida que os habitantes do bairro vão se eximindo das obrigações, ou são forçados a renunciar a elas, a festa não é mais possível, e o bairro entra em decadência, como bairro. (QUEIROZ, 1973, p. 133).

A partir de 1980 ocorreu uma intensa migração de moradores para a área urbana de Anhumas e municípios vizinhos. Esse esvaziamento rural<sup>10</sup> propiciou uma série de mudanças na comunidade. As festas da Santa Padroeira ainda ocorrem, no presente, contudo em outras épocas do ano. São organizados almoços beneficentes para arrecadar recursos e contribuir com a manutenção da capela. Se por um lado a tradição religiosa e cultural foi mantida, por outro, houve a necessidade de novos arranjos e adaptações na esfera local.

Assim sendo, passaram a ser utilizadas diversas estratégias, praticadas atualmente, pelos moradores para manterem a tradição do bairro rural. Entre as mudanças está a realização de almoços beneficentes, três ou quatro vezes ao ano. Se no início a presença da população local era suficiente para colaborar com a manutenção das atividades religiosas, atualmente os almoços representam um artifício para atrair a população da área urbana de Anhumas e dos municípios vizinhos. A participação nos almoços propicia um momento de reencontro com ex-moradores do bairro, lazer e descontração aos frequentadores. O momento de reencontro com os amigos, muitos deles parentes, é relatado com grande satisfação por aqueles que ainda residem em Palmitalzinho.

“(...) é tudo parente, é quase tudo parente. Porque tudo as famílias tem parente casado com os outros. Todos os sitiantes tem alguns morando, muitos saíram, mas...Eu morei 20 anos em São Paulo, mas retornei e estou aqui até hoje, e vejo as festas com muita satisfação.” (Moradora de Palmitalzinho, 76 anos – Julho de 2005).

---

<sup>10</sup> Ver Apêndice III, item 3.

As festas retratam a memória do bairro que apesar de ter passado por algumas mudanças, manteve elementos característicos da cultural rural, nos dias atuais.

### **3.1.2. A formação do Bairro Noite Negra**

Para resgatar um pouco da história e da memória de Noite Negra foi necessário recorrer aos relatos de moradores que residem no local há alguns anos. Desse modo, as informações fornecidas por antigos moradores indicaram que o bairro teve seu início na década de 1920.

Nessa época, grupos de descendentes de italianos começaram a chegar no local sendo, em sua maioria, provenientes das regiões de São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e Araraquara, destacando a presença de moradores oriundos das cidades de Monte Azul Paulista, Guariba, Jaboticabal, Araraquara e Catanduva<sup>11</sup>.

Entre os produtos agrícolas cultivados em Noite Negra, no início da ocupação, estavam o milho, o arroz, o feijão, o café, o algodão, a mamona e a mandioca. Essas culturas eram desenvolvidas de forma intercalada.

Outras atividades – construções, conservação de vias de acesso - marcavam o cotidiano dos moradores dessa área. Eram longas jornadas de trabalho enfrentadas pelos moradores de Noite Negra, no intuito de superarem as dificuldades que a nova área impunha a esses agricultores, conforme pode ser observado no relato desses sujeitos.

“Nós trabalhava 12 horas, 15 horas por dia né. Levantava às 4 da manhã e ia até as 9 horas da noite. Na colheita do café, as vezes tava abanando café, tava abanando café na roça. Não era ganância não, aproveitava o tempo, porque na agricultura é uma coisa ... podendo fazê ... não se sabe amanhã o que

---

<sup>11</sup> Maiores informações sobre a origem dos migrantes que inicialmente ocuparam a região, ver SALUM JR, 1982.

vai vim, uma chuva ... hoje a lavoura ta bom o tempo, vamo colhe, vamo colhe.” (Morador de Noite Negra, 86 anos – Julho de 2005).

O nome Noite Negra é explicado pelas características que o local apresentava no momento da chegada dos primeiros moradores. Segundo o senhor Benedito Marrafon, 84 anos, baseado em relatos de seu pai, com a abertura das primeiras “picadas” no meio do mato, para o preparo das plantações, mesmo nas noites de lua cheia, o local apresentava um aspecto muito escuro, devido à declividade do terreno.

“(…) E naquele tempo era assim, tudo mato. Então quando ele veio mora aqui ... aí meu pai pegou ... era muito escura aí nessa Noite Negra, era tudo mato. Então puseram o nome Noite Negra. Por isso ninguém mais tirou até hoje. [...] Aí veio um padre reza a missa, ele queria por o nome de Água do Céu aí na Noite Negra ... trocando o nome, mas isso não pegou e até hoje chama Noite Negra. Isso deve ter uns 80 anos que foi posto o nome Noite Negra” (Morador de Noite Negra, 84 anos - Julho de 2005).

As explicações do senhor Marrafon sobre a origem do nome do bairro coincidem com as informações prestadas por outros moradores atuais, como os senhores Luis Ricci, (86 anos), Candido Ricci (74 anos) e a senhora Luiza Cacefo, (70 anos) .

“Era um lugar meio baixo, feito à picada antiga antigamente, na beira do corguinho, 50 metros pra cima, o lugar era escuro por natureza, mesmo depois de derrubado o mato, mais era um lugar escuro e ficou com o nome Noite Negra. Mesmo com noite de lua cheia representava a escuridão. Quando fizeram o picadão, era escuro, mais ainda ... puseram esse nome porque era mais escuro que outro lugar. Podia ser Monte Negro ... mais é Noite Negra. Se tivesse seguido o outro nome ... eles queriam por Água do Céu, mas não ficou dois meses ... ninguém acostumou” (Morador de Noite Negra, 74 anos - Julho de 2005).

Com a abertura das primeiras clareiras no meio da mata, utilizando como instrumentos foices e machados, os moradores desenvolveram como primeira atividade agrícola, o plantio de café.

Os primeiros habitantes de Noite Negra residiam em casas rústicas, feitas de madeira bruta, extraída no local. Eram casas grandes que abrigavam famílias numerosas, compostas por pais, filhos, sobrinhos, tios, netos, primos e algumas vezes agregados, que trabalhavam nas lavouras que se desenvolviam.

Em virtude da ausência de infra-estrutura no local, os moradores de Noite Negra adquiriam utensílios e mantimentos nas cidades de Regente Feijó e de Presidente Prudente<sup>12</sup>. Mesmo distando apenas 8 quilômetros de Anhumas, esta pelo fato de ainda não existir enquanto cidade, não atendia às necessidades de compra dos moradores, sendo apenas um pequeno aglomerado que também dependia de outros centros urbanos próximos<sup>13</sup>. Mesmo as cidades vizinhas dispunham de pouca infra-estrutura, conforme afirmam os moradores entrevistados.

“Quando o meu pai veio mora aqui, Presidente Prudente só tinha o nome de cidade e uns ranchinhos, o resto tava tudo pra fazê ... só tinha o nome da cidade e mais nada. Ia busca arroz à cavalo em Regente, [Regente Feijó] chegava lá ... hoje não tem, vem amanhã a tardinha ... chegava lá já tinha acabado; e ia busca pelo picadão, não tinha estrada” (Morador de Noite Negra, 84 anos – Julho de 2005).

Em 1927 um morador do bairro, membro da família Ricci, instala no local uma pequena venda que servia de entreposto aos moradores na aquisição de mercadorias provenientes da área urbana, destacando-se produtos como: açúcar, sal, ferramentas e querosene. No local onde foi instalada a venda ainda hoje é possível observar a construção em ruínas, estando esse imóvel próximo à capela e ao salão de festas.

Além de servir como posto de revenda de produtos aos habitantes de Noite Negra, a “venda” possuía um campo de bocha, que atraía os moradores aos domingos para jogar bocha e baralho antes e após ao almoço, representando um espaço de sociabilidade entre os moradores do bairro.

<sup>12</sup> Essas cidades são distantes de Noite Negra, respectivamente 20 e 18 quilômetros.

<sup>13</sup> Até 1954 Anhumas foi distrito de Presidente Prudente.

O início da construção da capela ocorreu em 1932, quando o senhor Paschoal Ricci, fez a doação de um terreno. Os moradores se reuniram e iniciaram a construção de um modesto templo para as práticas religiosas do local. Ao lado da capela, futuramente seria construída a primeira escola rural do bairro. Essa escola funcionou até meados de 1985, quando foi desativada definitivamente.

“Foi no terreno do meu pai que foi construída a primeira escola, a primeira igreja. No sítio do Paschoal Ricci, foi fundada a primeira escolinha e a primeira igreja” (Moradora de Noite Negra, 70 anos - Julho de 2005).

Com a construção da capela do bairro as celebrações religiosas começaram a ocorrer no templo local. A capela recebeu como padroeiro Santo Antonio, em função do que passou a ser realizada, todos os anos, uma festa tradicional em louvor ao padroeiro, no dia 13 de junho, momento em que moradores do bairro, de bairros vizinhos, da área urbana de Anhumas, ex-moradores do local e residentes em outras cidades participam das festividades, do almoço beneficente e também dos leilões, que arrecadam recursos utilizados durante o ano todo para custear as despesas das práticas religiosas locais. Vale ressaltar que, atualmente uma parte dos recursos adquiridos com a realização da festa de Santo Antonio permanece na capela; o restante é dividido entre as paróquias de Anhumas e de Pirapozinho, uma vez que a capela se encontra localizada no limite dos referidos municípios. Portanto os padres das duas paróquias freqüentam e celebram na capela Santo Antonio.

Assim como em Palmitalzinho, a capela de Noite Negra possui uma comissão de pessoas encarregadas de arrecadar as prendas para a festa do padroeiro e de organizar todas as atividades para receber os visitantes, embora todas as tarefas referentes à organização das festas fossem devidamente divididas entre os demais moradores do bairro.

Esse tipo de manifestação é registrado por Antonio Cândido, (2003):

Toda esta gente se recruta no bairro, cuja população é levada, deste modo, não apenas a convergir para a capela periodicamente, participando das rezas, dos leilões e das relações decorrentes, mas, ainda, a assumir encargos no interesse da coletividade dispersa e unida por semelhantes práticas. (CANDIDO, 2003, p. 97)

Os preparativos para as comemorações se iniciavam na véspera, com o preparo do ambiente da festa e as comidas que seriam consumidas pelos visitantes. No dia da festa era celebrada uma missa pelo padre de Anhumas e, após o término desta, são servidos os alimentos, num almoço beneficente no período da manhã<sup>14</sup>. A festa continuava durante o dia todo, ocorrendo no período da tarde o leilão de bovinos, carneiros, suínos, além de bingos, sendo oferecidos como prêmios: leitoa asada, doces caseiros, eletrodomésticos e animais vivos.

A tradição da festa de Santo Antonio é tamanha que no ano de 2005 os organizadores do evento estimaram que estiveram presentes aproximadamente 1800 pessoas<sup>15</sup>.

As declarações dos participantes das festas de Santo Antonio revelam, no momento presente, um intenso sentimento de nostalgia e prazer em freqüentar e participar das atividades religiosas, representando também um momento de lazer.

“Eu venho aqui todos os anos porque é um momento de reencontrar velhos amigos, observar os lugares semelhantes ao que eu vivi quando criança, fugir da rotina da cidade, aproveitar as comidas típicas do campo e mostrar aos meus filhos como o campo guarda muitas coisas interessantes que não temos a oportunidade de desfrutar na cidade” (Participante da festa de Santo Antonio, 56 anos – Junho de 2005).

---

<sup>14</sup> Durante o almoço são servidos alimentos como frango assado, leitoa recheada, churrasco bovino, arroz temperado e farofa.

<sup>15</sup> Os participantes da festa de Santo Antonio consumiram 280 frangos assados (aproximadamente 336 quilos de carne), 42 leitoas (630 quilos), 190 quilos que carne bovina, 1700 coxinhas, 125 quilos de arroz e 700 pastéis.

A aglomeração das pessoas em torno da festa de Santo Antonio e o envolvimento de freqüentadores, muitos provenientes de outras cidades vizinhas a Anhumas, demonstra que a cultura local do bairro ainda representa um grande atrativo para pessoas em busca de lazer no meio rural, aliado à oportunidade de envolvimento com atividades que fizeram parte da memória dessas pessoas, muitas delas com origem em Noite Negra ou outras áreas rurais. Essa busca é demonstrada quando os visitantes da festa de Noite Negra são questionados sobre a participação na festa.

### **3.1.3. A história de formação do Bairro Rural Cavado**

A formação do bairro do Cavado coincide com o período de desenvolvimento de Noite Negra, tendo relatos da chegada de moradores na década de 1920.

Eram migrantes descendentes de italianos provenientes das regiões de Sorocaba, de Ribeirão Preto e de Araraquara. Esses migrantes foram atraídos pela expansão da ferrovia na região da Alta Sorocabana, na década anterior. Com o avanço dos trilhos ferroviários na nova região, abriu-se a possibilidade de aquisição e exploração de terras ainda inexploradas.

As primeiras residências ocupadas pelos novos moradores eram feitas de madeira bruta, apresentando construções que abrigavam muitas vezes famílias numerosas, formadas por duas ou três gerações e muitas vezes agregados. De acordo com relatos de um dos ex-moradores de Cavado, na residência de sua família houve época em que residiam 23 pessoas. Nesse momento era comum famílias de migrantes acolherem agregados, como colonos da propriedade e professores que lecionavam para as crianças da vizinhança.

Durante a abertura das primeiras posses de terras, em Cavado, os habitantes do bairro em formação iniciaram o cultivo do café, assim como aconteceu nos demais bairros anteriormente caracterizados.

Em meio ao cultivo dos cafezais, os agricultores plantavam o arroz, o feijão, aproveitando o espaço existente entre os cafeeiros.

“[...] Isso era só pra consumo. Plantava no meio do café. Era difícil plantá uma roça assim ... fora do café. Plantava café e a planta no meio” (Ex-morador de Cavado, 72 anos – Agosto de 2005).

Devido ao isolamento existente entre as populações da região, no período em questão, os sitiantes procuravam constituir propriedades auto-suficientes. As propriedades produziam a maior parte dos produtos que as famílias consumiam. Entre os produtos adquiridos na área urbana estava o sal, o açúcar, as peças de tecidos para a confecção de roupas e o querosene, utilizado como combustível para a iluminação das residências.

Neste momento foi de grande importância a articulação existente entre os sitiantes do bairro em formação, sobretudo entre os grupos de parentesco com atividades na localidade, capazes de articularem as atividades produtivas, propiciando sua reprodução.

O transporte era realizado em carros-de-boi, carroças ou lombo de animais como cavalos e burros. As poucas viagens que os moradores de Cavado realizavam era para a vizinha cidade de Regente Feijó<sup>16</sup>. Alguns moradores que exerciam atividades ligadas ao comércio de animais (tropeiros), realizavam viagens até a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, região Sudoeste do Estado de São Paulo, tanto para a aquisição desses animais quanto para a compra de alguns suprimentos de que necessitavam no campo.

A origem do nome Cavado, embora os moradores não saibam explicar exatamente a procedência, provavelmente seja em função de um pequeno córrego que nasce na direção sudeste do bairro, percorre toda a extensão deste e que recebeu o nome de Córrego do Cavado. Isso porque o traçado do córrego apresenta uma aparência de que estaria cavando a trajetória de todos os córregos que nascem no bairro.

---

<sup>16</sup> O Bairro Cavado fica distante da cidade de Regente Feijó aproximadamente 12 quilômetros.

A primeira escola rural foi construída em 1945 e, de acordo com relatos, o seu funcionamento dependia da colaboração dos moradores do bairro.

“Tinha professora, tinha uma que vinha de longe né, de Agudos, outra de ... não sei de onde que era, mas ficava em casa né” (Depoimento de Ex-Morador de Cavado, 72 anos – Agosto de 2005).

Para o funcionamento da escola os moradores do bairro forneciam, na maioria das vezes, moradia, alimentação e transporte para o deslocamento das professoras.

Com a melhor estruturação desse povoado, foram sendo desenvolvidas outras atividades agrícolas, como o cultivo da mamona e do algodão, durante a década de 1970, acompanhando o ciclo das culturas que predominaram na região, em períodos cíclicos da história da região de Presidente Prudente<sup>17</sup>.

Apesar da evolução da estruturação do bairro Cavado, as atividades religiosas sempre foram desenvolvidas na cidade de Anhumas, as crianças freqüentavam o catecismo na área urbana e as missas também eram freqüentadas nesse local. Em função desse deslocamento da população, a capela do local nunca chegou a ser construída. Com o êxodo rural acentuado na década de 1980, tornou-se mais difícil a construção do templo religioso. Assim sendo, em Cavado inexistiu capela o que leva a que as práticas religiosas ocorram na cidade.

Atualmente muitos dos sítiantes de Cavado residem em Anhumas, fazendo viagens diárias às propriedades. Alguns venderam as propriedades, que foram anexadas a propriedades vizinhas maiores. O intenso êxodo rural alterou a configuração anterior do bairro Cavado, atualmente marcado pela presença de casas abandonadas. O contexto atual confronta com as características que moradores atribuem ao passado do bairro.

---

<sup>17</sup> A expansão da cotonicultura na região atraiu a instalação de diversas indústrias de beneficiamento do produto, conforme evidenciam ABREU (1972), LEITE (1972) e HESPANHOL (1991). Nesse contexto, outras culturas também obtiveram êxito, tais como o amendoim, o milho, o feijão, o arroz e outros tipos de cereais, que haviam começado a se desenvolver a partir de 1930.

“No Cavado tinha muita casa. Naquele tempo, no Cavado aí, tinha colônia, nesses carreadores, tudo eles tinha morador. E tinha colono, muita gente” (Ex-Morador de Cavado, 86 anos – Agosto de 2005).

De fato, em função da cultura do café, nas propriedades de maior porte, formaram-se colônias, onde residiam os trabalhadores, nos mesmos moldes das fazendas de café da região de Ribeirão Preto.

Atualmente os poucos moradores que ainda residem em Cavado desenvolvem atividades agropecuárias voltadas à pecuária leiteira, de corte, bem como ao cultivo de frutas como a melancia, o tomate e cereais como o feijão.

#### **3.1.4. Um pouco da História de Vila Maria**

A formação do bairro rural Vila Maria tem início posteriormente a Noite Negra (1920), Cavado (1920) e Palmitalzinho (1930), na década de 1940. Também se constitui com a chegada de migrantes descendentes de italianos provenientes das regiões de Ribeirão Preto e Sorocaba.

Os primeiros moradores cultivavam algodão, amendoim e milho, produtos esses que eram comercializados nas cidades de Presidente Prudente e Pirapozinho, vendidos como matéria prima para as indústrias que processavam óleos vegetais na região. Destacavam-se nesse período as indústrias SANBRA, Anderson Clayton, Lótus e Brasuey<sup>18</sup>, responsáveis pela inserção e pelo desenvolvimento das culturas de oleaginosas em toda a Alta Sorocabana.

---

<sup>18</sup> As indústrias SANBRA, Anderson Clayton e Lótus foram instaladas na cidade de Presidente Prudente em meados da década de 1930, processando óleos vegetais a partir do algodão, da mamona e do amendoim, tendo as suas atividades encerradas em fins da década de 1980. A Brasuey, localizada na cidade de Pirapozinho, continua em funcionamento até a atualidade, processando sobretudo algodão, amendoim e soja.

A primeira capela, um pequeno templo de madeira, foi construída em 1950. Recebia o vigário de Pirapozinho para as celebrações religiosas, uma vez que Anhumas ainda não havia sido emancipada politicamente, dependendo de Presidente Prudente, enquanto sede administrativa. Com o aumento da população rural de Vila Maria, no ano de 1956, a família de descendentes de italianos Trevisan instalou no centro do bairro, ao lado da capela, uma pequena venda que fornecia aos moradores querosene, sal, açúcar e suprimentos necessários ao dia-a-dia do trabalho no campo.

O aumento do cultivo de oleaginosas propiciou a chegada de mais migrantes, muitos deles nordestinos que passaram a habitar o bairro na condição de parceiros e agregados das famílias já residentes.

Em função da demanda por infra-estrutura, dada a elevação do número de moradores, a capela de Vila Maria foi ampliada por iniciativa desses moradores.

Por volta de 1960 foi instalada a primeira escola rural, num pequeno prédio de madeira destinado ao ensino de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> séries. Nos moldes como se ministrava o ensino rural. Nesse momento todos os alunos recebiam as instruções em uma única sala de aula. As primeiras professoras vinham da cidade de Anhumas, enfrentando as dificuldades de estradas de terra, precárias.

A construção da capela de alvenaria, que veio substituir a antiga construção de madeira, ocorreu na década de 1970, contando com o apoio das professoras que lecionavam em Vila Maria e passaram a incentivar as aulas de catecismo para as crianças. Para a construção do templo religioso cada morador contribuiu com o que pôde em termos de material de construção. Foram pequenas doações que propiciaram a construção da nova capela, posteriormente reformada e ampliada e que se encontra funcionando até os dias atuais (Foto 02).



Fonte: Pesquisa de Campo – Outubro de 2005

**Foto 02 – Capela Nossa Senhora Aparecida do Bairro Vila Maria**

Assim como nos demais bairros rurais de Anhumas, na capela de Vila Maria é celebrada a missas aos domingos, porém quinzenalmente, sendo o celebrante o padre que atende a cidade de Anhumas. Essa capela tem como padroeira Nossa Senhora Aparecida e, embora não tenha a mesma intensidade e tradição das festas celebradas em Noite Negra, uma ou duas vezes ao ano são realizadas festas e quermesses que atraem visitantes da sede no município, dos demais bairros e de municípios vizinhos (Foto 03).



Fonte: Pesquisa de Campo – Outubro de 2005

### **Foto 03 – Festa da Padroeira do Bairro Vila Maria**

O ritual da festa de Nossa Senhora Aparecida é muito semelhante ao que ocorre em Palmitalzinho e Noite Negra: os membros da comunidade se encarregam da organização do evento, arrecadando prendas e divulgando as atrações. Contudo, necessitam do apoio de pessoas da paróquia de Anhumas, porque o número de indivíduos envolvidos, na maioria das vezes é insuficiente para atender à demanda da festa.

Em meados da década de 1970 uma nova construção substituiu a antiga escola de madeira, que passou a contar com várias salas de aulas, uma ampla cozinha e sessões administrativas.

Embora esteja desativado há alguns anos, o prédio que abrigava a antiga escola rural de Vila Maria destaca-se no centro do bairro, nas proximidades da capela, por se tratar de uma grande construção de alvenaria, conjugada a um pátio coberto, que embora esteja atualmente desativado, é utilizado eventualmente pelos moradores para o armazenamento de produtos

agrícolas e apresenta uma estrutura de construção superior à única escola existente em Anhumas.

A presença do imponente prédio em Vila Maria se deve ao fato de que o montante de recursos fornecidos pelo governo do estado, no início da década de 1980, no momento da construção da escola para esse bairro, foram desviados de uma obra que ocorreria no bairro Vila Maria da capital paulista e que aplicados nesta localidade<sup>19</sup>.

Durante o tempo em que a escola rural funcionou o prédio sempre teve a função de servir como local destinado ao ensino e também como centro de lazer, sendo utilizado aos finais de semana e durante o período de férias escolares para a realização de quermesses e festas da comunidade rural.

Questionados sobre a origem da denominação Vila Maria para o bairro nenhum morador soube explicar exatamente, mas tudo indica que este nome foi dado em homenagem a alguma mulher que se destacou no momento que se iniciou a ocupação do local.

A partir de 1980, com diminuição do cultivo de mamona, algodão e amendoim, ocorreu um intenso êxodo rural em Vila Maria, assim como nos demais bairros de Anhumas e em todos os municípios da região de Presidente Prudente. Muitas propriedades passaram a ser ocupadas pela pecuária leiteira e de corte, substituindo as culturas agrícolas anteriormente desenvolvidas.

O intenso êxodo rural é ressaltado pelos moradores, que ainda residem no centro do bairro, como um elemento negativo na história do local, conforme pode ser observado no depoimento dessas pessoas.

“Tinha muita gente aqui. Mudou tudo, uns foram pra Mato Grosso, outro pra São Paulo, outros foi pra Paraná, outros pro Pirapozinho, e assim foi né.” (Morador de Vila Maria, 88 anos – Outubro de 2005)

---

<sup>19</sup> Dado que existe na capital paulista um bairro como o nome Vila Maria, muito provavelmente os recursos que foram destinados para a construção do Grupo Escolar daquele bairro, foram direcionados para o Bairro Rural Vila Maria de Anhumas.

No contexto atual, a antiga venda, que outrora fôra tão importante para os moradores do bairro, se encontra desativada há mais de 15 anos. Muitos moradores mudaram-se para as cidades de Anhumas, Pirapozinho e Presidente Prudente, embora ainda disponham de propriedades no local. Há ainda aqueles que venderam as propriedades e migraram para outras regiões ou estados.

### **3.1.5. Origem e Evolução de Paineiras**

A constituição do bairro rural Paineiras segue uma trajetória totalmente diferente do ocorrido nos demais existentes em Anhumas.

A origem do nome Paineiras é proveniente da presença de um conjunto de árvores que recebem esse nome e que se localizavam justamente na estrada que dá acesso ao local.

O bairro é formado por um conjunto de chácaras que foram desmembradas da antiga Fazenda Presidente Prudente, no início da década de 1980. Inicialmente, essa fazenda possuía 240 hectares, sendo metade dela loteada em chácaras com tamanhos que variavam entre 2 e 20 ha e vendidas a habitantes de Anhumas, Presidente Prudente, Regente Feijó e Taciba.

Em sua maioria, os proprietários das chácaras existentes em Paineiras não residiam nas propriedades, ficando no local caseiros, que cuidavam das propriedades ou as mantinham fechadas, configurando uma residência de finais de semana e, portanto, um espaço de lazer.

Havia ainda uma intensa presença de aposentados, que apenas residiam no local, desenvolvendo poucas ou nenhuma atividade agrícola. As poucas atividades agrícolas eram restritas ao plantio de frutas e algumas hortaliças para o consumo interno da propriedade ou para os membros das famílias do proprietário. Em função disso o local teve um processo evolutivo totalmente diferente do que caracterizada um bairro rural.

“Os bairros rurais são definidos pela sua forma específica de implantação no solo, - um habitat disperso centralizado por pequeno núcleo de habitações em torno da capela, - e pelos vínculos sociais que unem seus membros. Tais vínculos se exprimem em relações de ajuda mútua, tanto no campo da economia quanto em outros campos sociais” (QUEIROZ, 1973, p. 133)

Considerando a definição de bairro rural de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973), Paineiras não poderia ser considerado em sua origem, um bairro rural quando foram loteadas as chácaras. Contudo, no decorrer do tempo, o local passou por um processo evolutivo semelhante ao que ocorreu na área pesquisada por Bombardi (2004), na região de Campinas-SP. A formação do local deu-se de forma semelhante ao que ocorreu com os assentamentos rurais, ou seja, a área foi loteada, demarcada e as pessoas foram levadas a ocuparem aquele espaço. Se bem que poderia ser visualizada uma diferença no confronto lazer-moradia-atividades produtiva. Em ambos os espaços, não se observou, desde o início as manifestações de sociabilidade que caracterizam os bairros rurais.

A trajetória de formação do bairro Paineiras deu-se de forma semelhante ao que ocorreu em Campinas e Valinhos, no Assentamento Núcleo Agrário Capivari. Neste caso após a implantação do assentamento, em pouco menos de dez anos, em função das relações estabelecidas entre as famílias, o local passou a apresentar características de bairro rural, sendo denominado atualmente bairro reforma agrária.

Todavia, em Paineiras a articulação entre os moradores, atualmente está ocorrendo lentamente, ou seja, os moradores estão organizando o espaço e transformando o local, dando-lhe a conformação de um bairro rural. A primeira capela ainda se encontra em construção, as primeiras festas da comunidade começaram a ocorrer e existe um empenho grande dos

moradores para que seja reconhecido em Anhumas como um local que possui identidade própria, conforme pode ser observado na declaração dos moradores.

“Nós estamos lutando para organizar uma festa junina este ano, mas tem que ser igual ou pelo menos parecida com as festas que ocorre em Noite Negra. Se a festa for boa, nós vamos conseguir arrecada recurso pra termina a nossa capela, ali embaixo. Se Deus quiser logo teremos a nossa própria capela” (Moradora de Paineiras, 51 anos – Setembro de 2005).

Nos últimos anos, alguns proprietários passaram a residir no local, desenvolvendo uma agricultura em tempo parcial ou destinando a propriedade para a residência de familiares. Nota-se, então, que o espaço passa a ter outra finalidade de uso, deixando de ser apenas uma área de lazer e abrigando outras atividades, configurando dessa forma a pluriatividade.

O motivo pelo qual a antiga fazenda Presidente Prudente foi parcialmente loteada não foi possível identificar, mas sabe-se que, antes do loteamento, a propriedade abrigava um grande número de colonos que desenvolviam um intenso cultivo de lavouras como a mamona, o algodão, o amendoim, o feijão, o arroz e as hortaliças para a subsistência das famílias. A propriedade chegou a abrigar uma máquina de beneficiamento de cereais, que processava parte dos produtos cultivados no local.

Após o loteamento da fazenda, os proprietários passaram a ocupar o restante da propriedade com pecuária de corte, estando nos últimos anos arrendada para o plantio de cana-de-açúcar para uma usina de álcool da região.

No contexto do município de Anhumas, Paineiras apresenta um processo evolutivo totalmente distinto dos outros bairros rurais. Enquanto Palmitalzinho, Noite Negra, Vila Maria e Cavado tiveram sua formação paralela ao processo de formação do município, Paineiras surge enquanto um loteamento, inicialmente destinado a proprietários que desejavam adquirir “chácaras de finais de semana”. No decorrer do tempo, muitos dos primeiros proprietários venderam seus lotes a terceiros e atualmente os novos proprietários

estão transformando o local em residências permanentes, configurando um bairro rural que pouco a pouco vem se estruturando.

No caso de Paineiras, a teia de relações ainda se encontra em expansão, mas pela sua evolução, no ritmo em que os arranjos estão ocorrendo, num futuro próximo o aglomerado terá todas as características de que dispõe um bairro rural. Apesar disso o local já possui o status de bairro em função das articulações que os moradores estão buscando junto aos vizinhos e à sociedade urbana de Anhumas.

### **3.2. Aspectos comuns e específicos na história dos bairros e na memória dos seus habitantes**

Considerando as especificidades dos bairros rurais de Anhumas nota-se que as semelhanças se encontram presentes em alguns aspectos de sua formação, enquanto as diferenças são notadas em outros aspectos.

Pela pesquisa realizada em Palmitalzinho, Noite Negra, Cavado e Vila Maria, ficou demonstrado que o período de formação desses quatro bairros coincide com a estruturação do município de Anhumas. A exceção é Paineiras, que tem sua formação somente na década de 1980.

Os bairros Noite Negra e Cavado tiveram o início de sua formação na década de 1920, sendo os primeiros moradores descendentes de italianos, provenientes das regiões de Ribeirão Preto e Araraquara. Como cultivo inicial praticavam a cafeicultura paralelamente ao plantio de cereais, em meio ao café.

A configuração das casas era bastante semelhante, residências grandes que abrigavam vários membros da família e colonos agregados.

As dificuldades de acesso aos produtos provenientes da área urbana eram as mesmas, de tal modo que esses moradores procuravam tornar as propriedades quase auto-suficientes.

Os primeiros habitantes de Noite Negra e Cavado adquiriam os produtos necessários na cidade de Regente Feijó.

Em Noite Negra, a capela e a escola rural foram construídas no centro bairro, ao lado de uma venda. Enquanto no Cavado a capela não chegou a ser construída.

No caso de Noite Negra as atividades religiosas ocorriam no mesmo ambiente da escola de ensino fundamental. Como consequência da presença da capela, construída em 1937, as aulas de catecismo sempre fizeram parte do cotidiano dos moradores do bairro.

O ensino fundamental do bairro Cavado foi iniciado no interior das residências dos moradores, contando com o apoio das famílias no que se refere ao espaço improvisado como salas de aulas, moradia e alimentação das professoras. A escola foi formalmente implantada somente em 1945, portanto 25 anos após o início do bairro. Além disso, em função da ausência da capela em Cavado, nunca houve festividades que atraíssem visitantes e as aulas de catecismo sempre foram freqüentadas pelos habitantes do bairro em Anhumas.

No caso dos bairros Palmitalzinho e Vila Maria seu início ocorreu em momento histórico próximo: o primeiro tem a sua formação na década de 1930 e o segundo em 1940. Contudo, a procedência dos migrantes que ocuparam as duas localidades é distinta, embora nos dois casos sejam descendentes de italianos que migraram. Enquanto os habitantes de Palmitalzinho são provenientes de Palmital, oeste do Estado de São Paulo, os moradores de Vila Maria vieram de Ribeirão Preto e Sorocaba. Vale ressaltar que em Vila Maria, logo após a chegada dos migrantes descendentes de italianos, com o desenvolvimento do cultivo das oleaginosas, ocorreu a chegada de migrantes nordestinos que trabalhavam como colonos e agregados dos proprietários rurais.

O cultivo do café sempre predominou em Palmitalzinho ao lado da cultura de cereais, enquanto em Vila Maria se desenvolveram culturas como o algodão, o amendoim e o milho.

Nos dois bairros a religião representa, até hoje, um fator de grande importância para os moradores; no entanto, as práticas religiosas são mais intensas e frequentes em Palmitalzinho.

A primeira capela foi uma das primeiras construções erguidas em Palmitalzinho, sendo o primeiro professor de ensino fundamental e catequista habitante da localidade. As primeiras professoras de Vila Maria tiveram que contar com a ajuda de moradores para o início das práticas educacionais e foram essas professoras que estimularam a construção da capela e também a implantação das aulas de catecismo para as crianças.

Pela tradição do bairro, em Palmitalzinho, as festas para a Santa Padroeira (Nossa Senhora Aparecida) são realizadas pelos moradores do local com frequência; duas ou três vezes ao ano, contando com a participação de visitantes, que prestigiam as festas. Em Vila Maria as festas em louvor também a Nossa Senhora Aparecida, são realizadas somente uma vez ao ano, necessitando do auxílio de membros da paróquia de Anhumas.

As diferentes formas de organização das festas e atividades desenvolvidas em Palmitalzinho e Vila Maria demonstram que embora os dois bairros tenham sido formados em momentos históricos próximos, os níveis de articulação existentes entre os moradores são muito mais intensos em Palmitalzinho do que em Vila Maria. Essa diferença na articulação pode ser explicada pelo nível de parentesco e compadrio, pouco presente em Vila Maria e muito intenso em Palmitalzinho.

O bairro Paineiras representa um caso totalmente singular no contexto dos bairros rurais de Anhumas, porque é fruto de um loteamento que ocorreu na década de 1980, portanto totalmente fora do contexto histórico da constituição dos demais bairros rurais do município.

A finalidade do loteamento não era a formação de um bairro rural, mas um aglomerado de “residências de finais de semana”, sobretudo destinado a profissionais liberais das cidades de Anhumas, Regente Feijó, Presidente Prudente e Taciba, que pretendiam investir nesse setor.

Somente a mudança na forma de uso do espaço de Paineiras é que propiciou o desenvolvimento de um local com as características de um bairro rural. Paineiras, portanto, representa um fenômeno isolado no contexto de Anhumas, que deu origem a um bairro rural, em função das diferentes mudanças ocorridas naquele espaço rural e da ação dos atores que participaram do processo em transformação.

#### **4. BAIRROS RURAIS DE ANHUMAS: ESPAÇO, ATIVIDADES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO**

No presente capítulo estão apresentadas as características físicas da área ocupada pelos bairros rurais e as informações referentes à estrutura, à dinâmica e às formas de organização socioeconômicas e culturais dos cinco bairros rurais estudados.

As informações relativas ao perfil socioeconômico e cultural dos bairros foram coletadas por meio da aplicação de formulário<sup>20</sup>, conforme o explicitado na Introdução do presente trabalho. Essas informações referem-se tanto às características gerais de seus moradores quanto a atividades produtivas, lúdicas e à organização social.

Os dados e as informações sobre os bairros rurais foram organizados, em consonância com a estrutura do instrumento utilizado, dos objetivos e das hipóteses da presente tese nos seguintes itens: espaço físico do meio rural de Anhumas, perfil dos moradores; principais características das propriedades, estrutura e organização das atividades produtivas: força de trabalho utilizada, recursos tecnológicos, equipamentos e insumos; fonte de nível de renda; formas de articulação e manifestações culturais nos bairros rurais de Anhumas; o associativismo como forma de articulação das atividades produtivas: a associação dos Produtores Rurais de Palmitalzinho, a cooperativa de costureiras de Noite Negra; e os novos empreendimentos iniciados na esfera rural.

---

<sup>20</sup> No Apêndice I consta o formulário aplicado na pesquisa de campo para a coleta de informações referentes aos moradores e às unidades produtivas.

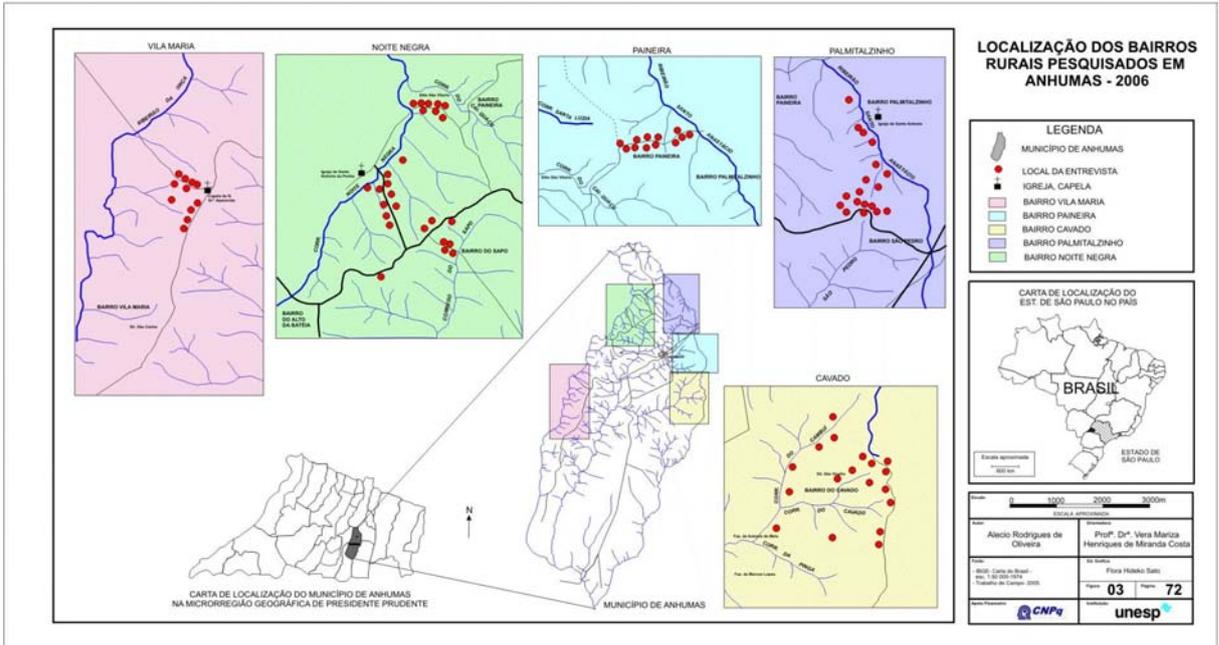
#### **4.1. Espaço físico do meio rural de Anhumas**

Os diferentes aspectos físicos dos bairros rurais de Anhumas serão apresentados através das considerações sobre o espaço rural pesquisado<sup>21</sup>.

A forma como estão estruturados os bairros Noite Negra e Palmitalzinho, apresenta elementos que evidenciam as semelhanças entre as duas localidades, sob vários aspectos. Localizados respectivamente nas direções noroeste e nordeste da cidade de Anhumas, esses bairros estão interligados por vias de acesso não pavimentadas (Figura 03).

---

<sup>21</sup> Não serão apresentadas informações referentes aos bairros urbanos do município.



Essas vias de acesso, durante o período das chuvas (novembro a fevereiro), em épocas passadas, representavam grandes entraves para o escoamento da produção agrícola e o deslocamento dos moradores desses bairros. Contudo, nos últimos seis anos, essas estradas passaram por mudanças significativas. A atual gestão municipal, através de uma parceria com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, investiu grande quantidade de recursos para a recuperação e conservação de estradas rurais, fato que trouxe grandes melhorias para os bairros rurais, sobretudo para Noite Negra, local onde reside o atual prefeito.

Enquanto em Noite Negra os investimentos por parte da administração pública propiciaram melhorias nas estradas de acesso a outros locais do município, em Palmitalzinho as melhorias na conservação dessas vias foram feitas sobretudo pela atuação da Associação de Produtores rurais existente naquela localidade. Essa associação promoveu a articulação dos moradores que têm buscado recursos e apoio técnico junto a organizações não-governamentais, à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado e à FCT/UNESP de Presidente Prudente. O apoio fornecido por essas entidades favoreceu a estruturação da associação e a recuperação de nascentes de rios e córregos, além de medidas de contenção de processos erosivos no bairro.

Os investimentos na recuperação e conservação das vias de acesso e dos mananciais d'água, por parte do poder público municipal e pela parceria com a Universidade, refletiram na melhoria no transporte de mercadorias e no deslocamento dos moradores dos bairros, que em momentos passados ficavam impedidos de se deslocarem ou faziam isso com muita dificuldade.

Palmitalzinho fica distante da sede municipal, 4,5 quilômetros e Noite Negra 8 quilômetros. Em função da proximidade geográfica, há ainda ligações por laços consangüíneos (parentesco) entre os moradores, além de um intenso contato.

A configuração geográfica (relevo, fertilidade do solo, recursos hídricos disponíveis e culturas vegetais cultivadas) constitui elemento diferenciador que interfere nas formas de organização da produção dos dois bairros rurais, em relação aos demais (Cavado, Paineiras e Vila Maria) existentes no município de Anhumas.

O relevo de Palmitalzinho e Noite Negra configura-se fortemente ondulado, com a presença de vales e colinas. Nos fundos de vale é comum a presença de mananciais d'água (nascentes e rios), que favorecem a irrigação e o abastecimento das propriedades para o consumo humano e de animais. Embora a irrigação seja pouco praticada, a oferta de água favorece aqueles proprietários em condição de utilizar esse recurso natural.

Contudo, a declividade do solo, tanto em Palmitalzinho quanto em Noite Negra, em alguns pontos exige cuidados especiais por parte dos agricultores, durante a prática da agricultura. Os riscos de erosão são tão iminentes que os próprios moradores desses bairros admitem, que no início da ocupação da área, era muito comum a perda de grande quantidade de solos agricultáveis, durante as chuvas intensas por descuido dos agricultores, conforme pode ser observado pelas entrevistas.

“O que nós sofremo com café aqui meu Deus! As vezes você apanhava o café assim, antigamente né, e deixava pra secá. Vinha a chuva e levava lá pra baixo, levava tudo embora, pro meio do pasto. [...] Aqui se não tiver curva de nível, pelo amor de Deus, não sobra nada da terra, acaba tudo” (Morador de Noite Negra, 86 anos – junho de 2005).

As palavras e as expressões faciais dos moradores que primeiro ocuparam Noite Negra e seus descendentes, demonstram as dificuldades enfrentadas por falta de conhecimento do tipo de solo que cultivavam, além da manifestação da crença religiosa que esses habitantes cultuam desde a formação do bairro.

Ainda sobre os aspectos físicos do local, de acordo com a formação geológica da região, predomina em Anhumas o latossolo vermelho escuro, portanto susceptível à erosão, requerendo, por essa razão, certos cuidados no manuseio do solo, durante a prática da agricultura<sup>22</sup>.

O bairro rural Cavado localiza-se a sudeste da sede do município, distante de Anhumas aproximadamente 5 quilômetros, com vias de acesso que facilitam a interligação, também com o município de Taciba. Em geral, essas estradas rurais são razoavelmente conservadas, com a presença de cascalho nos trechos mais críticos, portanto não representando grandes problemas de deslocamento para outros lugares do município no período das chuvas. A paisagem é composta por um relevo suavemente ondulado, com vales e colinas, onde os mananciais d'água estão presentes na maioria dos fundos de vales, abastecendo as propriedades por onde esses riachos passam, garantindo, em muitos dos casos, a irrigação das lavouras e o consumo de animais e seres humanos. A fertilidade do solo, aliada à aplicação de adubos, fertilizantes, calcário e a disponibilidade de água para a irrigação, tem garantido o desenvolvimento da agricultura local.

Vila Maria está situada a sudoeste de Anhumas, distante da área urbana 9 quilômetros. Suas estradas também dão acesso ao município de Pirapozinho, distante, aproximadamente 12 quilômetros. Devido ao estado de conservação dessas estradas, apresentando-se melhor no sentido Pirapozinho, muitos moradores preferem ir para Pirapozinho do que para Anhumas, em busca de produtos e serviços, sobretudo porque este município oferece melhores condições para atender à demanda dele requerida.

No que se refere aos aspectos físicos, a fertilidade do solo favorece o desenvolvimento de várias culturas agrícolas e atividades agropecuárias. O acesso à água não

---

<sup>22</sup> O latossolo vermelho escuro - fase arenosa é caracterizado por ter uma textura fina a média, alta porosidade e permeabilidade, teores de argila em torno de 15 %, com tendência a aumentar em profundidade, podendo chegar a 26%, com mais de 70% de areia. São, portanto, solos arenosos, profundos, com boa drenagem. Estas características conferem a estes solos grande sensibilidade à erosão, embora ocupem posição preferencial em relevo de colinas amplas, que não favorecem o escoamento e compensam a fragilidade dos mesmos. (BOIN, 2000, p. 16)

tem representado um problema para a maior parte dos estabelecimentos rurais, uma vez que estes possuem, em seus limites, mananciais d'água, que são utilizados para lavoura, pecuária e abastecimento das residências. O relevo é pouco ondulado, semelhante às características de Cavado.

Assim nos bairros de Cavado e Vila Maria, apesar do solo semelhante ao de Palmitalzinho e Noite Negra, o relevo é levemente ondulado, portanto menos acidentado, o que difere muito em termos de aparência e uso do solo. Esse relevo facilita a utilização da mecanização e a agricultura em grande escala, como é o caso de culturas como a melancia, o algodão e o amendoim. Já o Bairro Paineiras enfrenta o problema da pouca água disponível, fato que dificulta a prática da agricultura.

O bairro rural de Paineiras situa-se ao norte da cidade de Anhumas, distante cerca de 10 quilômetros, com estradas vicinais que dão acesso a Palmitalzinho e a Noite Negra. Devido a pouca articulação entre os seus moradores e o desenvolvimento de atividades não-agrícolas, muitas pessoas se deslocam diariamente para a cidade de Regente Feijó e Presidente Prudente. O relevo é pouco ondulado, com predominância de áreas planas. Quanto aos recursos naturais disponíveis, a água em algumas propriedades rurais representa um problema, sendo muitas vezes proveniente de poços tubulares, em função da ausência de mananciais d'água. A fertilidade do solo é baixa, apresentando uma agricultura inexpressiva, sendo a maioria das propriedades espaço de lazer ou moradia.

Um grande número de moradores de Paineiras reside nesse local, mas trabalha em outras propriedades ou em municípios vizinhos.

De modo geral, a avaliação da utilização do espaço rural dos cinco bairros põe em evidência semelhanças em relação ao relevo e aos recursos naturais, aproximando Palmitalzinho e Noite Negra e deixando de outro lado Cavado, Vila Maria e Paineiras.

Contudo, o bairro Cavado tem características físicas muito semelhantes à Vila Maria, em termos de relevo e disponibilidade de água, enquanto Paineiras apresenta condições bastante diferenciadas de todos os bairros, em termos de relevo e recursos naturais.

As condições de relevo e os recursos naturais apresentados nas propriedades dos cinco bairros interferem em suas formas de organização. A maior ou menor facilidade de acesso às cidades propiciam o desenvolvimento de determinadas atividades, como a produção de leite, bastante intensa em Palmitalzinho; o cultivo de determinadas frutas: encontradas em Cavado, Vila Maria e Noite Negra ou a pluriatividade em Paineiras. Em Paineiras a pouca expressão da agricultura, propicia a intensa prática de atividades não-agrícolas.

#### **4.2. O perfil dos moradores**

O perfil dos moradores foi elaborado a partir de dados relativos ao entrevistado, selecionado entre os residentes por apresentar condições de fornecer as informações solicitadas, sobre moradores, moradia e propriedades. Foram analisadas para a elaboração desse perfil, as informações referentes ao entrevistado e ao conjunto dos moradores.

O perfil dos entrevistados apresenta: sexo, nível de instrução, idade e a condição (proprietário, arrendatário, filho do proprietário ou agregado), conforme a Tabela 4.1 e o Gráfico 4.1.

**Tabela 4.1 – Perfil dos Entrevistados por bairro distribuídos por escolaridade e sexo (%)**

Escolaridade	Cavado		Noite Negra		Palmitalzinho		Vila Maria		Paineiras	
	Sexo		Sexo		Sexo		Sexo		Sexo	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Não Alfabetizado	0	0	3,8	0	0	0	0	0	0	0
Freq. mas não sabe ler	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Incompleto	11,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Completo	0	0	11,5	0	0	0	18,2	0	0	0
Supletivo Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Supletivo Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1º ciclo Incompleto	0	0	15,3	0	22,3	0	18,2	9,0	25,1	16,6
1º ciclo Completo	39,0	0	27,0	0	16,7	0	9,1	0	8,3	0
2º Ciclo Incompleto	0	0	7,7	0	5,5	0	9,1	0	8,3	0
2º Ciclo Completo	5,5	5,5	0	0	5,5	0	9,1	0	0	0
Médio Incompleto	5,5	0	0	0	5,5	0	0	0	0	16,6
Médio Completo	28,0	0	27,0	7,7	39,0	0	18,2	0	0	8,5
Superior Incompleto	0	0	0	0	5,5	0	9,1	0	8,3	0
Superior Completo	5,5	0	0	0	0	0	0	0	8,3	0
Total por Sexo em %	94,5	5,5	92,3	7,7	100,0	0	91,0	9,0	58,3	41,7
Total Geral em %	100,0		100,0		100,0		100,0		100,0	

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com as informações da Tabela 4.1 do total de entrevistados, em Cavado 94,5% são do sexo masculino, sendo apenas 5,5% feminino. Em Noite Negra os homens foram responsáveis por 92,3% dos formulários respondidos e as mulheres por 7,7%. Em Vila Maria 91,0% dos responsáveis pelas informações foram do sexo masculino e apenas 9,0% do feminino. Em Paineiras 58,3% dos entrevistados foram do sexo masculino e 41,7% do feminino.

A maior incidência de mulheres que respondeu à pesquisa no caso de Paineiras, deve-se ao fato dos homens trabalharem fora da propriedade, em outras atividades agrícolas e não-agrícolas, portanto estando ausentes, no momento da aplicação. Enquanto em Palmitalzinho 100,0% dos responsáveis pelas informações foram do sexo masculino. Mesmo

com a presença das mulheres em alguns momentos da pesquisa, as respostas ficaram sob a responsabilidade dos homens, embora essas opinassem algumas vezes.

O perfil dos entrevistados apresenta um percentual de moradores do sexo masculino e feminino em níveis próximos em Cavado, Vila Maria e Paineiras. Enquanto em Palmitalzinho e Paineiras, aparecem dois extremos, no primeiro local a predominância de homens que responderam ao formulário se deve ao fato desse bairro registrar com maior intensidade atividades agropecuárias; por isso os homens se encarregaram de responder a pesquisa. Em Paineiras, as atividades agropecuárias possuem menor incidência, em função disso os homens desenvolvem atividades agrícolas e não-agrícolas fora da propriedade, deixando as mulheres encarregadas de cuidarem da propriedade.

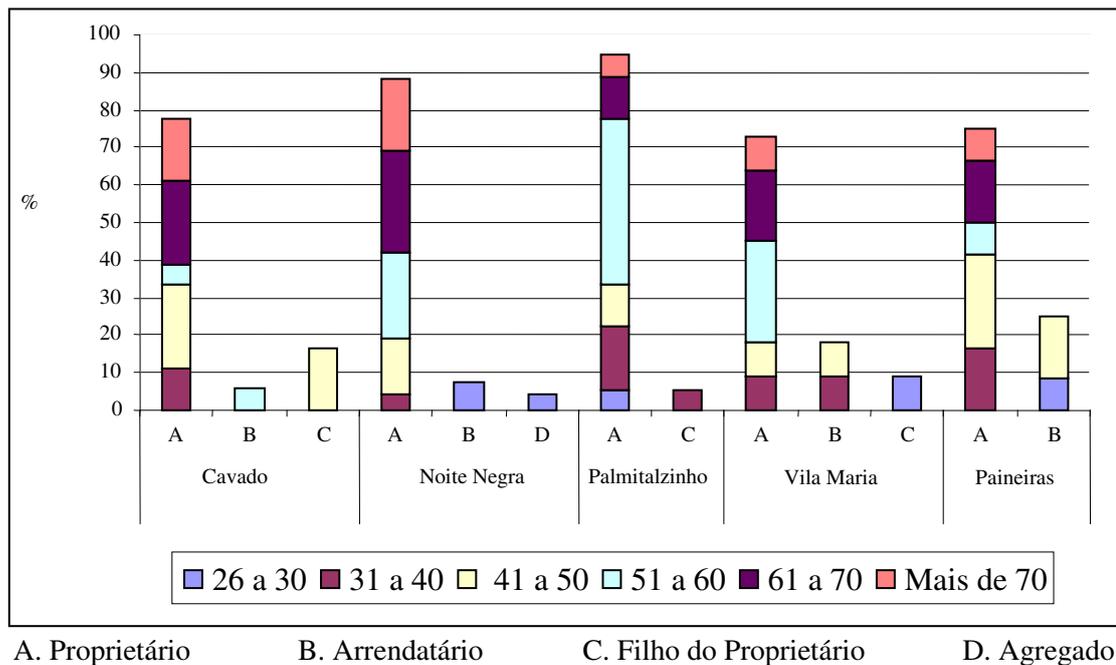
As informações da Tabela 4.1, ainda apresentam os índices de escolaridade dos moradores entrevistados.

No total de entrevistados dos cinco bairros, apenas em Noite Negra foram encontradas pessoas **analfabetas**, representando o percentual de 3,8%.

A **alfabetização de adultos incompleta** foi encontrada, somente em Cavado representando 11,0%. A **alfabetização completa** como nível de instrução foi registrada em Noite Negra 11,3% e Vila Maria 18,0%.

Os maiores índices de escolaridade foram encontrados em Palmitalzinho e Noite Negra. Concluíram o **ensino médio** em Palmitalzinho 39,0% e em Noite Negra 37,7%. Contudo o **ensino superior incompleto** foi registrado somente em Palmitalzinho, Vila Maria e Paineiras, correspondendo ao percentual em Palmitalzinho de 5,5%, em Vila Maria 9,1% e Paineiras 8,3%. Quanto ao **ensino superior completo** houve registros apenas em Cavado com 5,5% e Paineiras com 8,3%.

Ainda dentro do contexto do perfil do produtor entrevistado foram levantadas informações sobre a faixa etária dos responsáveis pelas respostas da pesquisa e a sua condição (proprietário, arrendatário, filho do proprietário agregado), conforme apresenta o Gráfico 4.1.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.1 – Idade do Entrevistado e Condição**

De acordo com as informações contidas no Gráfico 4.1, a maior incidência de indivíduos que responderam à pesquisa com idade **acima de 70 anos** foi registrada em Noite Negra com 19,2% e Cavado com 16,6%, embora tenha sido encontradas pessoas com essa idade em Palmitalzinho, Vila Maria e Paineiras, mas com um percentual bem menor.

O maior índice de **proprietários** ocorreu em Palmitalzinho com 94,5%, sendo o único caso em que não era proprietário, a condição era de filho do proprietário. Além disso, o **arrendamento** não foi encontrado em Palmitalzinho.

A condição de **agregado** foi registrada somente em Noite Negra com o índice de 4,0%, ou seja, apenas um caso.

Os proprietários mais jovens foram encontrados somente em Palmitalzinho, o percentual de 5,5%, com **idade entre 26 a 30 anos**.

O índice de escolaridade, o sexo e o número de moradores dos bairros pesquisados, estão indicados na Tabela 4.2.

**Tabela 4.2 – Escolaridade e Sexo dos Moradores por Bairros<sup>23</sup> (%)**

Escolaridade	Vila Maria		Noite Negra		Cavado		Paineiras		Palmitalzinho	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Não se Aplica	6,1	2,0	1,0	2,8	2,1	0	0	2,4	7,7	2,0
Freq. mas não sabe ler	0	0	2,0	0	0	0	2,4	0	0	0
Alf. de Ad. Incompleto	0	0	0	0	3,7	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Comp.	4,1	2,0	2,8	2,0	2,1	0	0	0	0	0
Supletivo Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Supletivo Completo	0	0	1,0	0	0	0	0	0	0	0
1º Ciclo Incompleto	10,2	8,1	6,6	14,2	3,7	11,3	14,2	16,6	9,0	6,0
1º Ciclo Completo	2,0	6,1	12,4	9,5	13,5	5,5	2,4	9,6	7,0	11,0
2º Ciclo Incompleto	2,0	2,0	5,7	2,8	3,6	7,5	7,1	2,4	1,0	1,0
2º Ciclo Completo	4,1	2,0	1,0	1,0	2,1	2,1	4,7	0	2,0	2,0
Médio Incompleto	10,2	2,0	2,8	0	5,5	5,5	12,0	2,4	13,1	2,0
Médio Completo	16,3	10,2	13,3	8,5	9,6	7,5	2,4	7,1	19,2	11,0
Superior Incompleto	2,0	4,2	2,0	6,6	2,1	3,5	2,4	7,1	1,0	1,0
Superior Completo	0	4,2	0	2,0	3,6	5,5	2,4	2,4	0	4,0
Total por Sexo em %	57,2	42,8	50,6	49,4	51,6	48,4	50,0	50,0	60,2	40,0
Total do Bairro em %	100,0		100,0		100,0		100,0		100,0	

Não se aplica: Refere-se a moradores que não estão em idade escolar

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com a Tabela 4.2, a maior incidência de moradores com o **ensino médio completo** foi registrada nos bairros Palmitalzinho com 19,2% para os indivíduos do sexo masculino e 11,0% para os feminino; Vila Maria com 16,3% entre os homens e 10,2% entre as mulheres e Noite Negra com 13,3% entre os homens, enquanto entre as mulheres registrou-se um nível de escolaridade mais baixo, com 14,2% **no ensino fundamental incompleto**.

<sup>23</sup> O número de moradores por sexo e o total dos cinco bairros rurais encontra-se registrado na Tabela 4.2ap, no Apêndice II deste trabalho.

Nos bairros de Cavado e Paineiras, o nível de escolaridade predominante foi registrado no **ensino fundamental**, com 13,5% entre os homens em Cavado e 11,3% entre as mulheres, enquanto em Paineiras registrou 14,2% entre os homens e 16,6% entre as mulheres.

Já o ensino **superior completo** foi registrado em maior número entre os moradores do sexo feminino, nos bairros Vila Maria com 4,2%, Cavado com 5,5% e Palmitalzinho com 4,0%. O menor registro de pessoas com nível superior foi encontrado em Noite Negra, com apenas 2,0% entre as mulheres, não sendo registrado entre os homens.

No contexto da pesquisa foram considerados ainda o **tempo de residência** na localidade e no município, conforme demonstram as Tabelas 4.3 e 4.4.

**Tabela 4.3 – Distribuição dos entrevistados por tempo de residência no Município de Anhumas (%)**

Tempo	Vila Maria	Noite Negra	Cavado	Paineiras	Palmitalzinho
Menos de 1 ano	0	0	0	16,5	0
Mais de 1 a 3	0	3,8	5,6	16,5	0
Mais de 3 a 5	0	0	0	8,5	0
Mais de 5 a 10	0	0	0	8,5	0
Mais de 10 a 20	0	3,8	5,6	33,0	0
Mais de 20 a 30	18,2	19,3	11,1	8,5	5,5
Mais de 30 a 40	36,3	4,0	5,6	0	22,2
Mais de 40 a 50	18,2	23,0	27,7	8,5	22,2
Mais de 50 a 60	9,1	15,3	5,6	0	33,5
Mais de 60 a 70	18,2	19,3	27,7	0	11,1
Mais de 70	0	11,5	11,1	0	5,5
Total em %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.4- Distribuição dos entrevistados por tempo de residência na localidade (%)**

Tempo	Vila Maria	Noite Negra	Cavado	Paineiras	Palmitalzinho
Menos de 1 ano	0	4,0	0	16,6	0
Mais de 1 a 3	9,0	4,0	11,2	16,6	5,5
Mais de 3 a 5	9,1	0	5,5	16,6	0
Mais de 5 a 10	9,1	0	11,2	8,3	5,5
Mais de 10 a 20	0	11,5	22,2	25,0	11,2
Mais de 20 a 30	18,2	15,3	5,5	8,4	16,6
Mais de 30 a 40	9,1	4,0	11,2	0	16,6
Mais de 40 a 50	18,2	23,0	27,7	8,5	11,2
Mais de 50 a 60	9,1	15,3	5,5	0	16,6
Mais de 60 a 70	18,2	15,3	0	0	11,2
Mais de 70	0	7,6	0	0	5,6
Total em %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

As informações da Tabela 4.3 indicam que a maior incidência dos moradores que residem há mais tempo no município de Anhumas, está nos bairros Noite Negra com 11,5%, Cavado com 11,1%, e Palmitalzinho 5,5%, havendo casos de pessoas que estão no local há mais de 70 anos, ou seja, nasceram e ainda residem no local.

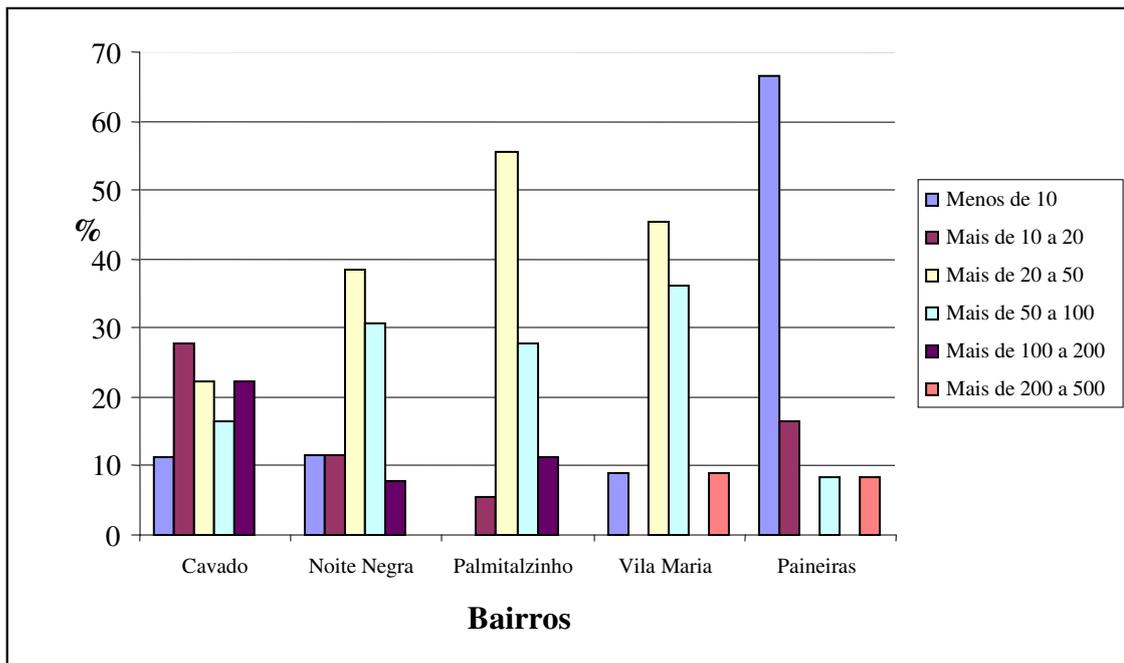
O tempo de residência dos moradores nos bairros varia de um bairro para o outro. Em Vila Maria (36,3% dos moradores aí residem na faixa de 30 até 40 anos); em Noite Negra (23,0% residem no local na faixa de 40 até 50 anos), em Cavado (27,7%, na faixa de 40 até 50 anos); Palmitalzinho (33,5% na faixa de 50 até 60 anos); enquanto em Paineiras há a predominância na faixa de 10 até 20 anos, com 25,0%.

De acordo com a Tabela 4.4, Palmitalzinho e Noite Negra se destacam quanto ao tempo de residência na localidade, pelo fato dos moradores residirem nesses bairros há mais tempo em relação aos demais. Em Noite Negra 7,6% residem há mais de 70 anos e em Palmitalzinho 5,6%. Essas informações reforçam a tese de que a articulação entre os moradores de Noite Negra e Palmitalzinho garantiram a continuidade dos produtores familiares ao longo do tempo, sobretudo residindo nos bairros.

Ainda em relação ao tempo de residência na localidade, as mais altas incidências se encontraram no período acima de 40 até 50 anos, representando em Cavado, 27,7%, em Noite Negra 23,0% e em Vila Maria 18,2%. O bairro Palmitalzinho registrou o maior percentual de moradores acima de 20 até 40 anos com 33,2%. Em Paineiras o maior percentual de moradores que residem no local acima de 10 até 20 anos é de 25,0%. O registro do menor tempo de residência dos moradores de Paineiras é explicado pelo contexto de formação do bairro, cujas propriedades resultaram de um loteamento recente, como residências inicialmente voltadas ao lazer, sendo ocupadas somente aos finais de semana pelos proprietários.

#### **4.3. Principais características das propriedades**

Dentre as informações levantadas para a caracterização da propriedade estão: os tamanhos médios das propriedades, o número de moradia existentes nas propriedades, as condições das moradias (tipo de construção, número de cômodos, infra-estrutura e meios de deslocamento).



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.2 – Tamanho Médio das Propriedades Pesquisadas em Hectares**

O Gráfico 4.2 apresenta incidência por estrato de área das propriedades pesquisadas nos cinco bairros. De acordo com essas informações as propriedades com tamanho de até 10 hectares são bastante representativas em Paineiras com 66,5%. No entanto não foram encontradas propriedades com tamanho inferior a 10 ha em Palmitalzinho. Tal fato que pode ser explicado pelas diferentes estratégias de busca da manutenção e ampliação do patrimônio familiar, conforme afirmaram esses produtores durante as entrevistas de campo, fato também observado por Sant'Ana, (2003), em pesquisa realizada na Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto-SP.

As propriedades com estrato de área de 20 até 50 ha, foram significativas em quatro dos bairros pesquisados, representando em Cavado 22,2%, Noite Negra 38,6%, Palmitalzinho 55,5%, Vila Maria 45,5%, não havendo registros em Paineiras.

Contudo, as propriedades com estrato de 100 até 200 ha apresentaram a maior incidência em Cavado com 22,3%. Nas propriedades com extensão de 200 até 500 ha, os maiores registros se deram em Vila Maria com 9,1%, e Paineiras com 8,5%.

Ressalta-se que Paineiras se destaca por ter registrado o maior índice de propriedades com tamanho até 10 ha. Em contrapartida apresentou o segundo maior índice de propriedades com tamanho acima de 200 até 500 ha.

Na seqüência serão apresentadas as condições de moradia dos produtores pesquisados, elementos considerados importantes para o entendimento da organização sócio-econômica dos moradores dos bairros rurais. No conjunto dessa análise foi considerada a condição de habitação, independente dos proprietários morarem na propriedade<sup>24</sup> (Tabelas 4.5, 4.6, 4.7 e 4.8).

**Tabela 4.5 – Frequência de moradias por propriedade rural (%)**

Nº de Casas	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
1	72,7	22,2	53,8	50	58,3
De 2 a 3	9,1	44,4	30,8	11,1	33,3
Acima de 4	0	5,5	0	0	0
Não há casa	18,2	27,7	15,4	38,9	8,3
Total em %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com as informações da Tabela 4.5, em Cavado registra-se o maior índice de proprietários que não residem na unidade produtiva (38,9%). Esse alto percentual indica o êxodo rural existente nesse bairro. Em Vila Maria, 72,7% das propriedades apresentaram apenas uma moradia, em Noite Negra 53,8%, em Cavado 50% e em Paineiras 58,3%. Enquanto em Palmitalzinho 44,4% das propriedades têm de 2 a 3 moradias, portanto a maior parte das propriedades desta localidade apresentam um número maior de residências. Além disso somente em Palmitalzinho foram registradas propriedades com 4 ou mais moradias.

O registro de 4 ou até mais moradias encontrado em Palmitalzinho é explicado pela incidência de filhos de produtores que se casaram e formaram uma nova família, mas continuaram morando nas proximidades dos pais e irmãos. Esse tipo de organização familiar,

<sup>24</sup> Quando na propriedade não havia habitação foram registradas as informações referentes à moradia do entrevistado, mesmo esta estando localizada fora do bairro, em área urbana, Tabelas 4.6, 4.7 e 4.8.

característico dos bairros rurais paulistas, foi encontrado na área pesquisada, principalmente em Palmitalzinho e Noite Negra, onde os filhos, mesmo após o casamento, continuam a trabalhar com os demais membros da família, garantindo dessa forma a manutenção do patrimônio familiar e em alguns casos o aumento da propriedade.

Para a caracterização das condições de residência, foram levados em conta, também, as condições e o número de cômodos das residências e a infra-estrutura disponível (Tabelas 4.6, 4.7 e 4.8).

**Tabela 4.6- Tipo de Moradia**

Tipo de Casa	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Alvenaria	72,7	66,6	69,2	61,1	75,0
Madeira	27,2	22,2	30,8	38,8	25,0
Madeira+alvenaria	0	11,1	0	0	0
Total em %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

Pôde-se observar pela Tabela 4.6 que, independente das moradias estarem na propriedade rural ou na área urbana, o percentual de moradias de alvenaria representa a maioria para os moradores de todos os bairros, estando o menor índice registrado em Cavado, com 61,1%. O restante das moradias são de madeira e, somente em Palmitalzinho merece destaque o índice de construções mistas (madeira + alvenaria), representando 11,1%. Em números relativos, isso representa moradias de 2 produtores pesquisados.

A freqüência de cômodos por moradias dos produtores pesquisados é apresentada na Tabela 4.7.

**Tabela 4.7 – Freqüência de cômodos por moradias**

Nº de Cômodos	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
De 4 a 5	27,2	22,2	38,5	16,6	25,0
Acima de 5	72,7	77,7	61,5	83,3	75,0
Total em %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com as informações da Tabela 4.7, a maioria das moradias dos bairros rurais de Anhumas possui mais de 5 cômodos: em Vila Maria 72,7%, em Palmitalzinho 77,7%, em Noite Negra 61,5% e em Paineiras 75,0%. Tais informações demonstram que além das residências, em sua maioria serem de alvenaria, apresentam um tamanho que garante condições confortáveis para as famílias, considerando o número médio de moradores por propriedade.

Na Tabela 4.8 estão apresentadas as condições de infra-estrutura das moradias.

**Tabela 4.8 – Infra-estrutura das moradias**

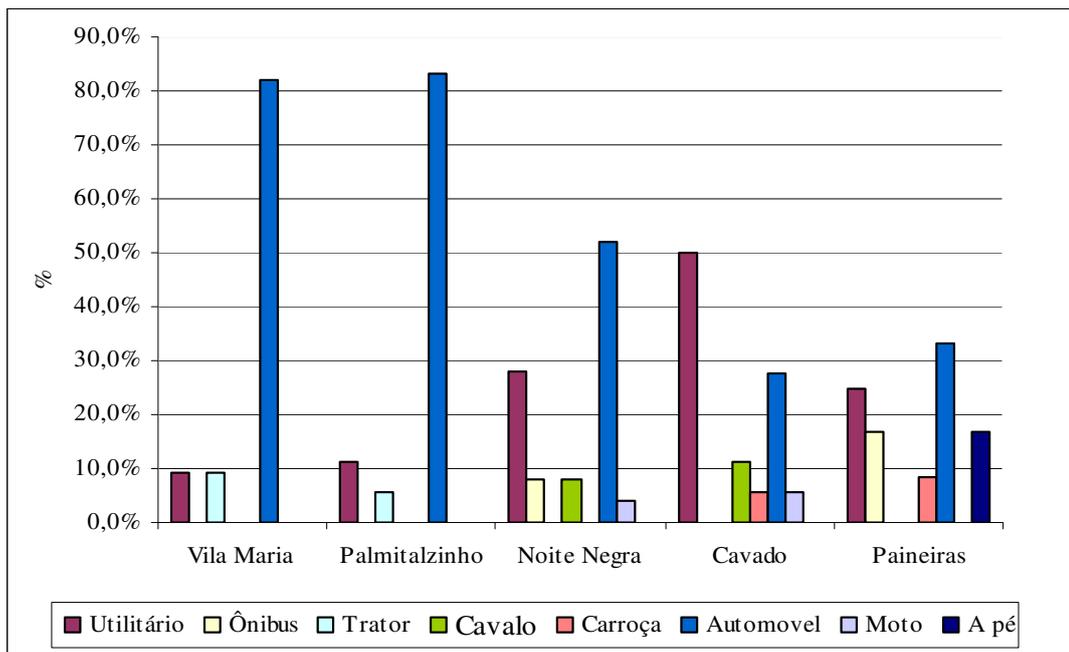
Nº de Cômodos	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Energia Elétrica	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Água Encanada	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Fossa Séptica	81,8	77,7	76,0	50,0	83,3
Esgoto	18,2	22,3	24,0	50,0	16,7
Iluminação Pública	27,2	22,2	24,0	50,0	16,6
Telefone	81,8	77,7	72,0	83,3	33,3

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com a Tabela 4.8 as residências dos produtores pesquisados em todos os bairros rurais são dotadas de boas condições de infra-estrutura, dispondo de energia elétrica e água encanada em 100,0% das moradias. As fossas sépticas foram registradas, de acordo com a proporção de residências na cidade ou no campo, independente do bairro rural, sendo baixa a incidência de esgoto, na maior parte dos bairros, exceção feita a Cavado, com 50,0% de fossa séptica e 50,0% de esgoto.

Sendo baixa a presença de iluminação pública, no entanto é alta a disponibilidade de telefone.

Os meios de deslocamento utilizados pelos produtores, outro fator considerado para caracterizar a condição sócio-econômica deles, estão apresentados no Gráfico 4.3.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.3 – Meios de deslocamento utilizados**

De acordo com o Gráfico 4.3, o automóvel é o principal meio de deslocamento utilizado pelos moradores dos bairros rurais. Utilizam desse meio para deslocamento em Vila Maria 81,8%, em Palmitalzinho 83,3%, em Noite Negra 52,0%, em Cavado 27,8% e Paineiras 33,3%.

O deslocamento por meio de utilitários apresentou o percentual de 50,0% em Cavado, justamente o local onde o automóvel foi menos citado como meio de transporte.

#### **4.4. Estrutura e organização das atividades produtivas**

As informações referentes à produção agropecuária dos bairros rurais de Anhumas, propiciaram a formação do perfil produtivo dessas propriedades rurais, à visualização das diferentes articulações entre os produtores rurais e a inter-relação entre os bairros e a sociedade urbana.

**Tabela 4.9 - Produção Agrícola dos Bairros Rurais Pesquisados em Anhumas<sup>25</sup>**

Culturas	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras	Vila Maria
Abacaxi	0	480 ton.	0	0	1.200 ton.
Batata Doce	4.200 cx	48.225 cx	0	0	29.400 cx
Laranja	4.000 cx	0	0	80 cx	0
*Limão	1.000 cx	0	0	0	500 cx
Ponkan	4.000 cx	0	0	0	0
Mandioca	0	300 ton.	0	0	0
Mamão	0	0	0	0	14.000 cx
Tomate	0	0	18.000 cx	0	0
Milho	1.230 sc	1.220 sc	190 sc	220 sc	460 sc
Amendoim	300 sc	0	0	0	300 sc
Feijão	138 sc	0	0	0	560 sc
Café	3.940 sc	61 sc	130 sc	0	0
Abóbora	0	0	150 ton.	0	0
Melancia	0	0	2.100 ton.	0	300 ton.
Algodão	0	0	0	0	3.180 arrob.
Milho (Silagem)	1.680 ton.	256 ton.	30 ton.	0	0
Cana	420 ton.	230 ton.	155 ton.	80 ton.	0
Napie	0	0	60 ton.	0	0
Eucalipto	0	0	0	0	690 M <sup>3</sup>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

Conforme a Tabela 4.7, em Palmitalzinho e em Noite Negra a cultura do café, embora venha se reduzido sua área de cultivo, se fez presente em quase todas as propriedades, mesmo que fosse para o consumo doméstico. Além do café são cultivados: a batata doce, o milho, o feijão, o amendoim, o abacaxi, a mandioca, o limão e a ponkan. No caso do milho, este foi cultivado para o consumo de animais e como forrageira que, juntamente com a cana-de-açúcar e as rações balanceadas, foi utilizado para a alimentação dos animais leiteiros, principalmente no período da estiagem, quando a pastagem fica mais escassa.

Ainda de acordo com a Tabela 4.9, observa-se que em Cavado as atividades agrícolas estão representadas pela cultura de milho e café, produtos esses utilizados em sua maioria para o consumo interno da propriedade. Além desses produtos foram encontrados melancia e tomate, juntamente com a leguminosa abóbora. Entre as forrageiras foram encontrados o milho forrageiro, a cana-de-açúcar e o napiê. Esses vegetais servem de complemento alimentar aos animais no período da estiagem.

<sup>25</sup> Produção referente às propriedades pesquisadas em campo, representando um percentual de 40 % do total de propriedades dos Bairros Rurais de Palmitalzinho, Noite Negra, Cavado, Paineiras e Vila Maria.

No Bairro Paineiras, local onde a atividade agrícola é pouco expressiva, em função do tamanho reduzido das propriedades, em média 1 a 2 hectares, foram encontrados apenas três produtos agrícolas: a cana-de-açúcar, o milho e a laranja. Pela quantidade registrada, ficou nítida que essas culturas não são destinadas à comercialização, sua principal finalidade é o sustento de pessoas e animais no interior das propriedades.

Vila Maria registrou a prática agrícola mais diversificada, atingindo um índice próximo ao encontrado em Palmitalzinho. Dentre os cereais produzidos foram registrados o amendoim, o feijão e o milho. Nessa localidade estiveram presentes: abacaxi, limão, melancia e mamão. Além disso foram cultivados o algodão, a batata doce e o eucalipto. As frutas são destinadas ao mercado consumidor, assim como o algodão, a batata doce, o amendoim e o feijão, enquanto o milho é utilizado no interior das propriedades. O eucalipto é produzido por um único produtor, que segundo declarações suas, realizou uma experiência com a finalidade de abastecer o mercado de madeira.

No contexto geral, observa-se que o café é cultivado em maior quantidade em Palmitalzinho, apesar de estar presente em número inferior de propriedades pesquisadas, em relação à Noite Negra, por exemplo. O feijão não foi encontrado em Noite Negra, Cavado e Paineiras, assim como o amendoim só foi encontrado em Vila Maria e Palmitalzinho.

O abacaxi encontrado em Vila Maria e Noite Negra, cultivado por apenas um produtor em cada uma das localidades, foi superior em quantidade no primeiro bairro, contudo a produção de Noite Negra caracteriza um cultivo orgânico, o que indica uma estratégia no sentido de atendimento à determinados nichos de mercado.

A batata doce encontrada em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria, teve a produção mais significativa representada por Noite Negra, seguido por Vila Maria.

O amendoim é produzido em Palmitalzinho e Vila Maria na mesma quantidade. Ressalta-se que em décadas passadas a cultura do amendoim teve grande importância na

economia do município e também da região de Presidente Prudente, enquanto oleaginosa que servia de matéria prima para as indústrias processadoras.

De acordo com Hespanhol (2000), a lavoura de amendoim, entre 1950 e 1970 passou por significativa expansão na região, entrando em declínio a partir de meados de 1970.

No caso do milho a granel, este é cultivado em todas as cinco localidades, apresentando o maior índice de produção em Palmitalzinho e Noite Negra.

Entre os citros, a laranja é produzida em Palmitalzinho e Paineiras, sendo em quantidade maior no primeiro local, enquanto no segundo tem sua produção voltada ao autoconsumo. O limão está presente em Palmitalzinho e Vila Maria. Nas duas localidades essa cultura é praticada por apenas um produtor, que destina a produção ao mercado regional. A ponkan foi registrada somente em Palmitalzinho, cultivada pelo mesmo produtor de limão e laranja.

A melancia é produzida somente em Cavado e em Vila Maria, sendo a produção da primeira muito superior à segunda localidade.

O tomate e a abóbora são encontrados somente em Cavado, sendo esses produtos destinados às indústrias processadoras de extrato e molho de tomate e a fabricação de doces de abóbora.

No caso do algodão, este é cultivado somente em Vila Maria e destinado ao mercado de fiação da região.

A mandioca é produzida somente em Noite Negra, por um produtor que é feirante e comercializa este produto semanalmente em Presidente Prudente.

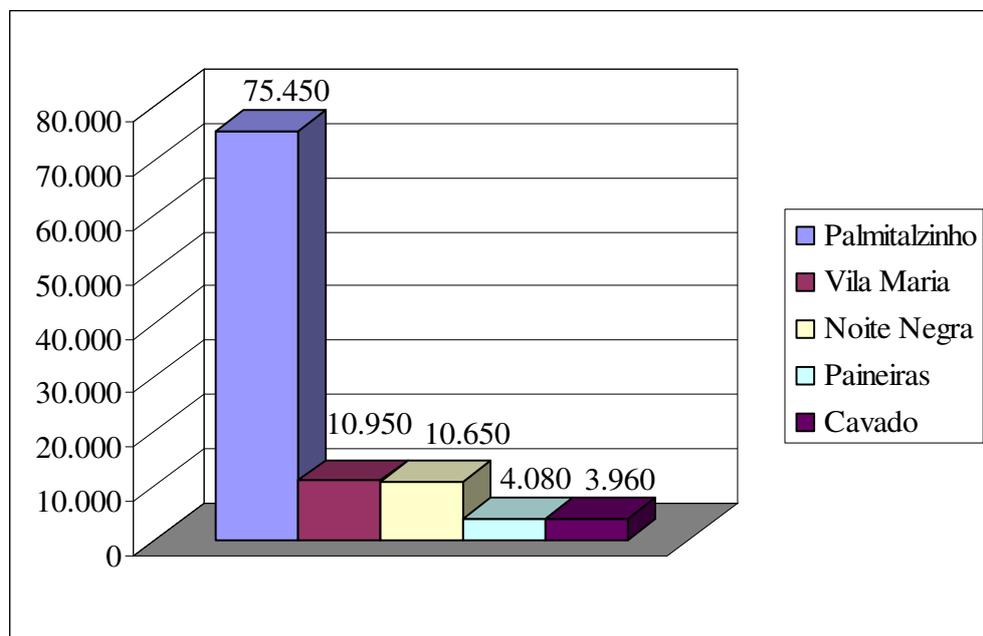
O mamão é cultivado somente em Vila Maria pelo mesmo produtor de eucalipto e destinado ao mercado da capital paulista, por ser uma variedade de alta demanda no mercado.

O milho forrageiro, utilizado como complemento alimentar de bovinos, está presente em Palmitalzinho, Noite Negra e Cavado, numa quantidade muito superior em Palmitalzinho,

em função do elevado índice de investimento na pecuária leiteira e também do maior número de proprietários que desenvolvem essa atividade. Nesse contexto o napiê, vegetal também utilizado como forrageiro, é produzido somente em Cavado. A maior produção de cana está em Palmitalzinho, não sendo registrada em Vila Maria.

Apesar do alto custo de produção da pecuária leiteira e das reduzidas oportunidades de comercialização deste produto por um preço satisfatório, muitos proprietários rurais continuam praticando esse tipo de atividade. A produção leiteira foi encontrada em todos os bairros pesquisados, embora não estivesse presente em todas as propriedades visitadas durante a pesquisa de campo.

No Gráfico 4.4 estão representados os índices de produção da pecuária leiteira, assim como os bairros rurais onde a produção leiteira foi mais expressiva.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.4 - Produção Leiteira Mensal**

De um total de 85 propriedades pesquisadas, foi registrada a prática da pecuária leiteira em 12 das 18 propriedades visitadas em Palmitalzinho, em 19 das 26 do bairro Noite

Negra, em 3 das 12 pesquisadas em Paineiras, em 4 das 18 de Cavado e em 7 das 11 de Vila Maria.

No universo pesquisado, a presença da pecuária de corte extensiva é pouco expressiva, de modo que os bovinos de corte presentes são criados no espaço não cultivado, e representam uma reserva a ser mobilizada diante de possíveis eventualidades financeiras.

Pelos índices de produção apresentados no Gráfico 4.4 é possível observar que a produção leiteira de Palmitalzinho é muito superior à dos demais bairros pesquisados, em razão do maior volume de investimentos. Assim a produção leiteira desses bairros pode ser agrupada em três categorias. Em uma primeira ficaria Palmitalzinho, representando o maior índice de produção do município. Vila Maria e Noite Negra, com produção bastante inferior à de Palmitalzinho, estariam juntas em um segundo grupo, por apresentam uma produção muito próxima. No terceiro grupo estariam Paineiras e Cavado, com a menor produção, contudo semelhante entre eles.

Provavelmente, por se encontrar mais próximo das vias de acesso pavimentadas, em Palmitalzinho é mais intensa a prática da pecuária leiteira mecanizada, com a presença de resfriadores, bem como matrizes de linhagem melhor selecionada e a utilização da inseminação artificial. A utilização do tanque resfriador facilita a produção de leite: através do processo de resfriamento e armazenagem esse produto pode ser coletado em dias alternados pelo caminhão tanque que faz a coleta nas propriedades (Foto 04). A utilização do tanque resfriador por um lado facilita o armazenamento e a coleta do leite, por outro propicia a venda deste produto por um preço mais elevado, em função da melhor conservação das propriedades protéicas do leite.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Foto 04 - Tanque Resfriador de Leite – Bairro Palmitalzinho**

Nos demais bairros o investimento na produção e no melhoramento dos rebanhos bovinos leiteiros tem sido pouco expressivo. Pelas informações coletadas em campo, o setor de pecuária atravessa um momento onde o custo de produção é muito elevado e o retorno reduzido, em função do valor pago pelo produto por parte dos laticínios. Para agravar ainda mais o problema dos produtores de leite ocorreu, na região de Presidente Prudente, recentemente, a falência de um laticínio que era responsável pela compra e processamento de aproximadamente 70 % do leite produzido na região. Com a falência desse laticínio, muitos produtores tiveram prejuízos, que em alguns casos representaram a produção total de 6 meses. Os poucos produtores que receberam parte do pagamento de sua produção, foram pagos com produtos agropecuários. Tal problema levou a uma atitude de cautela, quanto aos investimentos na pecuária leiteira e às vendas de seus produtos para um laticínio do Paraná,

fato que está ocorrendo com aqueles que ainda produzem o leite na região onde se situa o presente estudo.

No contexto geral das propriedades dos bairros rurais pesquisados em Anhumas, são desenvolvidas atividades ligadas à lavoura e à pecuária leiteira. Essas duas atividades geram rendas complementares para o sustento das famílias. Mesmo nas propriedades onde a pecuária leiteira não é desenvolvida, no caso de famílias onde a renda agrícola é complementada por aposentadorias, foi registrada a presença de alguns bovinos, que serviam de fundo de reserva ou poupança, no caso de alguma eventualidade ou dificuldade financeira por parte desses agricultores.

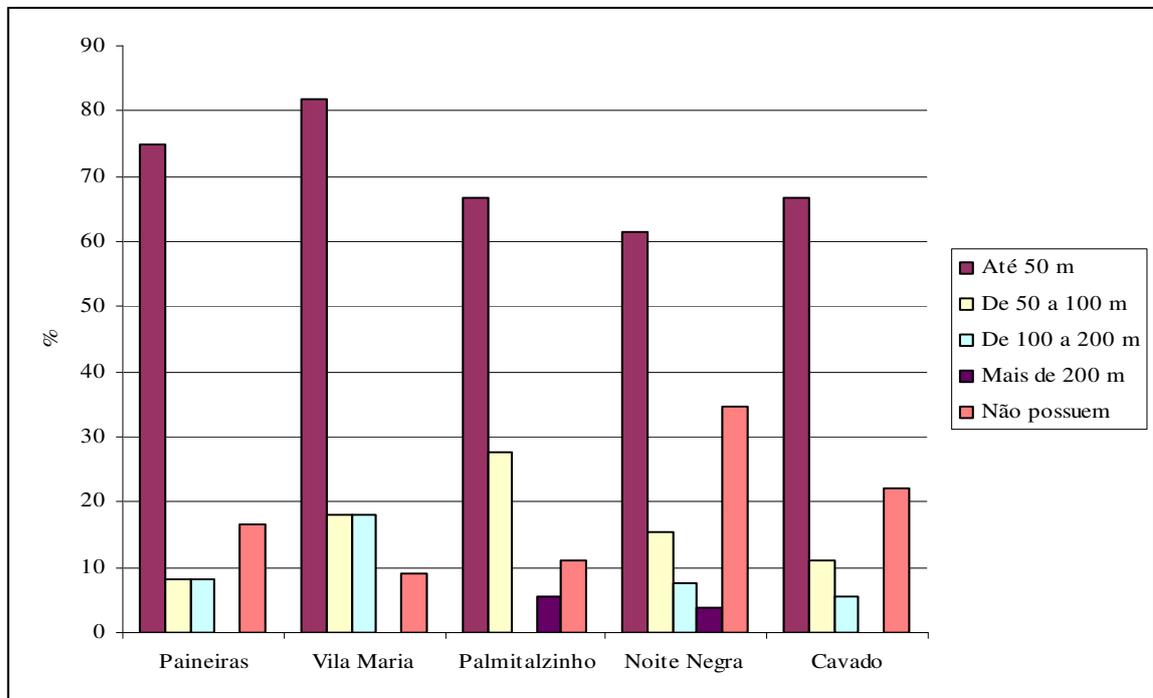
As diferentes formas de organização desses agricultores familiares revelaram estratégias de ligação com a terra e com o patrimônio; estratégias de produção e comercialização; estratégias intra-familiares de gestão da unidade familiar; cooperação, alianças e outras formas de organização comunitária. Esse tipo de organização garante a sustentabilidade econômica e o patrimônio da família.

Essas estratégias dos produtores familiares, que buscam dentro do circuito da produção agropecuária a sua reprodução, incluem, além da tecnificação e da integração à agroindústria, a diversificação da produção, a introdução de inovações no processo de comercialização, a participação em mercados diferenciados ou especializados e formas de organização criativas que procuram superar as dificuldades do cooperativismo e associativismo tradicional. (SANT`ANA, 2003, p. 32-33).

Dentre as estratégias identificadas nos bairros rurais de Palmitalzinho e Noite Negra se destacou: a prática de policultura, a pecuária leiteira, a utilização da ordenhadeira mecânica e dos resfriadores de leite para agregar valor a esse produto.

Assim como a produção leiteira, as lavouras necessitam de locais para a armazenagem da produção vegetal. Para isso dependem de condições adequadas para a

estocagem da safra. O Gráfico 4.5 apresenta o percentual de unidades produtivas que dispõem de lugares para a estocagem desses produtos.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.5 – Disponibilidade de lugares para o armazenamento da produção agrícola**

De acordo com o Gráfico 4.5, em todos bairros rurais o índice de propriedades que possuem depósitos para o armazenamento é superior a 60,0%. Portanto em Paineiras 75,0% possuem depósito de até 50 m<sup>2</sup>, em Vila Maria 81,8%, em Palmitalzinho 66,6%, em Noite Negra 61,5% e em Cavado 66,6%. Depósito com tamanho superior a 200 m<sup>2</sup> somente foi registrado em Palmitalzinho e em Noite Negra. São esses dois lugares que apresentaram a maior articulação entre os moradores e as iniciativas de empreendimentos produtivos.

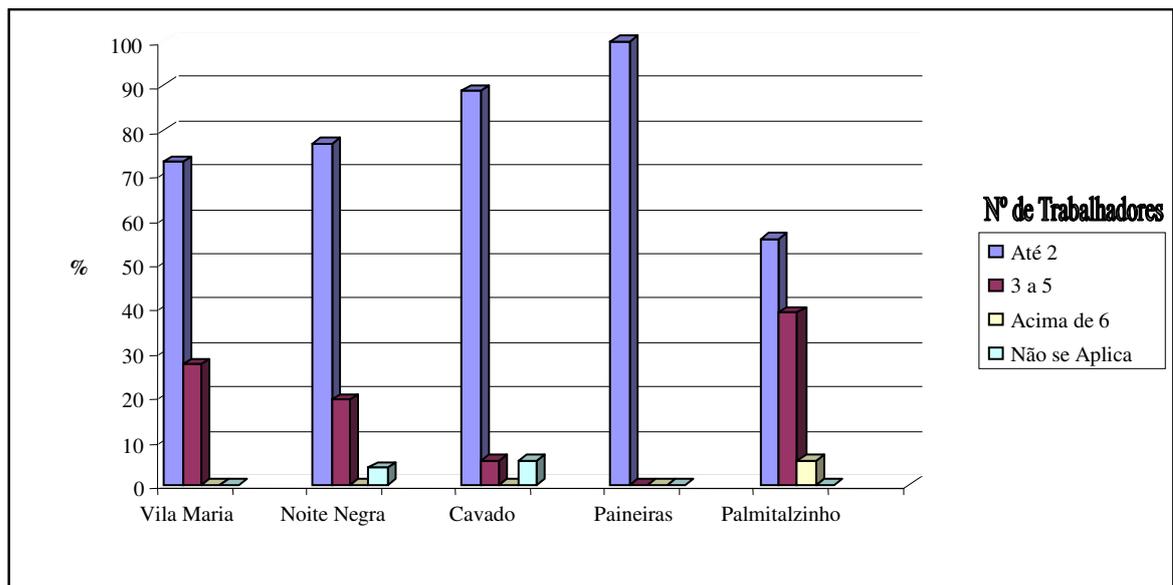
Apesar de haver propriedades que possuíam mais de um depósito para o armazenamento da produção, algumas unidades produtivas não dispõem dessa condição. A presença registrada em Paineiras é de 16,6%, em Vila Maria de 9,1%, em Palmitalzinho de 11,1%, em Noite Negra de 34,6% e em Cavado de 22,2%. Esses índices se referem a

propriedades que se encontravam ocupadas com pastagem e não possuem atividades agrícolas intensas.

#### 4.4.1 – Força de Trabalho utilizada

O perfil da força de trabalho utilizada em cada um dos cinco bairros rurais constitui um elemento bastante significativo na caracterização da cada um deles.

As informações sobre a utilização da força de trabalho familiar, assalariada permanente e assalariada temporária, empregada na produção agropecuária estão disponíveis no Gráfico 4.6 e Tabela 4.10.



Obs: Não se Aplica se refere à propriedade arrendada para terceiros

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.6 – Força de Trabalho Familiar**

Pelas informações apresentadas no Gráfico 4.6, o trabalho familiar, envolvendo até 2 membros é predominante em todos os bairros, representando em Vila Maria 72,8% das

propriedades, em Noite Negra 77,0%, em Cavado 89,0%, em Paineiras 100,0% e em Palmitalzinho 55,5%.

Palmitalzinho foi o único local onde trabalham mais de 6 membros familiares nas atividades agropecuárias num percentual de 5,5%.

Ainda de acordo com o Gráfico 4.6, a informação *não se aplica*, referente às propriedades que se encontravam arrendadas para terceiros, registraram o percentual em Cavado de 5,5% em e em Noite Negra de 3,8%. Esses foram os únicos casos registrados de arrendamento nos cinco bairros pesquisados. Entretanto são referentes a apenas uma propriedade em cada bairro, e são proprietários idosos que se mudaram para a cidade de Anhumas.

**Tabela 4.10 – Trabalho Assalariado Permanente e Temporário**

Nº de Trabalhadores	Vila Maria		Noite Negra		Cavado		Paineiras		Palmitalzinho	
	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.
Até 2	9,1	9,1	3,8	23,0	11,1	22,2	16,6	8,3	22,2	11,1
De 3 a 5	0	9,1	0	15,4	0	11,1	0	0	0	16,6
De 6 a 10	0	0	0	15,4	0	11,1	0	0	0	5,5
Acima de 10	0	0	0	3,8	0	5,5	0	0	0	5,5
Total em %	9,1	18,2	3,8	57,6	11,1	49,9	16,6	8,3	22,2	38,7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

Pelas informações da Tabela 4.10, referente à utilização de trabalho permanente e temporário nas unidades produtivas, a utilização de 2 trabalhadores assalariados permanentes teve a maior incidência em Palmitalzinho, em 22,2% das propriedades. No que diz respeito à utilização de trabalhadores temporários, a maior incidência foi observada em Noite Negra, com 23,0%, referente à utilização de até 2 trabalhadores. Em Palmitalzinho observa-se a incidência de 16,6% entre 3 e 5 empregados.

A utilização de mais de 10 trabalhadores assalariados temporários, foi identificada em Noite Negra em 3,8% das propriedades, e em Cavado e Palmitalzinho em 5,5%, enquanto nas demais localidades não houve registro.

#### 4.4.2 – Recursos tecnológicos, equipamentos e insumos

No contexto de análise dos recursos disponíveis nas propriedades pesquisadas foram considerados: máquinas, equipamentos e insumos utilizados pelos produtores rurais.

A tabela 4.9 apresenta as diferentes formas de organização interna da produção agropecuária, detalhando os equipamentos utilizados, sendo em alguns casos próprios dos agricultores ou alugados de terceiros.

**Tabela 4.11 – Incidência de máquinas e equipamentos nas propriedades**

	Paineiras		Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado	
	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.
Implementos										
Tratores	25,0	16,6	72,7	18,1	77,7	22,2	42,3	38,4	44,4	55,5
Colheitadeiras	0	0	18,1	0	11,1	22,2	3,8	3,8	16,6	22,2
Carreta/Trator	25,0	16,6	72,7	18,1	77,7	22,2	42,3	38,4	44,4	0
Pulveriz. Costal	41,6	0	91,0	0	83,3	0	69,2	0	94,4	0
Ordenh. mecânica	0	0	0	0	16,6	0	0	0	0	0
Plant. plant.direto	0	0	27,2	0	22,2	0	15,3	11,5	0	5,5
Pulveriz. - Trator	0	0	27,2	0	22,2	22,2	11,5	0	33,3	16,6
Distrib. de calcário	8,3	25,0	36,3	36,3	16,6	27,7	27,0	30,7	16,6	66,6
Sem./adubadeira	8,3	25,0	45,4	9,1	33,3	16,6	23,0	27,0	38,8	33,3
Carroça	25	0	45,4	0	27,7	0	34,6	0	27,7	5,5
Triturador	8,3	0	0	0	11,1	0	3,8	0	5,5	0
Cultivador	0	0	9,1	0	0	0	0	0	0	0
Sulcador	0	0	9,1	0	0	0	0	0	0	0
Ensiladeira	0	0	0	0	22,2	0	3,8	0	0	0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

De acordo com a Tabela 4.11 a utilização dos **tratores de propriedade** dos produtores teve o maior percentual em Palmitalzinho com 77,7% e em Vila Maria com 72,7%, locais esses onde os índices de cultivo agrícola são mais expressivos.

A **carreta do trator**, por ser considerado um implemento acessório indispensável à essa máquina, teve sua presença registrada na mesma proporção dos mesmos e locais.

A **colheitadeira de propriedade** dos produtores teve maior registro em Vila Maria, com 18,1% e Cavado com 16,6%. No primeiro bairro foi identificado em vários cultivos que necessitam desse equipamento e, no segundo, embora não haja registros de elevada presença no momento da pesquisa, houve intenso cultivo de cereais em períodos anteriores.

O **pulverizador costal**, por ser um equipamento muito utilizado nas propriedades rurais, para a aplicação de defensivos agrícolas, e de baixo valor, foi o item encontrado com maior frequência entre os produtores rurais pesquisados. Em 100,0% dos registros esse equipamento era de propriedade do agricultor. Esse equipamento é utilizado em 41,6% das propriedades em Paineiras, em 91,0 % em Vila Maria, em 83,3% em Palmitalzinho, em 69,2% em Noite Negra e em 94,4% em Cavado.

A **ordenhadeira mecânica** foi encontrada somente em Palmitalzinho, bairro marcado pela presença de gado leiteiro, sendo utilizada por 16,6% dos produtores. Esse índice demonstra o grau de tecnificação em que esses agricultores se encontram, além de reforçar o maior investimento na pecuária leiteira.

Para o plantio das lavouras alguns produtores utilizam a **plantadeira de plantio direto**, um equipamento que facilita o cultivo agrícola e acelera o processo de semeadura. Entre aqueles que utilizam a plantadeira de plantio direto em sua maioria, o equipamento é de sua propriedade, devido ao alto custo de utilização. Desse modo, em Vila Maria 27,2% possuem a plantadeira, em Palmitalzinho 22,2% e em Noite Negra 15,3%.

O **pulverizador de trator** é outro equipamento de propriedade do produtor que o utiliza. Em Vila Maria, 27,2% possuem o pulverizador, em Palmitalzinho 22,2%, em Cavado 33,3% e em Noite Negra 11,5%. Em Paineiras não foi registrada a utilização desse equipamento, uma vez que não se pratica a agricultura intensiva.

O **distribuidor de calcário** é utilizado em todos os bairros pesquisados, por ser um equipamento necessário à aplicação desse insumo na correção do solo.

A **semeadeira/adubadeira**, encontrada em todos os bairros rurais, representa a mesma importância que o distribuidor de calcário durante os cultivos agrícolas.

A utilização de **adubos e fertilizantes** foi registrada em todos os bairros rurais pesquisados. Os registros da utilização do distribuidor de calcário e da semeadeira/adubadeira, independentemente do número de agricultores que utilizam esses implementos agrícolas, confirmam a importância dada à correção dos solos para a produção dos cultivos. A prática desse tipo de aplicação de insumos demonstra a preocupação dos produtores rurais com o desgaste do solo, em função da prática de lavouras temporárias e da má conservação dos recursos naturais em períodos passados. Essa mesma prática dos agricultores foi detectada por Hespanhol, (2000).

“Para compensar a essa redução da fertilidade natural dos solos, os produtores tendem a aumentar a quantidade de insumos químicos, sobretudo de fertilizantes e outros nutrientes químicos, elevando os custos de produção” (HESPANHOL, 2000, p. 305).

Apesar da presença do trator, a importância da **carroça** ainda é significativa na área estudada, como meio de transporte de produtos agrícolas. Em Paineiras 25,0% possuem carroça, em Vila Maria 45,4%, em Palmitalzinho 27,7%, em Noite Negra 34,6% e em Cavado 27,7%, havendo neste último bairro o registro de um produtor (5,5%) que utiliza a carroça, de propriedade do empregado.

O **tritador** é um maquinário utilizado pelos produtores rurais, sobretudo para o auxílio no preparo de forrageiras para os animais. O seu registro foi encontrado em Paineiras (8,3%), em Palmitalzinho (11,0%), em Noite Negra (3,8%), em Cavado (5,5%). Em Vila Maria não houve registro da presença desse equipamento, embora se saiba que provavelmente esteja presente em todas as propriedades que criam animais bovinos, eqüinos, etc.

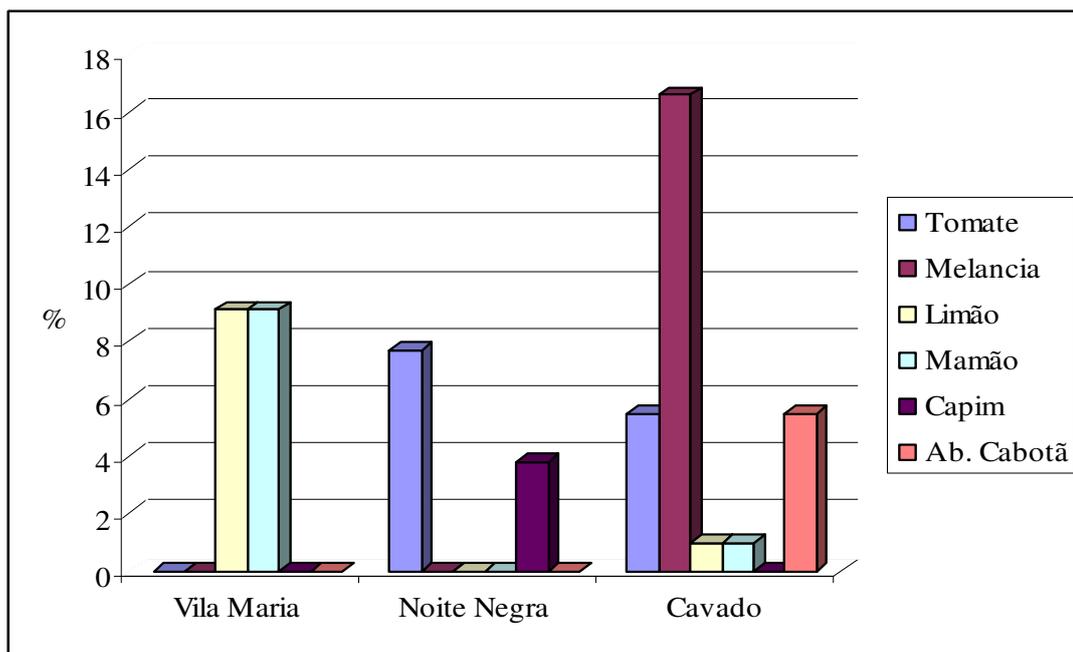
A **ensiladeira** normalmente é utilizada, juntamente com o triturador, para o preparo das rações dos animais. É importante ressaltar que a presença da ensiladeira só foi registrada em dois bairros: em Palmitalzinho, com a incidência de 22,2% e em Noite Negra com 3,8%. A maior incidência no primeiro bairro se justifica pelo investimento na pecuária leiteira, enquanto o percentual do segundo representa apenas um produtor rural que já produziu grande quantidade de leite no passado.

O **cultivador** e o **sulcador**, equipamentos utilizados no preparo do solo, aparecem somente em Vila Maria por um único agricultor.

A presença da **irrigação**, considerada outro elemento importante na caracterização da produção agrícola, teve sua incidência levantada por meio da identificação do número de produtores que utilizam essa prática, através levantamento das culturas irrigadas, do tipo de irrigação, da procedência da água e da fonte de energia responsável pelo bombeamento dessa água até as plantações.

No conjunto dos bairros rurais, Paineiras e Palmitalzinho não registraram a presença da utilização da irrigação das plantações. Tal fato pode ser explicado pela dificuldade de acesso à água de rios e córregos no local onde se localizam as propriedades pesquisadas em Paineiras e também pela pouca expressividade da agricultura no local. Em Palmitalzinho, apesar da disponibilidade de água, os produtores ainda não utilizaram a irrigação, mas estão se preparando para isso, de acordo com as suas declarações. Talvez devido à proximidade dos recursos hídricos não se necessite tanto de irrigação. Segundo declaração dos pesquisados, a umidade de que as plantas necessitam é absorvida por suas raízes.

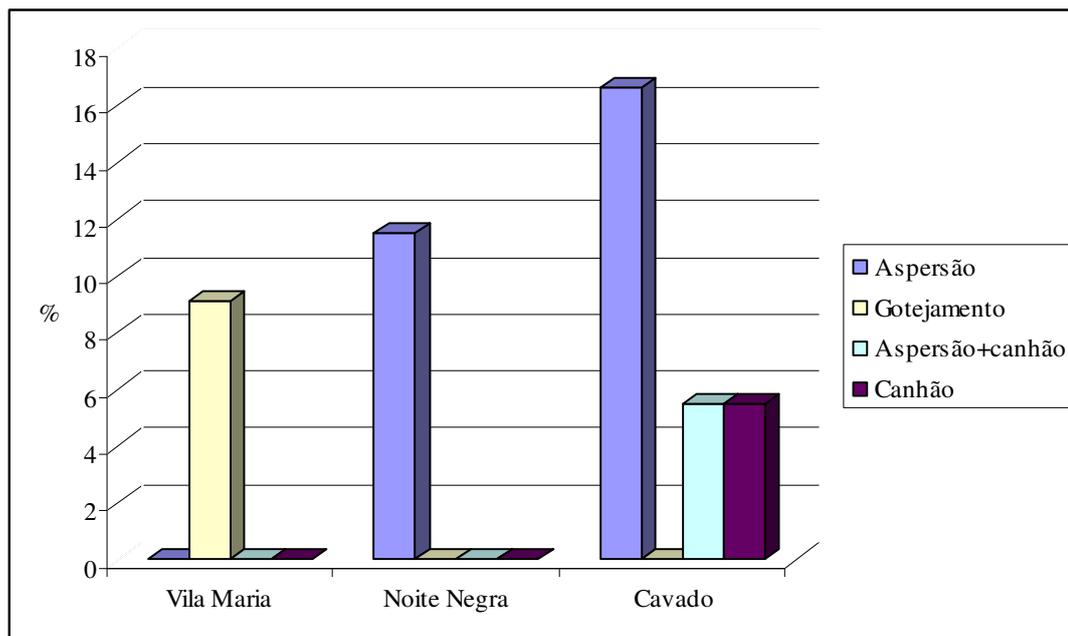
As informações sobre a utilização da irrigação para diferentes produtos, nos bairros Vila Maria, Noite Negra e Cavado estão representados nos Gráficos 4.7a, 4.7b, 4.7c e 4.7d.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.7a – Culturas irrigadas nas propriedades pesquisadas dos bairros que utilizam irrigação**

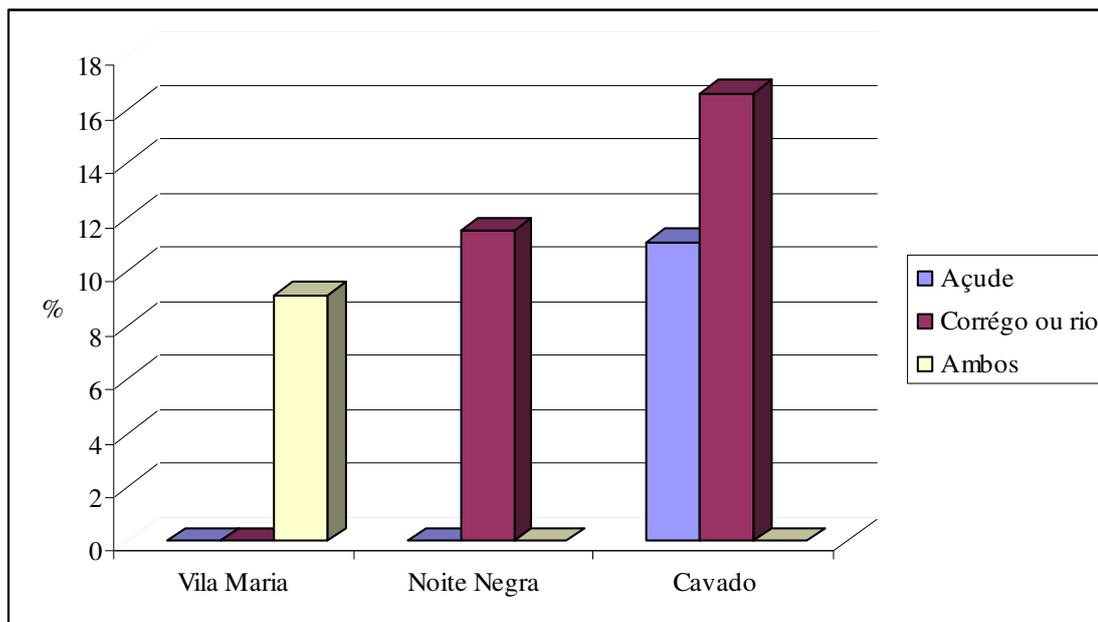
De acordo com o Gráfico 4.7a o bairro Cavado é o local onde mais se utiliza a irrigação. Das culturas registradas no conjunto dos bairros, a melancia é a cultura onde mais se utiliza a irrigação, representando 16,6%. A irrigação do capim só foi observada em Noite Negra, praticada por apenas um produtor. Cabe observar a maior incidência do uso da irrigação para as culturas comerciais: tomate, melancia, mamão, limão e capim, este voltado à pecuária leiteira, mais tecnicada.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.7b – Tipo de irrigação utilizada nas propriedades pesquisadas dos bairros que utilizam irrigação**

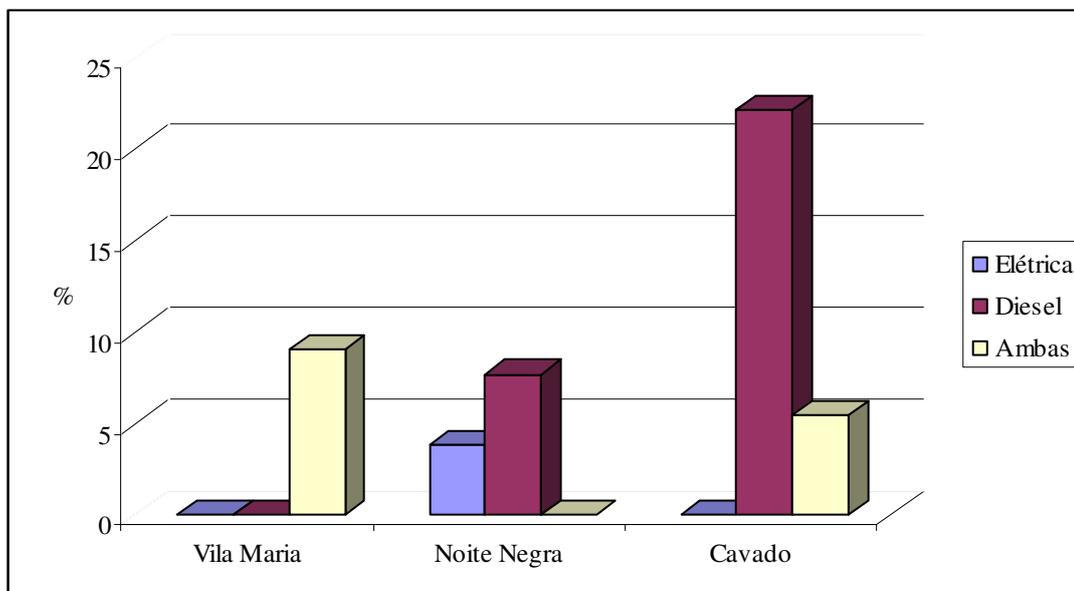
A prática da irrigação, de acordo com as informações do Gráfico 4.7b, indica que Cavado se destaca pela maior variação do tipo de irrigação. Contudo a irrigação por aspersão predomina nesse bairro (16,6%), fazendo-se também presente em Noite Negra 11,5% das propriedades. O uso do canhão (equipamento de irrigação que lança um jato d'água à longa distância e efetua um giro de 360°) foi encontrado somente em Cavado. Praticado por apenas um produtor, no entanto, constitui indicador de diversificação tecnológica. A irrigação de gotejamento por sua vez, considerada uma das técnicas mais eficientes, em função do pouco desperdício da água, foi registrada somente em Vila Maria, utilizada também por apenas um produtor, nas culturas do limão e do mamão, registrado também a adoção de moderna tecnologia, aplicada às culturas objeto de comercialização.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.7c – Procedência da água utilizada na irrigação das propriedades dos bairros que a utilizam**

De acordo com o Gráfico 4.7c, a água utilizada para a irrigação no bairro Cavado é proveniente de açudes, córregos ou rios, havendo a predominância de córregos e rios, em função dos aspectos físicos apresentados nessa localidade que oferece uma grande disponibilidade de recursos hídricos que favorecem o desenvolvimento da agricultura. Esses aspectos destacados no início deste capítulo, também podem ser observados na Figura 03, que apresenta a rede hidrográfica que permeia os bairros rurais pesquisados. Em Noite Negra, a água utilizada para a irrigação é proveniente de córregos ou rios, com características de uso relacionadas à disponibilidade de recursos hídricos semelhante ao observado para Cavado. Em Vila Maria a irrigação utiliza água tanto de córregos quanto de açudes.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.7d – Fontes de energia utilizadas na irrigação**

Com relação às fontes de energia utilizadas para o bombeamento da água para a irrigação, o Gráfico 4.7d indica que o óleo diesel é a fonte mais utilizada em Cavado (em 22,2% das propriedades) e em Noite Negra (7,7% das propriedades). A energia elétrica é utilizada como única fonte de energia em Noite Negra, por 3,8% dos proprietários. A combinação de uso de diesel mais energia elétrica é praticada em Vila Maria em uma propriedade. Também em Cavado, um produtor utiliza essas duas fontes de energia para a irrigação. Apesar do custo mais baixo de energia elétrica, seu uso combinado ao diesel ocorre em razão da inexistência de rede elétrica nas proximidades do local de captação. Por outro lado, cabe lembrar que nem todas as regras referentes à utilização da água disponível em mananciais têm sido cumpridas, o que pode constituir um obstáculo para a continuação da atividade de irrigação. Nesse caso, seria importante a construção de reservatórios para esse fim.

Os fertilizantes e defensivos foram analisados da mesma forma que os equipamentos, para o entendimento do nível de utilização de recursos financeiros desses

agricultores na produção agrícola e para a investigação da importância que eles têm para a conservação e a recuperação do solo desgastado.

A Tabela 4.12 apresenta a utilização dos fertilizantes de base e de cobertura nos diferentes cultivos agrícolas das propriedades pesquisadas.

**Tabela 4.12 - Incidência da utilização de fertilizantes – de base e de cobertura - nas propriedades (em %)**

Cultura	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C
Batata Doce	54,5	54,5	11,1	11,1	42,3	38,4	0	0	0	0
Cana-de-açúcar	0	0	0	0	0	0	5,5	0	0	8,3
Café	0	0	50,0	39,0	7,6	11,5	5,5	11,1	0	0
Milho	36,3	36,3	50,0	44,4	27,0	19,2	11,1	5,5	8,3	8,3
Algodão	27,2	18,1	0	5,5	3,8	3,8	0	0	0	0
Pastagem	0	0	16,6	11,1	0	0	5,5	5,5	8,3	8,3
Ponkan	0	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Feijão	9,1	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0
Laranja	0	0	0	0		0	0	0	0	8,3
Limão	9,1	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0
Mamão	9,1	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0
Abóbora	0	0	0	0	0	0	16,6	11,1	0	0
Amendoim	0	0	5,5	5,5	0	0	0	0	0	0
Melancia	0	0	0	0	0	0	16,6	11,1	0	0
Tomate	0	0	0	0	0	0	5,5	5,5	0	0
Abacaxi	9,1	9,1	0	0	3,8	3,8	0	0	0	0

B- Fertilizante de base      C- Fertilizante de cobertura

Fonte: Pesquisa de campo, 2005

Conforme os dados fornecidos pela Tabela 4.12, a única cultura vegetal que recebeu a aplicação de fertilizantes de base e cobertura em todos os bairros pesquisados foi o **milho**. Esse fato se explica em razão do alto custo desse procedimento, apenas compensado pela receita advinda das vendas desse produto.

Na **batata-doce**, foram aplicados fertilizantes de base e de cobertura em Vila Maria, em Palmitalzinho e em Noite Negra.

O cultivo do **café** recebeu a aplicação de fertilizantes de base e de cobertura em Palmitalzinho, em Noite Negra e em Cavado.

No algodão, a aplicação de fertilizantes de base e de cobertura ocorreu em Vila Maria e em Noite Negra. Em Palmitalzinho apenas houve aplicação de fertilizantes de cobertura. Em Cavado e Paineiras não há produção de algodão.

A **pastagem** recebeu a aplicação de fertilizantes de base e de cobertura em Palmitalzinho, Cavado e Paineiras. Essa aplicação está relacionada ao fato de se tratar, no momento da pesquisa, de renovação de pastagem.

De acordo com o percentual de aplicação de fertilizantes, observa-se que em Palmitalzinho foram aplicados em 16,6% das propriedades fertilizantes de base e em 11,1% de cobertura, justamente nesse bairro a pecuária leiteira recebeu o maior investimento.

A **ponkan** recebeu em Palmitalzinho, único local onde foi registrado esse cultivo, apenas fertilizantes de base.

No **feijão** foram aplicados fertilizantes de base e de cobertura somente em Vila Maria, embora esse cultivo ocorra também em Palmitalzinho. Nos demais bairros, pelo fato de não cultivarem o feijão, não há aplicação de fertilizantes de base e de cobertura.

Nas culturas do **mamão** e do **limão**, a aplicação de fertilizantes de base e de cobertura foi realizada somente em Vila Maria.

A **abóbora** só recebeu fertilizantes de base e de cobertura em Cavado.

No **amendoim** foram aplicados fertilizantes de base e de cobertura somente em Parmitalzinho.

Na **melancia** e no **tomate**, culturas encontradas somente em Cavado, foram aplicados fertilizantes de base e de cobertura.

O **abacaxi** encontrado em Vila Maria e Noite Negra, recebeu a aplicação dos fertilizantes de base e cobertura.

Além da utilização de fertilizantes, foi levantada a aplicação de outros insumos, como o calcário para a correção da acidez do solo e o adubo orgânico por ser de origem animal e vegetal, portanto mais adequado ao meio ambiente. Essas informações estão disponíveis na Tabela 4.13.

**Tabela 4.13 – Incidência da utilização de calcário e adubo orgânico nos bairros rurais (%)**

Cultura	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	C	O	C	O	C	O	C	O	C	O
Batata Doce	27,2	0	11,1	0	27,0	0	5,5	0	0	0
Café	0	0	27,7	0	3,8	0	5,5	0	0	0
Abóbora	0	0	0	0	0	0	16,6	0	0	0
Abacaxi	0	0	0	0	3,8	0	0	0	0	0
Milho	0	0	27,7	0	3,8	0	0	0	8,3	8,3
Ponkan	0	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Amendoim	9,1	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Cana-de-açúcar	0	0	0	0	3,8	0	0	0	0	0
Melancia	9,1	0	0	0	0	0	16,6	0	0	0
Pastagem	0	0	22,2	0	3,8	0	16,6	5,5	16,6	0
Laranja	0	0	0	0	0	0	0	0	8,3	0
Limão	9,1	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0
Tomate	0	0	0	0	0	0	5,5	0	0	0
Mamão	9,1	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0
Algodão	9,1	0	9,1	0	0	0	0	0	0	0

C - Calcário

O - Adubo Orgânico

Fonte: Pesquisa de campo, 2005

De acordo com a Tabela 4.13, o calcário foi aplicado principalmente na cultura da **batata doce** em propriedades em Vila Maria (27,2%), em Palmitalzinho (11,1%), em Noite Negra (27%) e em Cavado (5,5%). Cabe lembrar que, para o cultivo de batata doce, é fundamental a aplicação de calcário.

Na cultura do **café** o calcário foi utilizado em Palmitalzinho em 27,7% das propriedades, em Noite Negra em 3,8% e em Cavado em 5,5%.

A **abóbora** recebeu a aplicação do calcário apenas em Cavado, em 16,6% das propriedades. Nos demais bairros não houve registro desse tipo de cultivo.

O **abacaxi** recebeu calcário somente em Noite Negra – num percentual baixo - embora tenha sido encontrado seu cultivo em Vila Maria. A cultura do abacaxi, em Noite Negra, tem recebido tratamento orgânico com base no controle biológico de pragas, o que tem causado embate entre produtores da mesma família.

O **milho** recebeu calcário em Palmitalzinho em 27,7% das propriedades, e em Noite Negra em 3,8%. Em Paineiras foram utilizados tanto calcário, quanto adubo orgânico na cultura do milho, no mesmo percentual de 8,3%.

Para a **ponkan**, cultivada somente em Palmitalzinho, foi registrado recebimento de 5,5% de calcário.

No **amendoim** foi aplicado calcário em Vila Maria (9,1%) e em Palmitalzinho (5,5%).

Na **melancia** o calcário foi utilizado em Vila Maria (9,1%) e em Cavado (16,6%). Neste último bairro, este produto destaca-se pelo volume de produção e comercialização.

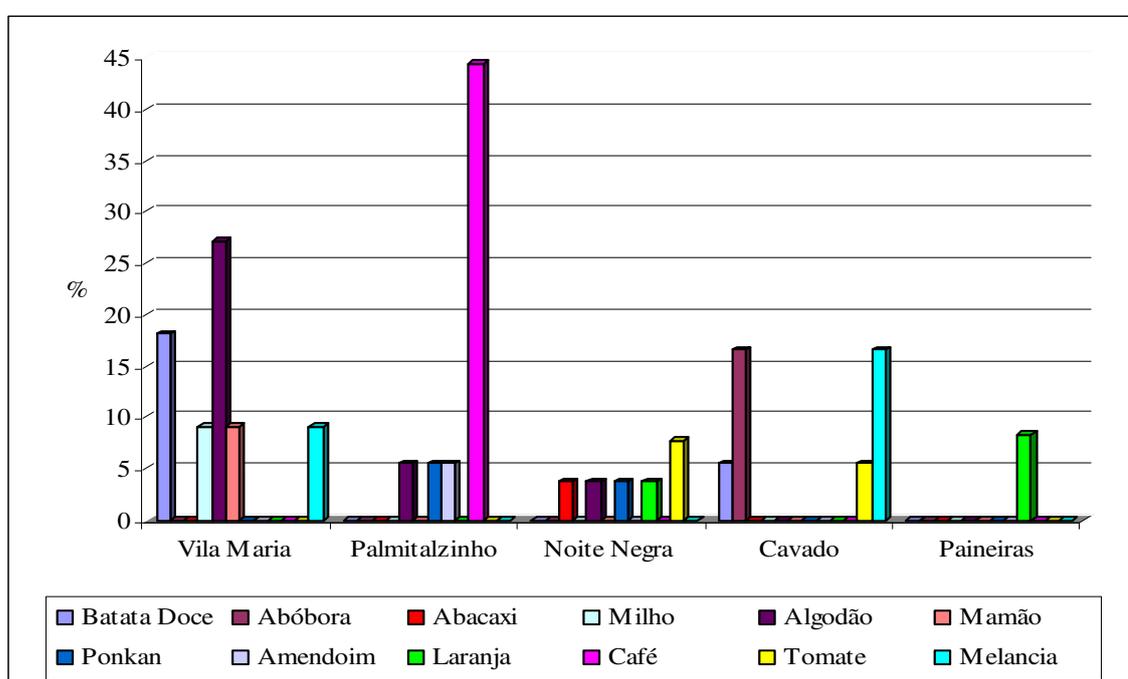
A laranja, cultivada apenas em Paineiras, recebeu calcário em 8,3% das propriedades.

No **mamão** e **limão**, cultivados em Vila Maria, receberam apenas calcário e adubo orgânico. Também apenas no **tomate**, cultivado em Cavado, foi utilizado calcário.

Na **pastagem** foi aplicado calcário nas propriedades de Palmitalzinho (22,2%), em Noite Negra (3,8), em Paineiras (16,6%). Em Cavado, além da utilização de calcário em 16,6% das propriedades, houve utilização de adubo em 5,5% delas. Trata-se do único bairro em que houve utilização desse tipo de adubo nas pastagens. A **cana-de-açúcar** recebeu calcário somente em Noite Negra.

No **algodão** utilizaram calcário nas propriedades de Vila Maria e em Palmitalzinho, 9,1% em ambas.

Além dos fertilizantes foi analisada a utilização de agrotóxicos nos cultivos agrícolas. Embora os índices de aplicação de defensivos agrícolas não possam ser considerados intensos, porque na média dos bairros não houve casos que chegassem a 45% de uso nas propriedades, o Gráfico 4.8 demonstra os percentuais de aplicação dos agrotóxicos e as culturas que receberam esses produtos, a fim de que se complementem informações sobre as características do processo produtivo.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

#### Gráfico 4.8- Culturas que recebem a aplicação de agrotóxicos

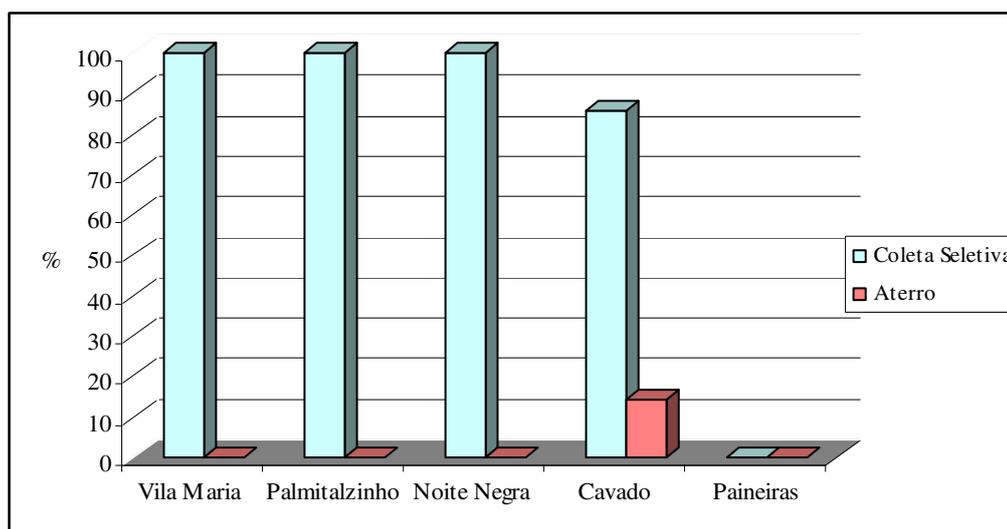
De acordo com o Gráfico 4.8, o maior índice de aplicação de agrotóxicos ocorreu em Palmitalzinho em 44,4% das propriedades, na cultura do **café**.

O segundo maior percentual de aplicação de agrotóxicos se deu em Vila Maria com 27,2%, no cultivo do **algodão**.

A **batata doce** foi a cultura que recebeu o terceiro maior índice de aplicação de agrotóxicos, em 18,1% das propriedades em Vila Maria. Enquanto a **abóbora** e a **melancia** registraram o quarto maior índice, 16,6%, das propriedades em Cavado.

No contexto geral de utilização não foram encontrados casos de intoxicação de pessoas, animais ou recursos naturais, em decorrência do uso inadequado de agrotóxicos. Em geral, os agricultores consideram que o manuseio exige cuidados específicos e a orientação técnica é fundamental para evitar acidentes.

Os **cuidados com o meio ambiente** foram avaliados a partir das informações sobre o destino dos vasilhames provenientes dos defensivos agrícolas e o manejo do solo nas propriedades pesquisadas. Essas informações podem ser observadas, respectivamente, nos Gráficos 4.9 e 4.10.



Fonte: Pesquisa de campo, 2005

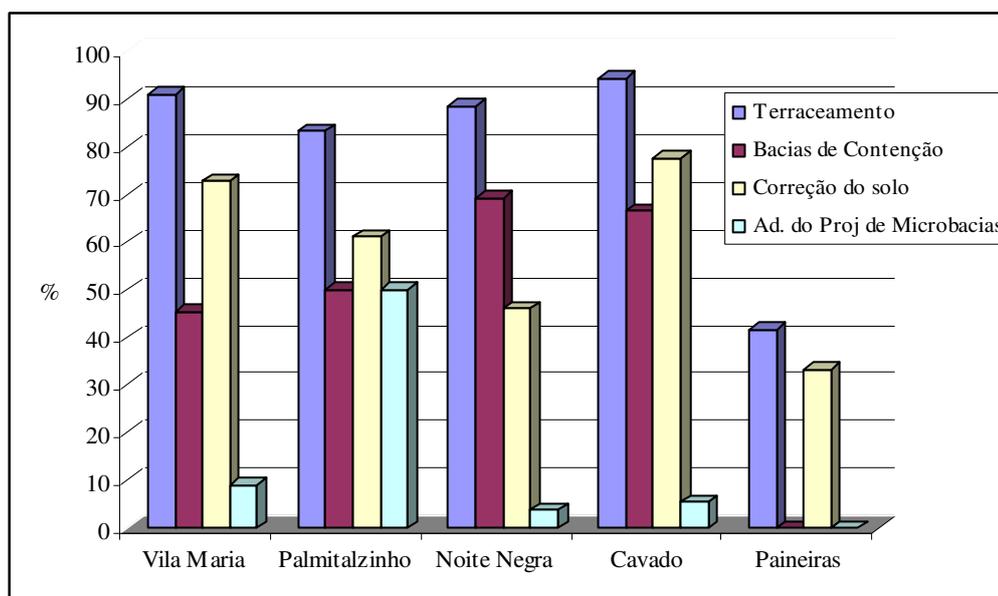
**Gráfico 4.9 – Destino dos vasilhames de agrotóxicos**

Conforme as informações fornecidas pelo Gráfico 4.9, em 100,0% das propriedades que utilizam agrotóxicos em Vila Maria, Palmitalzinho e Noite Negra, o destino final dos vasilhames é a coleta seletiva, ou seja, reúnem e devolvem para o fabricante. No bairro Cavado 85,7% dos proprietários realizam a coleta seletiva e 14,3% enterram os vasilhames. Em Paineiras não foi declarado o destino desses vasilhames, embora tenha havido registro de sua utilização. Entre os entrevistados de Cavado que declararam enterrar os vasilhames,

quando questionados sobre esse procedimento, afirmaram não terem conseguido devolver para os fabricantes.

A realização de coleta seletiva, e o destino dado aos vasilhames dos defensivos, demonstram um certo cuidado com o meio ambiente por parte dos entrevistados e a preocupação com a contaminação de animais e seres humanos.

Em relação aos cuidados com o manuseio e a conservação do solo, além dos fertilizantes e dos adubos aplicados, os entrevistados ainda acusaram a adoção de algumas práticas de conservação (Gráfico 4.10).



Fonte: Pesquisa de campo, 2005

**Gráfico 4.10 - Formas de manejo do solo nas propriedades pesquisadas**

O Gráfico 4.10 apresenta as diferentes técnicas empregadas para a conservação do solo das propriedades rurais dos bairros.

Para evitar a erosão e a perda de solos agricultáveis foi empregada a prática do **terraceamento** em Vila Maria por 91,0% dos proprietários, em Palmitalzinho por 83,3%, em Noite Negra por 88,5%, em Cavado por 94,4% e em Paineiras por 41,6%. O menor percentual

de registro desse tipo de conservação do solo é observado em Paineiras e se deve à baixa presença de lavoura desenvolvida no local.

As **bacias de contenção**, responsáveis pela retenção do excesso de água das chuvas, evitando as erosões nas estradas e em plantações foram construídas em Vila Maria em 45,5% das propriedades, em Palmitalzinho em 50,0%, em Noite Negra em 69,2%, em Cavado em 66,6%, não tendo sido encontradas referências em Paineiras. A maior incidência das bacias de contenção em Noite Negra é decorrente da maior declividade do solo, enquanto em Cavado é consequência de atividades de lavouras mais extensivas, como a cultura da melancia que exige maiores cuidados com a erosão. De qualquer forma, é importante o registro de sua presença na caracterização do perfil da atividade produtiva.

A **correção do solo**, com curvas de nível, foi encontrada em propriedades presentes em todos os bairros, num percentual superior a 33,3% das propriedades, caso de Paineiras, com essa menor incidência. Esse diferencial se explica, no caso de Paineiras, por duas razões: a) relevo menos ondulado e b) menor incidência de lavoura.

A adesão ao **Projeto de Microbacias Hidrográficas**, incentivado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, é registrada em Palmitalzinho, em 50,0% das propriedades, sendo que nos demais bairros esse procedimento foi inferior a 10,0%. A maior incidência da adoção do projeto de microbacias em Palmitalzinho ocorreu em função da articulação e da atuação da associação de produtores rurais existente naquele bairro rural.

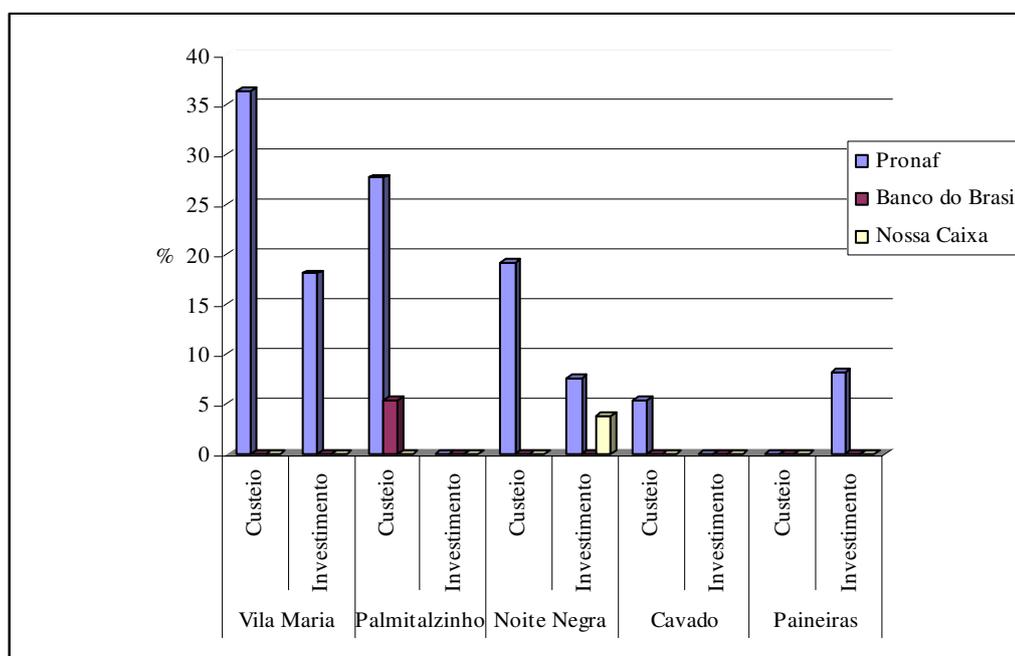
No conjunto dos meios utilizados para a produção agrícola o **financiamento** foi considerado um item importante para os produtores dos bairros rurais. Essas informações estão contidas na Tabela 4.14 e Gráfico 4.11.

**Tabela 4.14 – Financiamento das atividades agropecuárias (%)**

	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	C	I	C	I	C	I	C	I	C	I
Culturas										
Batata Doce	27,2	0	0	0	19,2	0	0	0	0	0
Café	0	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Algodão	9,1	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Amendoim	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ponkan	0	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Pecuária leiteira	0	0	11,1	0	0	0	5,5	0	0	0
Pastagem	0	0	5,5	0	0	0	0	0	0	0
Pecuária/corte	0	0	0	0	0	7,7	0	0	0	0
Picape	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8,3
Trator	0	18,1	0	0	0	0	0	0	0	0

C- Custeio I- Investimento

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.11 – Procedência do Financiamento utilizado**

A análise da Tabela 4.14 indica que o maior índice de recursos para o financiamento de custeio da produção foi para batata doce e se deu em Vila Maria para 27,2% dos produtores. Esses recursos também foram utilizados pelos agricultores de Noite Negra, com uma participação de 19,2% para o cultivo da batata doce.

Para o financiamento de custeio da pecuária leiteira foram obtidos recursos por 11,1% dos produtores em Palmitalzinho e por 5,5% em Cavado. Em Palmitalzinho também foram utilizados financiamentos para o melhoramento da pastagem por 5,5% dos produtores. Novamente o maior percentual de investimentos na pecuária leiteira ocorreu em Palmitalzinho, local onde esse tipo de pecuária é mais expressiva no contexto do município.

A aplicação dos recursos provenientes de financiamentos em investimentos nas propriedades ocorreu na pecuária de corte por parte de 7,7% dos produtores em Noite Negra; em Paineiras 8,3% adquiriram utilitários e em Vila Maria 18,1% compraram tratores.

De acordo com o Gráfico 4.11, os recursos para o custeio, nas propriedades rurais, vieram do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), em 36,3% das propriedades de Vila Maria, 27,7% em Palmitalzinho, 19,2% em Noite Negra, 5,5% no Cavado, e não tendo sido obtido em Paineiras, em razão da menor prática de atividades agropecuárias e menor investimento nas propriedades

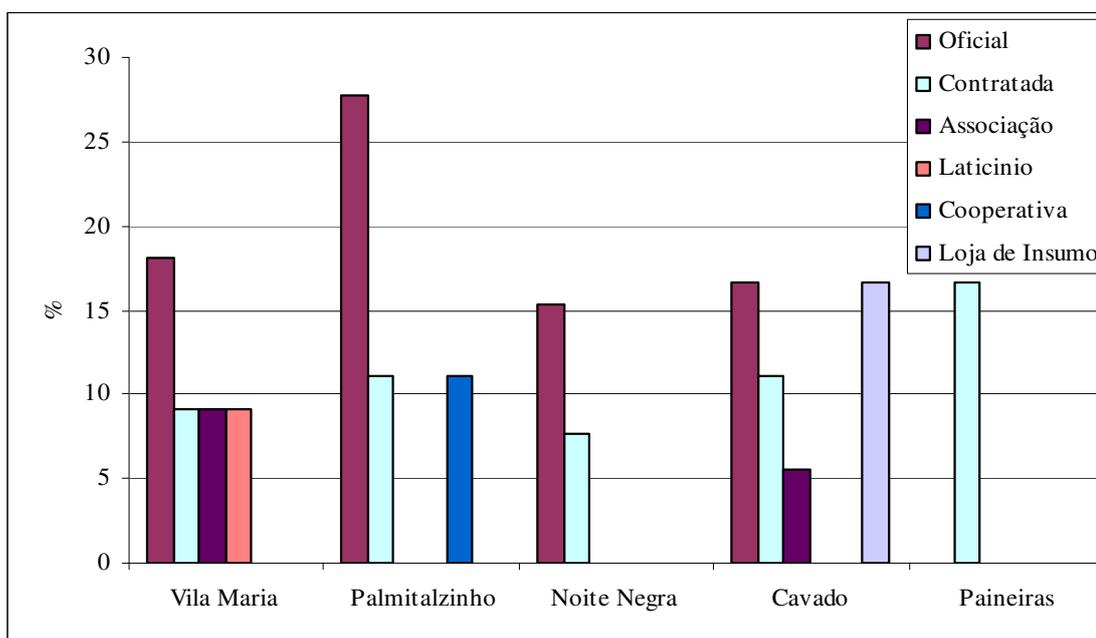
Os recursos obtidos do PRONAF para investimento foram por parte de 18,1% dos proprietários em Vila Maria, em Noite Negra de 7,7% e em Paineiras de 8,3%. Em Palmitalzinho e Cavado não foi obtido esse tipo de recurso.

Além disso foram obtidos financiamentos provenientes do Banco do Brasil, através de outras linhas de crédito por 5,5% dos produtores de Palmitalzinho, para o custeio. Ainda foram utilizados financiamentos para investimento por 3,8% dos agricultores de Noite Negra, provenientes da Nossa Caixa.

A obtenção de financiamento via PRONAF, em muitos casos não foi possível, em razão do não preenchimento, pelos produtores, dos requisitos estabelecidos por essa linha de crédito, dentre os quais a não predominância da mão-de-obra familiar. Outros obstáculos burocráticos inviabilizaram a adoção dessa linha de crédito pelos proprietários dos bairros

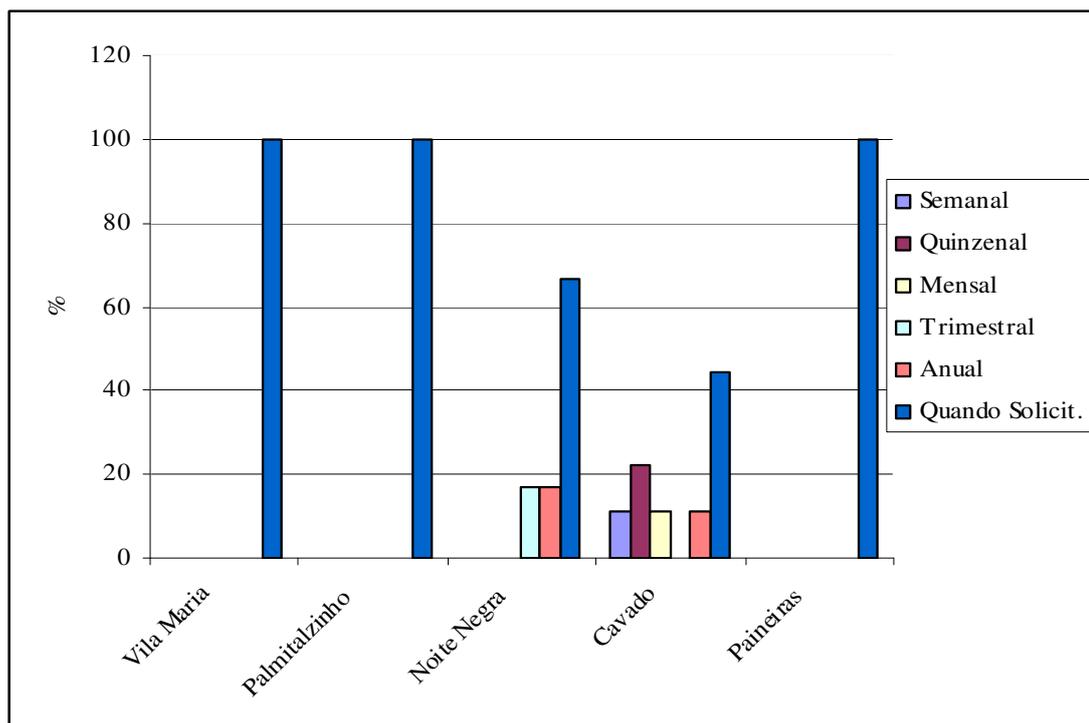
estudados, ou até mesmo a recusa na busca de crédito por receio de endividamento e conseqüentemente pelo risco de perderem o patrimônio familiar.

A **assistência técnica** para o desenvolvimento das atividades agropecuárias foi considerada um fator que interfere na produção. Os Gráficos 4.12a e 4.12b, apresentam o percentual de produtores que recebem assistência técnica, os setores responsáveis por essa assistência e a frequência que são visitados pelos técnicos.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.12a – Procedência da assistência técnica**



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.12b – Frequência de visita dos técnicos às propriedades rurais**

As informações contidas nos Gráfico 4.12a, indicam que em Vila Maria 18,1% dos produtores recebem assistência técnica oficial, em Palmitalzinho 27,7%, em Noite Negra 15,3%, em Cavado 16,6%, enquanto em Paineiras esse tipo assistência não foi registrado, dada a baixa incidência de atividades agropecuárias.

Ressalta-se que entre a assistência oficial identificada em Noite Negra, um produtor rural (3,8%) recebe assistência técnica da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Trata-se de um projeto experimental de produção leiteira que visa à criação de bovinos em pequenos espaços, com intenso investimento no melhoramento das espécies de capim utilizadas para a alimentação desses animais. Esse registro indica a presença de política pública na área, em caráter experimental.

A assistência técnica contratada, freqüente em todos os bairros rurais, foi registrada em Vila Maria em 9,1% das propriedades, em 11,% no Palmitalzinho, em 7,7% em Noite Negra, em 11,1% no Cavado e em 16,6% em Paineiras.

Foi registrada a presença de assistência por parte da associação de produtores rurais, por 9,1% entrevistados de Vila Maria e por 5,5% de Cavado. Contudo esse tipo de assistência é relativo à “patrulha rural”, que atua por meio de um consórcio de máquinas agrícolas doadas pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e mantidas pela Prefeitura Municipal. Essa atuação ocorre, nos municípios da região, sobretudo no preparo da terra para o cultivo e a terraplanagem de áreas que sofrem processos erosivos.

O Laticínio Líder<sup>26</sup> foi responsável pela assistência à 9,1% das propriedades de Vila Maria, fornecendo apoio aos produtores de leite, com a atuação do veterinário no rebanho bovino.

A incidência da assistência pela Cooperativa Agrícola Mista de Adamantina (CAMDA) foi registrada em 11,1% das propriedades em Palmitalzinho.

As lojas de insumo foram responsáveis pela assistência em 16,6% das propriedades de Paineiras.

O Gráfico 4.12b, apresenta a frequência de visitação dos técnicos às unidades produtivas, independente da procedência: oficial, institucional ou contratada, em 100,0% dos casos dos bairros Vila Maria, Palmitalzinho e Paineiras, ocorrendo quando solicitada. Em Noite Negra a visitação é trimestral em 16,7% das propriedades, anual em 16,7% e somente quando solicitada em 66,6%.

No conjunto dos bairros, onde ocorreu a maior variação no tempo de visitação dos técnicos foi em Cavado, com a visita semanal em 11,1% das unidades produtivas, quinzenal em 22,3%, mensal em 11,1%, anual em 11,1% e quando solicitada em 44,4%. O intervalo e a frequência de visitação dos técnicos às unidades produtivas deixam os produtores com poucas opções no momento de realizar os empreendimentos agropecuários. Em geral eles reclamam da falta de orientação dos profissionais e manifestam insatisfação com os resultados das orientações, quando elas ocorrem.

---

<sup>26</sup> Empresa do Paraná, recém-instalada na região, no município de Martinópolis-SP.

#### 4.4.3 – Fonte e nível da renda

Para a caracterização da fonte e do nível de renda dos produtores foi investigada a prática de outras atividades não agrícolas, no contexto das unidades produtivas rurais, ou como práticas complementares à renda da família, desenvolvidas externamente à propriedade, com a intenção de se detectar a prática da pluriatividade.

Entre as atividades não-agrícolas que contribuem para a renda dessas famílias foram declaradas as mais variadas atividades, desempenhadas na área rural e urbana. Essas informações podem ser observadas na Tabela 4.15.

**Tabela 4.15 – Atividades não-agrícolas desenvolvidas pelas famílias (%)**

Atividades	Paineiras	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado
Odontologia	8,3	0	0	0	0
Cartório	8,3	0	0	0	0
Pedreiro	8,3	0	0	0	0
Doméstica	8,3	0	0	0	0
Advocacia	8,3	0	0	0	0
Comércio	8,3	0	16,6	11,5	0
Func. público	0	9,1	0	7,7	0
Professor (a)	0	18,1	5,5	0	16,6
Contabilidade	0	0	5,5	3,8	0
Pesk pague	0	0	5,5	0	0
Farmácia	0	0	0	3,8	0
Costureira	0	0	0	3,8	0
Enfermagem	0	0	0	0	5,5
Zeladoria	0	0	0	0	11,1
Bordado	0	0	0	0	5,5
Total em %	49,8	27,2	33,0	30,6	38,7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

Entre as atividades não-agrícolas desenvolvidas fora das propriedades pelas famílias dos bairros rurais, em Paineiras estão o exercício de funções no campo da odontologia; em cartório; na construção civil (pedreiro); como empregada doméstica; na advocacia e no comércio. No total, o índice de famílias pluriativas de **Paineiras** representa **49,8%** dos moradores do bairro. Em geral os membros dessas famílias exercem as atividades na área urbana retornando para casa somente no final do dia.

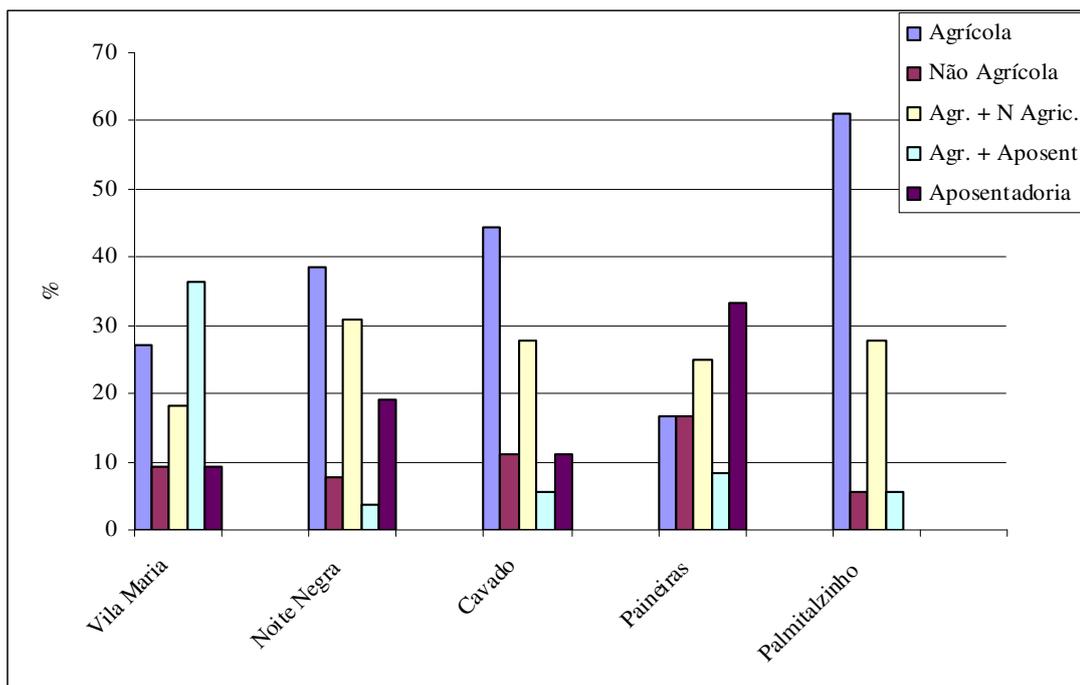
Em **Vila Maria** em 9,1% das famílias há membros que desempenham a função de funcionário público e 18,1% de professor, totalizando **27,2%** de famílias. Em **Palmitalzinho** 16,6% das famílias estão ligadas ao comércio, 5,5% ao ensino, 5,5% à contabilidade e 5,5% trabalham em pesque-pagues, totalizando **33,0%** de atividades não agrícolas.

Em **Noite Negra** 11,5% dos membros das famílias desempenham funções ligadas ao comércio, 7,7% ao funcionalismo público, 3,8% à contabilidade, 3,8% à farmácia e 3,8% à costura, totalizando **30,6%**.

Em **Cavado** 16,6% dos membros das famílias desempenham atividades ligadas ao ensino (professor), 5,5% à enfermagem, 11,1% à zeladoria e 5,5% ao bordado, totalizando **38,7%**.

Os percentuais da Tabela 4.15 evidenciam que as atividades não-agrícolas merecem destaque na renda das famílias. O número de famílias que exerce a pluriatividade representa no mínimo  $\frac{1}{4}$  dos moradores dos bairros rurais de Anhumas.

Além de realizarem atividades agrícolas e não-agrícolas as famílias que moram nos bairros rurais de Anhumas, têm suas rendas complementadas com aposentadorias. Os rendimentos provenientes das aposentadorias são utilizados tanto no sustento das famílias, quanto aplicados nas atividades agropecuárias. Nesse contexto, o Gráfico 4.13, apresenta a importância das diferentes atividades que contribuem para o sustento das famílias e a manutenção das propriedades.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.13 – Os diferentes tipos de rendas dos produtores pesquisados**

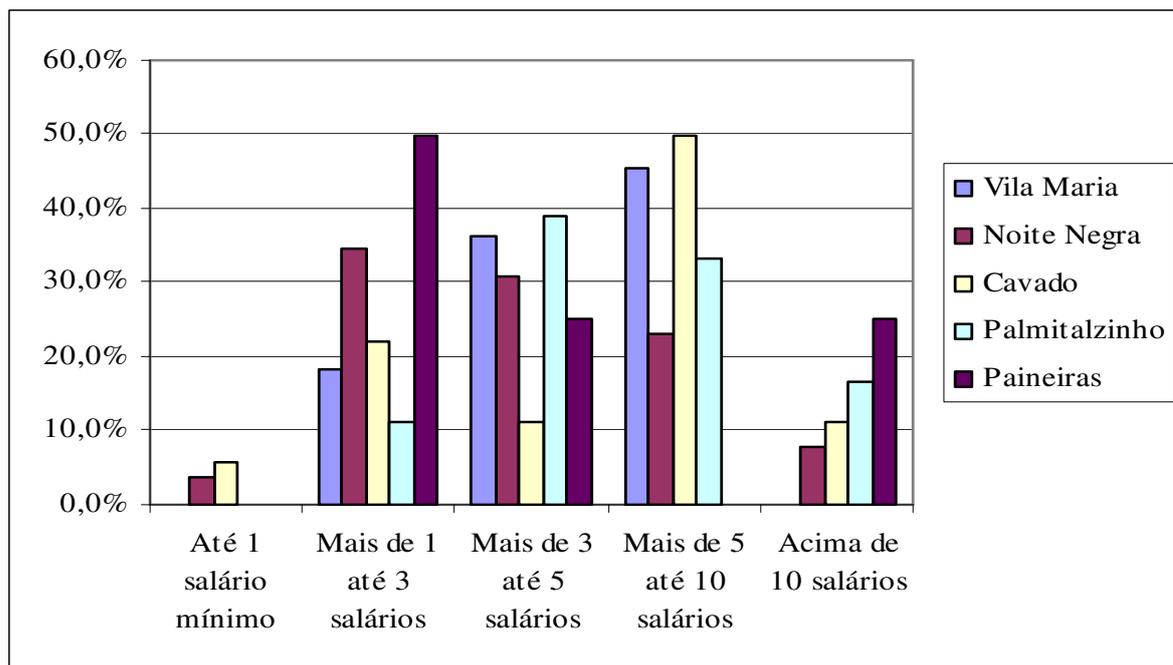
De acordo com as informações do Gráfico 4.13, as atividades agrícolas são responsáveis pela maior parte da renda das famílias de Palmitalzinho, Cavado e Noite Negra.

Em Vila Maria o maior percentual de renda está vinculado às atividades agrícolas+aposentadoria.

Propriedades que apresentam, simultaneamente, renda agrícola e não agrícola, representam 18,1% em Vila Maria; 30,8% em Noite Negra; 27,7% em Cavado; 25,0% em Paineiras ; e 27,8% em Palmitalzinho. Não foi identificada, no entanto, a participação de renda não agrícola no montante de rendimentos da família.

Entre as famílias que dependem apenas de aposentadorias foi registrado o maior percentual em Paineiras com 33,4%, enquanto em Palmitalzinho não houve registro.

O **nível de renda** dessas famílias pode ser observado no Gráfico 4.14, considerando a renda de todos os membros das famílias, independente da fonte dos rendimentos.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.14 – Nível de renda das famílias pesquisadas**

De acordo com as informações do Gráfico 4.14, as famílias com renda até 1 salário mínimo representam 3,8% dos moradores de Noite Negra e 5,6% de Cavado. Os moradores com renda de mais de 1 até 3 salários correspondem a 18,2% de Vila Maria, 34,5% de Noite Negra, 22,5% de Cavado, 11,1% em Palmitalzinho e 50,0% de Paineiras. As famílias com renda de mais de 3 até 5 salários representam 36,4% dos moradores de Vila Maria, 31,0% de Noite Negra, 11,1% de Cavado, 38,9% de Palmitalzinho e 25,0% de Paineiras. Entre as famílias com renda de mais de 5 até 10 salários Vila Maria apresentou 45,4%, Noite Negra 23,0%, Cavado 50,0% e Palmitalzinho 33,3%. No nível de renda acima de 10 salários Noite Negra registrou 7,7%, Cavado 11,1%, Palmitalzinho 16,7% e Paineiras 25,0%.

Num contexto mais geral com renda superior a 5 salários mínimos, em Cavado estão 61,1% das famílias e em Palmitalzinho 50,0%. Portanto as famílias com maiores rendas se encontram nesses dois bairros rurais do total de cinco pesquisados.

Contudo se por um lado Cavado apresenta os maiores índices de renda, por outro nele também estão os menores, representando o maior número de famílias com renda de até um salário mínimo.

#### **4.4.4 – Formas de articulação e manifestações culturais nos bairros rurais de Anhumas**

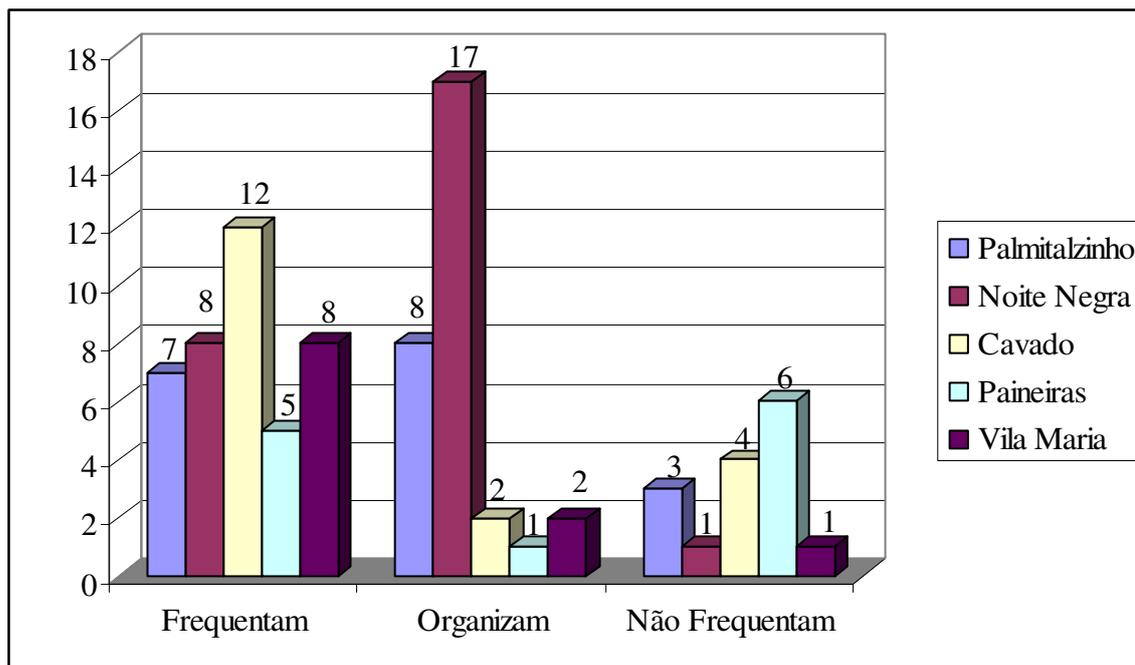
As diferentes formas de manifestação cultural nos bairros rurais de Anhumas demonstraram os níveis de articulação existentes entre os moradores da área rural do município.

Essas formas de organização foram identificadas através das festas religiosas que ocorrem nos bairros rurais e também das associações que existem.

Adentrando o espaço rural dos bairros Palmitalzinho, Noite Negra, Cavado, Paineiras e Vila Maria é possível notar as diferenciadas formas de organização social que um bairro rural guarda em seu interior.

As diferenciadas formas de organização social se manifestam durante a organização de festas em homenagem a santos padroeiros, como a tradicional festa de Santo Antonio, em Noite Negra, os almoços beneficentes em Palmitalzinho, bem como o envolvimento de moradores dos outros bairros, que muitas vezes não participam de festas onde residem, ou por ausência destas, mas que freqüentam e, em alguns casos, auxiliam na organização das festas dos bairros vizinhos.

O envolvimento dessas pessoas nas atividades lúdicas pôde ser percebido quando, durante as entrevistas de campo, foram feitas referências à participação e ao envolvimento nas festividades, nos bairros onde residem ou em outros lugares do município. Essas informações podem ser verificadas no Gráfico 4.15.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Gráfico 4.15 – Formas de participação nas festas realizadas nos bairros**

Conforme o Gráfico 4.15, no que diz respeito à **freqüência às festas**, em Palmitalzinho, de um total de 18 propriedades visitadas, 7 proprietários participam das festas realizadas no bairro, freqüentando o evento e prestigiando as atividades lúdicas e as cerimônias religiosas. Em Noite Negra, de um total de 26 entrevistados, 8 freqüentam as festividades, como expectadores, aproveitando do momento de lazer e das oportunidades de reencontro com antigos amigos. No bairro Cavado, de um total de 18 entrevistados, 12 afirmaram participarem das festividades em outras comunidades, uma vez que no local não ocorre esse tipo de atividade lúdica, portanto freqüentam festas em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria. Em Paineiras dos 12 entrevistados, 5 afirmaram participar de festas em Palmitalzinho, já que também nesse bairro este tipo de manifestação lúdica não acontece. Em Vila Maria, dos 11 entrevistados, 8 participam de festas no bairro, em Noite Negra e em Palmitalzinho.

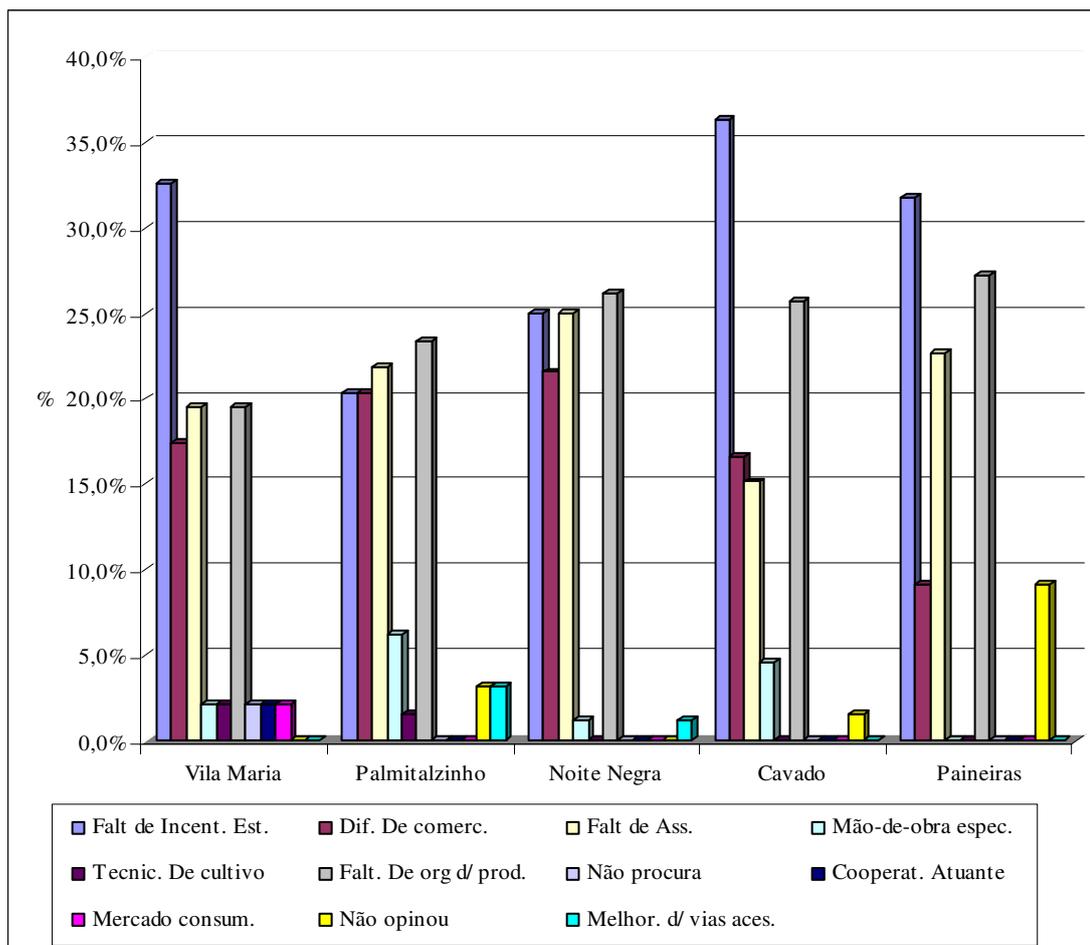
Quando consultados sobre a **participação das festividades, enquanto organizadores**, bem como auxiliando em todas as etapas da festa, em Palmitalzinho 8 se dedicam a essas atividades. Em Noite Negra a incidência é bastante elevada, havendo 17 proprietários que participam da organização dos eventos. Em Cavado, apenas dois moradores participam de festas e, mesmo assim, em outros bairros, na condição de organizadores. Vale ressaltar que esses dois moradores são membros ativos da Paróquia de Anhumas, freqüentando assiduamente as celebrações religiosas e ocupando cargos dentro da Igreja Católica do município. No bairro Paineiras, apenas um morador participa da organização de festividades em outros bairros do município, porque ocupa cargo no interior da Igreja Católica. No caso de Vila Maria, 2 moradores participam da organização de comemorações religiosas e festas nos outros bairros, também porque compõem segmentos religiosos na sede de Anhumas.

Analisando o número de moradores dos bairros rurais que **não participam** das atividades religiosas no município, nota-se que o número é pouco significativo, merecendo atenção o caso de Paineiras, onde o número de não participantes é elevado. De fato, por se tratar de um bairro composto por loteamentos, com ocupação recente (vide item 3.1.5 – Origem e Evolução de Paineiras) explica-se o baixo nível de participação. Em Palmitalzinho os não participantes são proprietários que residem em outros municípios e desenvolvem atividades que impedem a sua freqüência, como é o caso de 2 comerciantes. Em Noite Negra, a única ocorrência foi representada por um membro do bairro que participou ativamente no passado, mas que, por desentendimento com outros dirigentes, atualmente não participa mais. Em Cavado, as 4 pessoas que não freqüentam possuem poucos vínculos com os moradores do município, demonstrando a baixa articulação existente no bairro. Paineiras apresenta a menor articulação existente nesses bairros, registrando o maior índice de indivíduos que não se relacionam com as demais localidades de Anhumas, sendo um lugar onde os laços de cooperação e reciprocidade apresentam-se pouco articulados. Nesse local inexistem as

organizações sociais, não são organizadas atividades lúdicas e o empenho de alguns moradores na tentativa de organizá-las não tem conseguido êxito, conforme foi registrado pela pesquisa de campo.

Em Vila Maria, embora as atividades lúdicas não estejam presentes na proporção existente em Palmitalzinho e Noite Negra, os moradores dessa localidade freqüentam as manifestações nos outros bairros. O registro do único morador que não participa das festas no bairro e em outros locais é explicado pelo fato de ser um proprietário que reside próximo aos limites do município de Pirapozinho, portanto de acesso mais fácil àquela cidade e, assim por possuir poucos vínculos com Vila Maria e seus moradores.

No gráfico 4.16 estão apresentados os principais obstáculos para o desenvolvimento das atividades agropecuárias.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

#### Gráfico 4.16 – Principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das atividades agropecuárias

De acordo com o Gráfico 4.15, entre **os obstáculos enfrentados para o desenvolvimento das atividades agropecuárias** está a falta de incentivos por parte do Estado – condição apontada por 32,6% dos produtores de Vila Maria, por 20,3% de Palmitalzinho, por 25,0% de Noite Negra, por 36,4% de Cavado e por 31,8% de Paineiras. Essa falta de incentivos por parte do estado, citada pelos entrevistados, inclui o apoio com melhores linhas de crédito, um mercado mais estável e um planejamento agrícola. Ressalta-se que, em Vila Maria, Cavado e Paineiras, a falta de incentivo por parte do estado foi considerada o maior obstáculo para o desenvolvimento das atividades agropecuárias. Esses bairros são os locais de menor articulação entre os moradores.

A dificuldade de comercialização dos produtos agrícolas, incluindo preços baixos e exigência do mercado, foi apontada por 17,4% dos produtores em Vila Maria, 20,3% dos que estão em Palmitalzinho, 21,6% dos de Noite Negra, 16,7% dos de Cavado e 9,1 dos de Paineiras. A menor incidência dessa reclamação em Paineiras é consequência das poucas atividades agropecuárias voltadas ao mercado consumidor, nesses bairros.

A falta de assistência foi apontada em 19,6% das respostas em Vila Maria, em 21,9% em Palmitalzinho, em 25,% em Noite Negra, em 15,2% em Cavado e em 22,7% em Paineiras. Esses percentuais apontam para o grande problema da falta de técnicos para a orientação dos cultivos agrícolas, o que leva à ocorrência de assistência ineficiente.

A ausência de mão-de-obra especializada tanto para o cultivo quanto para a colheita foi considerada como um obstáculo por 2,2% dos produtores de Vila Maria, 6,3% dos que estão em Palmitalzinho, 1,1% dos de Noite Negra, 4,5% dos de Cavado, não sendo indicada pelos produtores de Paineiras. Essa indicação de ausência de mão-de-obra especializada foi pouco incidente, porque, na verdade, existem poucas atividades que exijam mão-de-obra com esse perfil, uma vez que os empreendimentos que necessitariam dela são apoiados por técnicos contratados, que fornecem a devida assistência. A falta de melhores técnicas de cultivo foi registrada em Vila Maria por 2,2% dos produtores e por 1,6% em Palmitalzinho. A questão de disponibilidade de melhores técnicas passa pela mesma discussão da mão-de-obra especializada. A **falta de incentivo do Estado** no desenvolvimento agrícola foi considerada como o principal obstáculo pelos produtores de Vila Maria, Cavado e Paineiras. A **falta de organização dos produtores** foi apontada pelos proprietários dos bairros acima referidos como o segundo maior obstáculo e, pelos produtores de Palmitalzinho e Noite Negra, como o principal obstáculo.

Coincidentemente, nesses dois bairros estão presentes: uma associação de agricultores, uma cooperativa de costureiras, além de vários outros empreendimentos em

atividades agrícolas e não-agrícolas. Pode-se inferir que, uma vez que se observa significativa articulação entre os moradores de Palmitalzinho e Noite Negra, a atuação do estado é considerada menos importante; muitas das ações são desencadeadas pelos próprios moradores.

Ao considerarem a falta de organização dos agricultores como obstáculo para o desenvolvimento das atividades, os entrevistados reforçam a tese de que a organização das pessoas propicia melhorias para todo o grupo.

Somente em Vila Maria foram registradas respostas apontando a não procura assistência técnica, a ausência de cooperativa atuante e o mercado consumidor adequado, com o baixo índice (2,2%) para cada uma dessas afirmações.

A falta de melhores vias de acesso foi apontada como obstáculo para os entrevistados de Palmitalzinho e Noite Negra. Apesar de se apresentar num percentual baixo, é nesses bairros que as atividades agropecuárias exigem uma maior conexão com outras áreas do município e municípios vizinhos.

Não opinaram sobre os assunto 3,1% dos proprietários em Palmitalzinho, 1,5% em Cavado e 9,1% em Paineiras. Esses entrevistados prefeririam não dar sua opinião sobre o assunto, por considerarem que estão pouco integrados ao mercado, não dependendo, assim, de meios para o escoamento de sua produção.

#### **4.4.5 – O associativismo como forma de articulação das atividades produtivas**

Além das festas em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria, merecem destaque no processo de caracterização das formas de articulação presentes nos bairros estudados, outras formas de organização, voltadas às atividades produtivas: a) Associação de Produtores Rurais

de Palmitalzinho, exemplo de organização associativa, conseqüência da articulação existente entre os moradores do bairro e b) cooperativa de costureiras de Noite Negra.

#### **4.4.5.1. A Associação de Produtores Rurais de Palmitalzinho**

A idéia de organizar uma associação surge das reuniões informais que os moradores de Palmitalzinho realizavam aos finais de semana, após a missa que freqüentavam na capela local. As práticas religiosas, aliadas aos contatos delas decorrentes, foram responsáveis pela articulação que deu origem a associação. Pelas declarações dos moradores do bairro foi possível perceber como as discussões no âmbito religioso colaboraram para organização da associação.

“Nós temos uma capelinha aí, e todo domingo a gente está ali. Aí é aquela história, trocando idéia, conversando, tudo fazemos junto. [...] A gente vai nessas rezas e depois da reza, fica aquele bate papo, aquela troca de informação, vamos comprá junto isso, vamos comprá aquilo junto ... adubo, foi aí que surgiu a idéia de formar a associação” (Morador de Palmitalzinho, 43 anos, junho de 2005).

Para estimular ainda mais essa idéia de estruturar a associação, em 1991 um grupo de agricultores do bairro, ficou sabendo da possibilidade da obtenção de recursos junto à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, para a construção de depósitos de produtos agrícolas. Naquele momento havia um projeto dessa secretaria que doava recursos a associações de agricultores. Para tanto, era necessário que os agricultores se organizassem em associações de produtores.

Como a formação da associação já vinha sendo discutida, esta se concretizou quando a possibilidade de obtenção de recursos junto à Secretaria da Agricultura surgiu. Apoiados pelo então prefeito de Regente Feijó, cidade vizinha, devido ao fato desse prefeito ter

familiares residindo em Palmitalzinho, os moradores do bairro organizaram a associação e conseguiram logo de início recursos para a construção de depósito de 600 m<sup>2</sup>.

Após a construção do depósito, os agricultores de Palmitalzinho continuaram buscando apoio junto à Secretaria da Agricultura, contando para isso com o apoio de agrônomos da Casa da Agricultura de Regente Feijó, do prefeito e de deputados da região.

A busca por recursos junto à Secretaria da Agricultura surtiu efeito e, logo em seguida, a Associação recebeu a doação de um ensiladeira, que veio facilitar o trabalho daqueles que preparavam rações forrageiras para os bovinos.

Atualmente a Associação conta com 35 membros/associados, que segundo o presidente, o Sr. Marcelo Sotocorno, o sucesso da associação se deve ao grande número de membros, mas que representam poucas famílias. O parentesco pode ser considerado um grande elemento propulsor da articulação da associação, além do respeito mútuo entre os moradores do bairro e o sentimento de solidariedade e de pertencimento ao grupo.

Entre as conquistas da Associação de Palmitalzinho, ainda pode ser computada a propriedade de um trator, de um micro-computador, de uma plantadeira de plantio direto, de uma forrageira, e recentemente, de uma beneficiadora de café. Esses equipamentos e implementos estão todos disponíveis aos associados caso necessitem utilizá-los.

Portanto, o sentimento de solidariedade, aliado aos níveis de parentesco reforçaram o êxito da associação e de outras formas de articulação e cooperação entre os moradores de Palmitalzinho. Esse tipo de cooperação e solidariedade também pode ser observado pelas declarações dos moradores do bairro.

“[...] porque na hora do trabalho a gente se vira e combina com os parentes e amigos. Um traz o trator, empresta do outro. Porque praticamente é tudo entre parente aqui”. (Morador de Palmitalzinho, 35 anos, junho de 2005).

Os moradores do bairro consideram que a formação da associação foi fruto da influência religiosa no local. Eles não imaginam a associação sem a presença religiosa e os laços de parentesco.

“A associação praticamente existe por causa da influência religiosa. Essa é uma realidade, e a gente continua se reunindo direto. Porque todo domingo, por exemplo, termina a reza, a gente fica lá, conversando [...] trocando idéia, quer dizer nós temos praticamente uma reunião semanal. A reunião da associação mesmo, uma vez por mês, mas informalmente semanais. Porque todo domingo a gente faz uma troca de idéias” (Presidente da Associação de Produtores, maio de 2005).

É claro que essa união não leva ao desaparecimento das discordâncias, dos conflitos e da presença de atitudes imediatistas e oportunistas.

Segundo o presidente da associação, oportunistas sempre existem entre os membros de associações, mas isso é um problema que os associados foram superando aos poucos. Para ele, foi necessário trabalhar a idéia de que todos os associados são responsáveis pela organização do grupo. Ele acredita que o desenvolvimento de outras associações no município acarretaria melhorias para todos os bairros rurais, mas para isso seria de fundamental importância a participação do poder público municipal.

#### **4.4.5.2. A cooperativa de costureiras de Noite Negra**

No bairro Noite Negra, um grupo de mulheres que residem próximo à capela de Santo Antônio se reuniu no ano de 2004 e está desenvolvendo um trabalho coletivo com atividades de confecção de uniformes para uma empresa da vizinha cidade de Presidente Prudente. Além disso, essas mulheres se dedicam à fabricação de doces e massas caseiras que são comercializados na cidade de Pirapozinho. Por não terem se estruturado, estão

desenvolvendo essas atividades informalmente. Mesmo na informalidade, esse grupo de mulheres está buscando melhores formas de articulação com o ambiente mais amplo, contribuindo assim com a renda de seus familiares.

Apesar dos obstáculos enfrentados para a estruturação da cooperativa de costureiras, que no início contou com algumas orientações do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas), as mulheres do grupo de costureiras têm dedicado longas horas de trabalho no intuito de conseguirem estruturar melhor a cooperativa e formalizarem o empreendimento.

As atividades desenvolvidas pelo grupo de mulheres de Noite Negra são frutos das reflexões surgidas durante as práticas religiosas, que acabam estimulando outras formas de organização no interior dos bairros rurais, caso da Associação dos Produtores Rurais de Palmitalzinho. Embora todas essas mulheres desempenhem as suas funções domésticas e algumas delas até mesmo afazeres agrícolas, envolvem-se em outras atividades como a costura e a culinária.

A manipulação de massas e doces caseiros foi favorecida pelo fato de que em Noite Negra está presente a cultura da batata doce. A partir da batata doce são fabricados os doces e as massas, sendo a massa de nhoque de batata doce um dos produtos mais requisitado pelos comerciantes de Pirapozinho (bares, lanchonetes, panificadoras e pizzaria), atingindo um “nicho” específico de mercado.

No contexto do bairro, as diferentes formas de organização dessas mulheres estão favorecendo o desenvolvimento da pluriatividade e o aumento da renda das famílias envolvidas.

#### **4.4.6. Os novos empreendimentos iniciados na esfera rural**

No âmbito das atividades produtivas de transformação, além da Associação de Produtores Rurais do Bairro Palmitalzinho, essa localidade abriga duas indústrias de processamento e torrefação de café: as indústrias de Café Malacrida e Conal. Esses dois empreendimentos são frutos de iniciativas de famílias residentes no local. O beneficiamento do café nos dois casos é feito nesta área rural e levado para cidade de Regente Feijó, distante de Palmitalzinho 8 quilômetros.

Esses empreendimentos constituem iniciativas provenientes de discussões sobre a realidade dos produtores na área rural. Na busca de agregar valor aos seus produtos agrícolas, eliminando os “atravessadores”, acabaram conquistando um espaço maior na região, no caso em outro município, pelo fato de desenvolverem outras atividades naquela cidade e também em razão de no momento da iniciativa dos empreendimentos, terem recebido apoio e incentivos fiscais por parte do poder público de Regente Feijó.

O grupo Malacrida possui uma empresa em Regente Feijó que, além das atividades de moagem e de distribuição do café, beneficia e comercializa arroz e feijão. Contudo, os membros dessa família residem em Palmitalzinho e participam de todas as atividades religiosas e sociais do bairro e também de Anhumas, sem romper as vinculações anteriormente existentes.

A família Colnago, proprietária do grupo Conal, desenvolve todo o processo de industrialização do café em Palmitalzinho e comercializa o produto na região de Presidente Prudente. No entanto, por possuir em Regente Feijó um supermercado, apenas uma parte da família reside em Palmitalzinho, e os demais membros da família se mudaram para aquela cidade, em função das atividades de comércio desenvolvidas que demandam uma presença intensa no local.

#### **4.5 Aspectos comuns e distintos dos bairros rurais de Anhumas**

No contexto da dinâmica das diferentes formas de organização social e econômica dos bairros rurais de Anhumas, num primeiro momento deste trabalho partiu-se da perspectiva de que os bairros Palmitalzinho e Noite Negra apresentavam semelhanças entre si, aproximando esses dois locais, no que se refere às atividades desenvolvidas, às formas de organização, do associativismo, à solidariedade, à sociabilidade e à articulação com os setores urbanos do município. Por outro lado, Cavado, Vila Maria e Paineiras apresentavam configuração de organização social e econômica, além da estrutura fundiária por um lado, semelhante entre elas, e, por outro, distintas de Palmitalzinho e Noite Negra.

Considerando os dados da análise quantitativa, alguns elementos nos cinco bairros apresentaram uma maior proximidade, enquanto pela análise qualitativa realmente as suposições iniciais se confirmam.

Dos elementos quantitativos que devem ser considerados como mais relevantes nos cinco bairros, merece destaque a escolaridade que registrou índices superiores na média de entrevistados em Palmitalzinho e Noite Negra, em relação a Cavado, Vila Maria e Paineiras.

O tempo de residência nas localidades pesquisadas também foi destaque em Palmitalzinho e Noite Negra, com o registro dos maiores índices de moradores que residem há mais tempo nos bairros. Dado o suposto de que o maior tempo de residência no bairro e o conhecimento entre os moradores facilita o aumento do vínculo entre os vizinhos, esta característica pode ser considerada como um diferencial significativo na caracterização desses dois bairros.

Em relação à estrutura fundiária, observou-se que: a) embora as menores propriedades tenham sido registradas em Paineiras, aí também estão as maiores; b)

Palmitalzinho e Noite Negra não apresentam a presença de propriedades com tamanho superior a 200 ha; c) as maiores propriedades foram encontradas em Vila Maria e Paineiras.

Os percentuais referentes ao número de moradias nas propriedades nos bairros rurais apresentaram a maior incidência de casas por propriedade em Palmitalzinho e Noite Negra, fato que reforça a presença de moradores de mais de um núcleo familiar em cada local, ou seja, propriedades nas quais além da família “principal”, onde moram filhos casados ou parentes.

As atividades agropecuárias desenvolvidas nos bairros apresentaram uma maior diversidade em Palmitalzinho, enquanto Noite Negra destacou-se pela intensa produção de alguns produtos como o abacaxi e a batata doce.

Em Palmitalzinho registra-se o mais elevado número de familiares com envolvimento apenas atividades agropecuárias. Assim, os equipamentos e recursos tecnológicos foram mais significativos nesses dois bairros. Observa-se, dessa forma, a compatibilidade entre trabalho familiar e modernização tecnológica.

Nos cuidados com o manuseio com o solo Palmitalzinho destacou-se pelo uso de diversos tipos de práticas conservacionistas, embora, no geral, há o registro de que todos os bairros adotam algum tipo de conservação.

A organização das festas que ocorrem nos bairros rurais tem o maior destaque em Palmitalzinho e Noite Negra. Nesses locais registrou-se a maior incidência de pessoas que organizam as festas no bairro e em outros bairros. Isso demonstra a intensa articulação existente entre os moradores dessas localidades.

A articulação entre os moradores de Palmitalzinho e Noite Negra é confirmada também quando são analisados os fatores que dificultam as atividades agropecuárias. Nesses dois bairros o maior percentual de dificuldades foi apontado pela falta de organização entre os

agricultores. Tal resposta demonstra que a articulação entre os moradores desses locais superaram muitas dificuldades que os moradores dos demais bairros ainda enfrentam.

A aproximação entre Palmitalzinho e Noite Negra de um lado e Cavado, Vila Maria e Paineiras de outro pode ainda ser demonstrada pela existência da associação de produtores e os empreendimentos realizados pelos moradores de Palmitalzinho e a cooperativa e o grupo de mulheres que fabricam massas e doces em Noite Negra. Enquanto essas iniciativas não foram verificadas em Cavado, Vila Maria e Paineiras.

## **5. BAIRROS RURAIS, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE: CONCEITOS E APLICAÇÕES**

### **5.1. Bairros Rurais: Conceitos e Aplicações**

Os estudos sobre bairros rurais têm demonstrado que o espaço por eles ocupado é permeado por inúmeros elementos presentes no cotidiano rural. Desde logo, bairro rural e agricultura familiar se apresentam como conceitos significativos para a compreensão do universo estudado. Em geral esses locais guardam características que os diferenciam dos agrupamentos presentes no espaço urbano, em termos de organização e de valores culturais. São manifestações da cultura rural que, na maioria das vezes, permanecem nesse ambiente ou até mesmo são levados para a cidade.

Dependendo da organização e das formas de articulação mantidas nessa esfera rural, as atividades desenvolvidas despertam a atenção e o interesse dos habitantes do meio urbano.

Os bairros rurais são organizados contemplando os grupos de vizinhança e as relações interpessoais, pautadas pela necessidade de ajuda mútua, atendida por práticas formais e informais, onde a participação coletiva em atividades lúdico-religiosas constitui a expressão mais visível da solidariedade grupal. Essa solidariedade grupal, expressa através do trabalho na roça realizado pela família, garante a sustentabilidade econômica do grupo, permitindo a aquisição de objetos e mercadorias fabricados na cidade. Muitas vezes a forma de organização desses locais é responsável pelo desenvolvimento de novas estratégias de reprodução e também pela continuidade desses grupos humanos.

Conforme Candido (2003), o bairro rural é entendido como uma unidade social intermediária entre o grupo familiar e outras formas mais complexas de solidariedade social. Esta unidade se caracteriza como um grupo de vizinhança que se reúne para trabalhos de

ajuda mútua e participa de festejos religiosos locais, não compreendendo, necessariamente, uma divisão administrativa.

Sob este aspecto poderíamos definir o bairro [...] como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais. Quer os mais amplos e organizados, geralmente com o apoio na capela consagrada a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos, assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades. (CANDIDO, 2003, p. 51)

Antonio Candido ainda define o bairro rural como um grupo formado por famílias que participam de trabalhos comunitários e de festas religiosas coletivas locais; sendo um agrupamento maior do que a família e menor do que uma vila. Deste modo, o bairro é uma unidade integrada, fazendo parte de um conjunto amplo, podendo ser de um distrito ou município.

Dessa forma, os laços de amizade e parentesco são elementos responsáveis pela organização, articulação e constituição dos bairros rurais, determinando as características locais e o maior ou menor nível de organização destes.

A unidade social do bairro é dada por festas religiosas, podendo ser de alguma família, várias famílias ou de todo o bairro. Contudo, a festa é realizada em homenagem a um santo padroeiro, envolvendo em geral toda a comunidade.

Ao realizar a pesquisa no município de Bofete-SP entre 1948 e 1954, Antonio Candido buscou conhecer os meios de vida de um agrupamento caipira. No contexto da pesquisa, o autor identificou as diferentes formas de organização social e ajuste ao meio por parte dos caipiras paulistas. Embora tenha utilizado um viés antropológico, durante a

investigação também foram empregadas concepções sociológicas. Durante essa análise foram observados grupos populacionais pequenos e homogêneos que foram comparados com territórios vastos, grande concentração populacional e de aspecto heterogêneo. Ainda durante a pesquisa foram consideradas concepções ligadas à História, realizando um esboço sobre a evolução e o desenvolvimento do município em questão. Ao lançar mão dos recursos da História, buscaram-se referências e indícios sobre a vida do homem da roça nos documentos dos séculos XVIII e XIX, por meio de entrevistas com moradores da localidade, que garantiriam a reconstituição da história e da memória do lugar.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento do presente trabalho, foram empregadas estratégias de investigação que buscaram reconstituir a história e a memória das gerações passadas e presentes dos bairros rurais de Anhumas-SP. Entre as informações reunidas pelas entrevistas foi possível retomar o período de formação de cada bairro e situá-lo no contexto histórico de desenvolvimento da região de Presidente Prudente, aonde se situa Anhumas.

Embora Antonio Candido considere que a análise das populações rurais por meio da produção, do levantamento da área das propriedades e de números referentes à mobilidade seja tarefa que caiba ao economista e ao demógrafo, neste estudo foram empregados esses recursos. Foram também utilizadas análises realizadas por profissionais da área de Antropologia, História e Geografia que auxiliaram no entendimento da existência dos grupos sociais rurais e de seus meios de vida, contribuindo com as pesquisas sociológicas.

Para Candido, (2003):

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem satisfeitas. São estas, portanto, o verdadeiro ponto de

partida, todas as vezes que o sociólogo aborda o problema das relações do grupo com o meio físico (CANDIDO, 2003, p. 29).

As relações do homem com o meio físico resultam na incorporação do espaço à sociedade por meio do trabalho e da técnica, ou seja, o espaço é a resultante da ação dos homens sobre o próprio espaço. Ao agir, o homem produz alterações materiais e artificiais, mudando a paisagem e o meio físico.

O processo de incorporação do espaço à sociedade, em geral, não se dá de forma fácil. Muitas vezes são longos os períodos de transformação do ambiente em condições adequadas à habitação dos grupos humanos.

Durante a pesquisa realizada em Bofete, Candido (2003), retrata como eram as condições de vida da sociedade caipira paulista. Essa sociedade elaborou técnicas que permitiam estabilizar as relações do grupo com o meio, mediante um conhecimento satisfatório dos recursos naturais, via uma exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com um mínimo de condições de vida (CANDIDO, 2003, p. 46). Contrapondo as condições descritas anteriormente por Candido - referentes ao conhecimento e à exploração dos recursos naturais compatíveis com um mínimo de condições de vida - à situação inicial dos bairros rurais de Anhumas, observa-se que elas são semelhantes, em termos da estrutura das primeiras moradias, das condições de infra-estrutura e da alimentação da população.

Os moradores dos bairros rurais pesquisados por Antonio Candido mantinham a cordialidade quando recebiam a visita de estranhos que julgavam confiáveis. No caso dos bairros rurais de Anhumas as tradições de receptividade aos visitantes também ainda são mantidas, quando os moradores recebem com hospitalidade aqueles que julgam confiáveis. A receptividade é revelada quando os visitantes são convidados a adentrarem as residências e a mesa é posta, repleta de alimentos.

Sob esse aspecto a solidariedade se faz presente nos bairros rurais, de tal forma que as relações de vizinhança constituem entre as famílias uma estrutura, que define o universo de relações sociais. Embora no passado essas relações se dessem de forma mais intensa entre os moradores do povoado, ainda hoje são mantidas entre as famílias residentes no bairro rural.

No caso dos bairros rurais de Anhumas, as relações mais intensas são verificadas entre os moradores de Palmitalzinho e Noite Negra, sendo em Cavado, Vila Maria e Paineiras mais restritas a algumas famílias.

As habitações podem se localizar próximas uma das outras, sendo algumas vezes isoladas a tal ponto que o visitante não consegue visualizá-las de imediato. Se compararmos os registros encontrados em Bofete é possível verificar que havia casos em que a unidade do bairro se dava de forma pouco articulada<sup>27</sup>. São bairros de unidade frouxa, podendo ser denominados como centrífugos, propiciando um mínimo de interação; outros, ao contrário, de vida social e cultural mais rica, favorecendo a convergência dos vizinhos em atividades comuns, num ritmo que poderia chamá-los de centrípetos (CANDIDO, 2003, p. 81). De acordo com o exemplo citado anteriormente em comparação aos bairros rurais de Anhumas, o primeiro caso assemelha-se a Cavado, Vila Maria e Paineiras e o segundo a Palmitalzinho e Noite Negra.

Independente do nível de articulação entre os moradores do bairro, o sentimento de pertencimento à localidade representa um importante fator. Ainda entre os fatores que facilitam o desenvolvimento da identidade do bairro estão as atividades lúdico-religiosas, que ultrapassam o âmbito familiar e envolvem os moradores, estimulando a sociabilidade vicinal. Durante a realização das celebrações religiosas, dos terços, das rezas e das festas, em geral, ou

---

<sup>27</sup> Para Antonio Candido, bairro rural ainda poderia ser uma porção do território subordinado a uma povoação, onde se encontram grupos de casas afastadas do núcleo do povoado, e uma das outras, em distâncias variáveis. O bairro se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico (CANDIDO, 2003, pgs. 82-84).

a algum santo padroeiro, os vizinhos próximos e distantes são envolvidos e participam dessas atividades.

Conforme Candido (2003), essas atividades recriam os mínimos de sociabilidade em torno dos mínimos de subsistência, promovendo, pela conjugação de ambos, a reorganização das condições próprias aos agrupamentos de vizinhança (CANDIDO, 2003, p. 233).

As atividades lúdico-religiosas representam elementos centrais e de extrema importância nos bairros, sendo muito vezes o evento de maior aglutinação dos moradores e que garante a identidade e a continuidade do bairro rural.

Maria Isaura Pereira de Queiroz realiza pesquisas sobre as condições de organização e funcionamento a sociedade rural paulista. Para tanto inicia o trabalho analisando das diferentes formas de organização dos agrupamentos populacionais rurais.

Em seus estudos, Queiroz (1973) considera o bairro rural como um grupo de vizinhança de habitat disperso, tendo limites determinados, de forma que os seus habitantes tenham a noção disso, sendo capazes de distingui-los da vizinhança. Esse sentimento de pertencer à mesma comunidade é elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, seja no espaço geográfico ou social (QUEIROZ, 1973, p. 4).

Tradicionalmente, a capela representa o núcleo central do bairro e a festa do santo padroeiro apresenta-se como um dos momentos mais importantes de reunião dos moradores da localidade. Cada bairro é formado por famílias conjugais autônomas, que cultivam suas roças como querem. De certo modo essas famílias dependem umas das outras, a tal ponto que o mutirão para a realização de determinadas tarefas na roça faz parte do contexto dos bairros rurais. Por um lado supre a deficiência de mão-de-obra das famílias, por outro congrega os moradores da localidade.

A relação estreita existente entre os moradores do bairro reforça a consciência de unidade e funcionamento deste. Essas formas de sociabilidade são representadas pelas

relações familiares, relações de vizinhança, relações dos habitantes dos bairros entre si, relações com a região e relações com o exterior, este compreendido como tudo o que ultrapasse a região.

Essas considerações de Queiroz demonstram que os elos de relações que os bairros rurais estabelecem compõem uma teia de articulações muito mais complexa do que aparentam inicialmente.

A estruturação interna dos bairros rurais paulistas apresentada tanto por Candido (2003), quanto por Queiroz (1973), demonstra que nesse espaço existem relações igualitárias entre os membros, em termos de nível social. Os moradores participam das mesmas crenças, das mesmas práticas religiosas, dos mesmos costumes e dos mesmos conhecimentos técnicos. O trabalho coletivo congrega todos os moradores em torno de um objetivo comum, que poderia ser ajudar um vizinho ou organizar e executar uma festa religiosa.

Os elementos presentes nos bairros rurais apresentados anteriormente também foram encontrados no espaço rural de Anhumas, quando são registradas atividades religiosas que mobilizam todos os moradores da localidade para organizarem e executarem as festas em louvor aos santos padroeiros e os mutirões para o cumprimento de tarefas agrícolas que demandam urgência na conclusão. São diversas formas de organização que demonstram a identidade do território e a afinidade que os moradores possuem no interior da comunidade. As diferenças de nível social são pouco presentes, sobretudo em Palmitalzinho e Noite Negra, onde os bairros apresentam uma maior articulação entre os moradores. Embora em Cavado, Vila Maria e Paineiras as diferenças sociais sejam mais nítidas, não chega à estratificação social que encontramos na cidade de Anhumas.

Nos estudos realizados por Candido (2003) e Queiroz (1973) os bairros rurais paulistas eram compostos por camponeses proprietários ou não da terra que trabalhavam, muitos deles agregados de um proprietário. No caso de Anhumas, esses moradores em geral

exploram terras de sua propriedade ou de sua família. São agricultores familiares integrados ao mercado, desenvolvendo atividades que envolvem alto índice de mecanização, como é o caso do emprego de ordenhadeiras mecânicas, colheitadeiras e o beneficiamento de produtos agrícolas. Portanto são bairros que preservaram características do passado tradicional, mantendo elementos da cultura rústica (festas religiosas e mutirão), mas que se integraram ao mercado e às mudanças da sociedade como previam Antonio Candido e Maria Isaura de Queiroz, ao concluírem seus estudos na década de 1970. Valendo-nos das definições de Queiroz (1973), poderíamos afirmar que os bairros rurais de Anhumas seriam classificados como bairros rurais modernos.

O isolamento, característica do bairro rural encontrado por Antonio Candido, não se faz presente em Anhumas. Contudo, a posse das terras, o auxílio vicinal, o trabalho doméstico e as formas de lazer, são facilmente identificados.

A condição de proprietário da terra, em Anhumas, foi definida pelas mudanças na forma de uso do solo rural do município, que levou à migração de muitos moradores da zona rural. A figura dos parceiros e agregados foi desaparecendo ao longo do tempo, sendo então as terras exploradas diretamente pelo proprietário ou por seus filhos e herdeiros.

Ao estudar os bairros rurais, Queiroz (1973) busca o entendimento de sua composição interna e as relações que eles mantém com o meio social circundante, considerando a sede do município a que o bairro pertence, a região onde se encontra inserido e pelas cidades com as quais eventualmente, se relaciona.

Entre os espaços pesquisados por Queiroz (1973), havia bairros que apresentavam elementos da cultura tradicional dos bairros rurais paulistas, que passavam por transformações e ainda se encontravam enquadrados por essa definição. Eram localidades que tendo adotado uma agricultura integrada ao mercado, não haviam abandonado as relações sociais e o modo específico do *habitat* que define um bairro rural.

Na concepção de Queiroz, (1973):

Bairro rural é aquele cujos membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade (mesmo quando não conservam a totalidade da colheita), desenvolvem entre si relações de trabalho expressas na ajuda mútua, e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível social igualitário, das atividades quotidianas e festivas do grupo de localidade (QUEIROZ, 1973, p. 49).

O sentimento de pertencimento e a igualdade de posição social entre as famílias determinam as relações entre essas, a participação na vida do bairro e as relações de trabalho. As atividades religiosas garantem a articulação entre os moradores dos bairros de tal forma que muitos participam das festividades fora do local, em bairros vizinhos ou mais distantes. No caso de Anhumas essas ocorrências se dão quando moradores de Palmitalzinho e Noite Negra, se deslocam até Vila Maria para auxiliarem na festa de Nossa Senhora Aparecida ou freqüentam as festividades.

Para Queiroz (1973):

A festa religiosa promove maior ligação e, portanto, maior solidariedade entre os habitantes. Por outro lado, como os habitantes freqüentam festas de outros bairros, ela concorre também para fomentar a união entre diversos bairros. O fato de comparecerem a cerimônias religiosas na sede do município, a centros como Aparecida do Norte, etc., contribui para dar-lhes o sentimento de pertencerem ao seu bairro, mostrando-lhes a localidade em que se situam e as peculiaridades de seu grupo de vizinhança; mas também indica que o bairro pertence a algo de mais amplo do que o município, - a uma região. A religião reforça a solidariedade interna do bairro, mas serve para quebrar-lhe o isolamento, ligando-o com uma sociedade mais vasta que o engloba (QUEIROZ, 1973, pgs. 64-65).

Em Anhumas essas práticas de participações religiosas em outras localidades ocorrem quando os moradores dos bairros visitam outras comunidades, de municípios vizinhos, ou quando organizam romarias para Aparecida-SP, em visitas ao santuário daquela cidade.

A participação dos moradores dos bairros em atividades externas vai além do religioso. Em suas pesquisas, Queiroz (1973) identificou, durante as eleições municipais, que esse era um momento em que os habitantes dos bairros tomavam consciência de sua importância como grupo social, diante de uma sociedade mais ampla à qual eles estavam ligados e dependentes, sobretudo do poder municipal de onde esperavam receber benefícios administrativos. A eleição municipal representa o momento em que todos os moradores dos bairros se sentem mais fortemente integrados numa unidade particular, o bairro, que, juntamente com outras unidades, forma um conjunto maior, o município (QUEIROZ, 1973, p 81).

Essa conscientização dos habitantes dos bairros rurais também foi observada em Anhumas, durante as eleições municipais. Os candidatos aos cargos do legislativo e do executivo percorrem os bairros do município, sabendo que esses eleitores podem decidir a eleição. Em função dessa articulação, sempre um morador da zona rural acaba compondo o legislativo municipal. A esse respeito merece ser feito destaque ao bairro Noite Negra, onde além da seqüência de representantes ocupando o cargo de vereador, o atual prefeito de Anhumas<sup>28</sup> é morador do local, exercendo o seu segundo mandato. Isso demonstra a capacidade de articulação que esses indivíduos possuem na esfera local e municipal.

As reuniões constituem um “momento” em que se pode medir a extensão de um bairro. Pelo número de indivíduos presentes e pela procedência dá para se saber a extensão espacial e social do local. Contudo, se sistematicamente a freqüência a essas reuniões diminui, é indício de que o bairro está em decadência. Essa decadência, para Candido (2003) pode ser

---

<sup>28</sup> O primeiro mandato desse prefeito foi no período 2001-2004. Atualmente exerce a gestão 2005-2008.

conseqüência do ingresso do sitiante em um outro regime de trabalho, que vai desde o assalariamento em outras atividades, precisando trabalhar em sua propriedade aos finais de semana, quando são marcadas as reuniões, ou até mesmo em decorrência do aumento da pobreza desses habitantes, levando ao isolamento dos indivíduos e à desarticulação do grupo existente no bairro rural.

Nesse contexto o equilíbrio existente entre o bairro rural e a cidade, quando ambos se complementam, fornecendo o primeiro produtos agrícolas e o segundo serviços, uma vez rompido leva a subordinação dos bairros aos produtos e serviços urbanos.

Em suas pesquisas Queiroz (1973) ainda considerou que embora os municípios investigados fossem heterogêneos, a unidade de pesquisa apresentou semelhanças. Os bairros rurais eram compostos por famílias reunidas, em que os chefes estavam à frente dos empreendimentos agropecuários, guardando a iniciativa e a responsabilidade pela execução dos trabalhos, desenvolvendo relações de ajuda mútua, com uma vida social concretizada nas festas religiosas e uma configuração interna de tipo igualitário. O ritmo de vida e a dispersão seguiam a cadência dos trabalhos agrícolas e das festas; isto representava a essência do grupo de vizinhança (QUEIROZ, 1973, p. 122).

A partir da definição de bairro rural a autora identificou dois tipos de grupos de produtores: os camponeses – indivíduos que desenvolviam uma agricultura de subsistência, que complementavam a renda com outras atividades subsidiárias – e agricultores ou pecuaristas – famílias que estavam integradas ao mercado, mas que mantinham como atividade subsidiária a roça.

Os bairros rurais se definem, prioritariamente, pelas relações sociais mais do que por um regime econômico específico; no entanto, a diferenciação interna dessa categoria social em duas divisões distintas tem como critério o regime econômico específico de cada uma delas (QUEIROZ, 1973, p. 123). As relações econômicas determinam o nível de interação

com a sociedade exterior, quando entra em contato com determinada área ou cidade, momento em que esses sujeitos buscam aquilo que não produzem, culminando na manutenção de suas necessidades. Além disso, os bairros rurais não representam grupos humanos estagnados; em seu interior estão passando por mudanças, que nem sempre dependem de fatores externos, muitas vezes são decorrentes de um movimento próprio, adaptando-se às mudanças pelas quais passa a sociedade.

Coelho (1991), ao estudar o bairro dos Machados, em Araraquara-SP, analisa o conjunto de práticas responsáveis pelo processo de resistência desse bairro, no contexto do município. Em sua pesquisa considera que estudar um bairro rural não significa tomá-lo em si mesmo como uma unidade completa e isolada. Não significa também estabelecer uma tipologia de concepções pré-estabelecidas entre o campo e cidade (COELHO, 1991, p. 48). É necessário entender a composição interna, sua dinâmica e as relações com o universo que circunda essa unidade territorial.

De acordo com Coelho (1991), os bairros são autônomos, em relação à cidade, uma vez que provêm sua própria subsistência. Contudo, bairros rurais e cidade se mostram complementares. Esse equilíbrio de independência e complementaridade, entre bairros e cidade, por mais paradoxal que pareça, constitui uma característica dos bairros rurais. Este aspecto também foi considerado por Queiroz (1973).

As mudanças nas formas sociais tradicionais e as práticas culturais no campo podem ocorrer, mas esse processo é lento. “Uma comunidade, (o mesmo observado em relação ao bairro rural), não se desestrutura de repente, de um momento para o outro. As transformações são lentas, porque a resistência é grande” (COELHO, 1991, p. 77). No caso dos proprietários dos Machados - estudados pela autora - esses utilizavam várias alternativas, que garantiam tanto a sua reprodução, quanto a sua permanência na propriedade. Entre as estratégias utilizadas buscavam a recusa à venda e ao arrendamento de suas terras para as usinas de

açúcar e álcool que desejavam adquirir as propriedades. Assim, nas pequenas propriedades, os produtores combinavam a produção mercantil, com o assalariamento no período da entressafra.

Ainda entre os elementos encontrados no bairro dos Machados estavam as práticas culturais dos sujeitos. O universo simbólico se constitui de símbolos e representações, diretamente ligados à religião. Para a autora as atividades lúdico-religiosas são os elementos motrizes, que garantem a resistência e as possibilidades de ação e reação do grupo, frente aos agentes externos que ameaçam a unidade do bairro.

Para Coelho (1991):

O bairro configura a existência de um espaço, onde os limites territoriais são traçados pela participação de seus membros, os quais comungam os mesmos costumes, idéias, modo de vida, constituindo dessa forma uma unidade social. A sociabilidade aparece associada ao meio, que compreende também o trabalho, a solidariedade e os meios de subsistência. Todos esses elementos estão intimamente ligados, pois se constituem na dinâmica pela qual se estrutura a vida do sitiante (COELHO, 1991, p. 175).

Assim como Candido (1971) e Queiroz (1973); Coelho (1991), considera o bairro rural a partir da unidade social, ou seja, o que determina o bairro, com os seus limites e elementos são as relações sociais, representadas pelas práticas de ajuda mútua, a troca de favores e as atividades lúdico-religiosas. A articulação entre os habitantes dos bairros garante a unidade territorial e a identidade do local.

Ainda nas investigações de Coelho (1991) são registrados momentos onde, durante as práticas religiosas, o bairro acolhe a “gente de fora”: visitantes de outros bairros, antigos moradores, o padre e todos os sujeitos que dessas atividades participam. Esse acolhimento, em Anhumas é observado no processo de um bairro mais articulado, receber outro que não dispõe dos mesmos espaços de socialização.

Para a referida autora o espaço religioso abre outras dimensões, garantindo ao grupo um lugar próprio, onde reproduzem sua cultura e o seu imaginário, onde percebem a força do coletivo e da totalidade (COELHO, 1991, p. 218). A união parte do campo da religiosidade e busca outros aspectos da vida comunitária, passando a focar problemas que atingem o bairro.

Ao concluir o trabalho realizado no bairro dos Machados, Coelho (1991) ressalta que a finalidade do estudo foi o registro da resistência dos habitantes do bairro, resgatando esses sujeitos do anonimato para o cenário da sociologia.

Bombardi (2004), trabalha o conceito de bairro rural, na perspectiva da Geografia Agrária. Em sua abordagem, considera que esta unidade do território fornece elementos importantíssimos para a interpretação e a análise do campo.

Ao realizar um estudo na região de Campinas-SP, essa pesquisadora assume a perspectiva do território, definindo o bairro rural como uma unidade territorial criada a partir da identidade territorial, resultante da inter-relação estabelecida pelos elementos: espaço, tempo e relações sociais. Assim, a compreensão das relações sociais no campo serve de base para o entendimento do bairro rural. Por meio da pesquisa realizada em Campinas, a autora buscou compreender e situar o campesinato na sociedade.

O conceito de território utilizado por Bombardi (2004) foi desenvolvido por Raffestein (1993), quando trabalha esse conceito sob o enfoque geográfico, para abordar a realidade. Na concepção desse autor, em que se apóia Bombardi (2004), o território é resultante da inter-relação estabelecida entre: espaço, tempo e relações sociais. O território é, desta forma, fruto das relações sociais que se estabelecem no espaço ao longo do tempo (BOMBARDI, 2004, p. 45).

Dessa perspectiva, a compreensão das relações sociais no campo torna-se a base para o entendimento do bairro rural.

A autora ainda considera que o campesinato, visto como classe social, dentro do modo de produção, permite a compreensão do bairro rural, enquanto unidade territorial. A noção de pertencimento dos camponeses a um grupo social, baseado na solidariedade dá origem ao bairro rural.

No trabalho realizado no Bairro Reforma Agrária, Bombardi (2004) demonstra que esse bairro rural foi constituído numa fração do território apropriada por meio de relações sociais não genuinamente capitalistas, adquirindo a configuração particular de bairro rural.

Para a autora a contradição existente no sistema capitalista garante a reprodução da agricultura camponesa num espaço paralelo ao da agricultura capitalista. Os camponeses não vivem de modo isolado, mantendo relações com o mercado e com a vizinhança. Essas relações ocorrem no espaço, garantindo a territorialização do contato entre camponeses, técnicas, meio natural, família, etc.

Durante a pesquisa realizada em Campinas foi trabalhada a idéia de unidade e relação, como elementos que definem o bairro rural paulista. A unidade é construída a partir das relações estabelecidas entre os camponeses, desenvolvendo o sentimento de pertencimento a um mesmo espaço. A unidade territorial cria a identidade territorial, num movimento dialético, complementar de interação e recriação das relações humanas de um bairro rural.

Para Bombardi (2004):

O bairro rural se configura, assim, como a expressão da identidade territorial de um grupo de sítios que através do trabalho familiar transforma o meio natural, ou um território anterior, por meio de padrões culturais - estabelecendo uma rede de relações entre si que cria uma especificidade no território, que se caracteriza, por exemplo, através do tamanho semelhante dos sítios, de tipos de cultivo em comum, de técnicas de trabalho semelhantes, da semelhança na organização interna dos sítios etc. (BOMBARDI, 2004, p. 49-50)

Partindo da abordagem geográfica de bairro rural, a base territorial é fundamental para o desenvolvimento das relações entre as famílias, bem como o tipo de relação estabelecida entre os sujeitos. As relações que se estabelecem no espaço estão diretamente ligadas ao trabalho na terra; portanto, a base territorial é fator primordial na formação da identidade do bairro. Assim o bairro não é a soma de sítios, mas a relação que se estabelece entre essas diferentes unidades camponesas e delas com a escola, com a venda, com o centro comunitário, etc (BOMBARDI, 2004, p. 50).

Nessa perspectiva o bairro rural é formado por uma unidade territorial geográfica, partindo da identidade territorial, representando uma fração do território, como resultado da articulação das unidades camponesas.

Bombardi (2004) considera que a existência do bairro rural é possível em função da especificidade do campesinato, enquanto classe social portadora de uma ordem moral opostora à ordem econômica, que garante a unidade/identidade territorial. Para a autora a identidade territorial também depende da peculiaridade camponesa: ordem de valores, cultura e maneira de produzir.

O autor do presente trabalho não concorda com a afirmação de que o bairro rural depende exclusivamente das características da produção camponesa, e essa discordância foi reafirmada a partir dos elementos encontrados no campo de investigação. O bairro rural pode conter em seu interior elementos da cultura camponesa, que complementam os valores e costumes do produtor familiar, integrado ao mercado, numa articulação formada pelo passado e pelo presente. De acordo com Queiroz (1973), um bairro rural pode apresentar em seu interior elementos da cultura camponesa, paralelamente aos valores da agricultura familiar, configurando um bairro rural moderno.

O território pode ser entendido como fruto da inter-relação tempo, espaço e relações sociais. Assim sendo, a unidade/identidade geográfica pode ser tomada como consequência da fração do território. A unidade/identidade do território existente no bairro rural é fruto do modo de vida existente nele, que diferencia essa fração do território.

Na área estudada em Anhumas também a unidade territorial pode ser considerada consequência da inter-relação tempo, espaço e relações sociais. Os moradores dos bairros rurais compartilham do sentimento de pertencimento a uma mesma unidade territorial, assim como dos valores da cultura e da religião presentes nos bairros rurais.

O bairro rural deve, portanto, ser concebido como uma unidade territorial assumindo a perspectiva de que ele adquire uma caracterização homogênea: funciona como um todo, como uma unidade (BOMBARDI, 2004, p. 61). Quando faz essa afirmação a autora quer dizer que os exemplos bem sucedidos no bairro são transferidos aos demais moradores no contexto das relações interpessoais. Essa articulação entre tempo, espaço e relações sociais, garante a constituição e a permanência da unidade territorial.

Em Anhumas os empreendimentos agrícolas bem sucedidos servem de modelo e incentivam os moradores dos bairros rurais a desenvolverem técnicas e cultivos semelhantes, como por exemplo, o cultivo da batata-doce e do abacaxi; a criação de gado leiteiro confinado; a formação de pastagens irrigadas e a utilização da ordenhadeira mecânica.

Durante a pesquisa realizada em Campinas, Bombardi (2004) ainda identificou que a religiosidade é um elemento de socialização no bairro rural, sendo a Igreja o local privilegiado para os acontecimentos religiosos. Percebe-se que as relações sociais no bairro rural não ocorrem de forma aleatória; elas têm locais privilegiados para acontecer e estão baseadas nas práticas e ações cotidianas que dão sustentação à dinâmica da localidade (BOMBARDI, 2004, p. 64).

Nessa perspectiva pode-se observar que, entre os bairros rurais estudados em Anhumas, a religiosidade ocupa um destaque importante no espaço rural do município.

Nos bairros Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria as manifestações religiosas são realizadas na capela, tendo continuidade no salão de festas ao lado do templo religioso. Além disso, as reuniões dos moradores ocorrem sempre no salão de festas, local estrategicamente escolhido para congregar os moradores, o que representa a base da unidade territorial do bairro. Nos bairros Cavado e Paineiras essas manifestações não possuem a dinâmica dos outros bairros porque no primeiro local não existe capela e portanto representa um bairro se não decadente, sem “dinâmica própria”, enquanto o segundo local enfrenta situação semelhante: a capela se encontra em construção, sendo as reuniões dos moradores realizadas na residência de um casal que lidera o movimento de construção da capela. Neste último esboçam-se esforços em direção ao estabelecimento de um novo local para as articulações.

Segundo Bombardi (2004), no bairro Reforma Agrária, todos participam das festas que são, portanto, um símbolo do modo de vida no bairro rural. A participação dos moradores nas festas expressa manifestações da sociabilidade dos parentes e vizinhos.

O bairro ainda registra em seu interior o casamento entre vizinhos, as atividades de ajuda mútua, as parcerias e o assalariamento.

As práticas de ajuda mútua acontecem com frequência e são também responsáveis pela característica territorial homogênea que o bairro adquire por meio das relações estabelecidas entre as famílias (BOMBARDI, 2004, p. 75).

No caso dos bairros rurais de Anhumas as práticas de ajuda mútua estão presentes no espaço rural, representando mais um elemento da dinâmica desse tipo de localidade, que garante a sustentabilidade das famílias. Durante as festas de casamento ou comemorações de santos padroeiros, todos os moradores do bairro participam das atividades, independente da distância do núcleo do local, em que essas se realizam. Os moradores compartilham do

sentimento de unidade/identidade do grupo, garantindo a continuidade das práticas culturais e religiosas e a manutenção dos valores característicos dos bairros rurais.

O assalariamento dos habitantes do bairro Reforma Agrária foi considerado por Bombardi (2004) como uma forma de trabalho acessório, estratégia utilizada pelo camponês para a complementação da renda familiar. Também o regime de parceria foi entendido como uma relação diferente da existente no sistema capitalista. Esse tipo de consideração também foi feita por Tavares dos Santos (1978), quando realizou um estudo com produtores de uva na região sul do Brasil.

Considerando as análises dos autores anteriormente apresentados o bairro rural pode ser entendido como um lugar formado por elementos com características semelhantes, em razão do tamanho das propriedades, do cultivo desenvolvido, da forma de organização, mas principalmente das relações estabelecidas entre os moradores dessa localidade.

Tomando como suporte a definição de bairro rural desses autores, o presente trabalho considera essa “forma de recorte” como sendo um agrupamento que, independentemente da extensão, possui características próprias: é marcado pela intensidade de contatos e cooperação entre os moradores; em muitos dos casos, o trabalho está baseado na mão-de-obra familiar, embora algumas vezes se utilize trabalho assalariado; apresenta diferentes formas de organização social. Essas diferentes formas de organização social, pautadas pelas práticas religiosas, pelos laços de parentesco e compadrio, são responsáveis pela sua continuidade e pela sua inserção no espaço sócio-econômico e cultural mais amplo.

Para a compreensão da configuração e da dinâmica – interna e nas articulações externas – dos bairros rurais de Anhumas, tornaram-se relevantes os conceitos de agricultura familiar e de pluriatividade<sup>29</sup>. A agricultura familiar, por manter forte vinculação com os

---

<sup>29</sup> Não constitui objetivo deste trabalho realizar um debate aprofundado sobre agricultura familiar, nem sobre pluriatividade. Contudo serão feitas algumas considerações, enfocando abordagens realizadas que contribuem para identificar a importância dessas ocorrências nos bairros rurais do município de Anhumas-SP.

bairros rurais. A pluriatividade, por conciliar atividades agrícolas e não agrícolas, realizadas no meio rural, ou carreando para esse meio os resultados do trabalho desenvolvido fora dele, alterando características ou contribuindo para a configuração de atividades desenvolvidas no meio rural.

## **5.2. A agricultura Familiar nos Bairros Rurais**

Para Hespanhol (2000), retomando as discussões de CHAYANOV (1974) o que hoje se designa, com relativo consenso, de agricultura familiar, em diferentes momentos, a partir de diferentes categorias de análise, recebeu uma grande diversidade de denominações ao procurar contemplar as especificidades desse tipo de produtor.

A agricultura familiar reúne uma importante categoria social de produtores rurais, presente nos bairros rurais em diferentes regiões do Brasil, marcada por especificidades que são determinadas pela dinâmica e pelas condições da região onde se encontra.

Nessa perspectiva, esse tipo de produção foi identificado nos bairros rurais pesquisados, considerando as suas especificidades e o contexto regional.

Wanderley (2001), considera que a agricultura familiar não constitui uma categoria social recente, sendo no entanto, uma categoria de análise nova para a Sociologia Rural. Em seu interior essa agricultura guarda elementos do campesinato e do agricultor moderno. Por ser um conceito genérico contempla uma diversidade de situações específicas e particulares. A agricultura familiar se reproduz em sociedades modernas, se adaptando ao contexto socioeconômico dessas sociedades, com suas diferentes estratégias de produção. Entre as estratégias guarda formas de produção antigas e desenvolve técnicas modernas.

Para Wanderley (2001), a agricultura familiar como uma categoria genérica deve ser entendida como (...) aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos

meios de produção assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Essa combinação entre propriedade e trabalho representa uma série de diversidade de formas sociais, no tempo e no espaço (WANDERLEY, 2001, p. 23).

Entre as estratégias de reprodução das famílias, essas alocam os membros no interior da propriedade e fora dela. A intensidade do trabalho, as associações informais, a cooperação entre parentes e vizinhos garantem a sucessão entre as gerações.

Na organização da agricultura familiar são encontradas manifestações modernas e tradicionais, visando à sobrevivência das famílias.

Assim sendo, observa-se que a agricultura familiar se articula perfeitamente à dinâmica dos bairros rurais, em seus processos de manutenção, adaptação ou alteração das relações.

Dentro da agricultura familiar, de acordo com Wanderley, são encontradas formas modernas definidas como sendo:

Aquelas que, sob o impacto das transformações de caráter mais geral – importância da cidade e da cultura urbana, centralidade do mercado, mais recentemente globalização da economia, etc. – tentam adaptar-se e esse novo contexto de reprodução, transformando-se interna e externamente em um agente da agricultura moderna (WANDERLEY, 2001, p. 33).

Esse agricultor moderno busca se adaptar ao contexto da sociedade, utilizando os recursos de que dispõe, internamente no estabelecimento, e que são destinados a garantir a sobrevivência da família.

Em função de uma racionalidade moderna, esse agricultor se especializa, ocorrendo mudanças no entorno dessa sociedade ao se integrar à economia. Para garantir a integridade do estabelecimento familiar, os agricultores buscam a valorização dos recursos de que dispõem, com vistas a assegurar a sobrevivência da família.

Nos bairros rurais de Anhumas foram encontradas diversas formas de organização social dentro e fora das propriedades que garantem a reprodução das famílias.

Anjos (2003), considera que as explorações familiares substituíram a agricultura camponesa, mas passaram por adaptações ao mercado. O nível de vinculação ao mercado define a autonomia dessas unidades de produção.

Contudo, admite-se existirem certos elementos recorrentes na orientação das explorações de caráter familiar no que tange à lógica que orienta sua conduta e suas iniciativas rumo ao objetivo essencial de garantir a reprodução social dos membros do grupo doméstico (ANJOS, 2003, p. 42).

Segundo esse autor, a unidade de produção familiar é caracterizada pelo binômio unidade/diversidade, sendo a unidade de produção formada por uma intensa articulação entre os membros da família e uma grande diversidade de elementos.

Nessa perspectiva, apesar das transformações para acompanhar o ritmo e a dinâmica das mudanças que a sociedade impõe, algumas características continuam a ser mantidas ao interior das propriedades familiares. A gestão da propriedade ainda continua sob domínio dos proprietários, as relações de parentesco predominam dentre os responsáveis pela propriedade, a base do trabalho é familiar, o patrimônio é da família, todos os bens são transferidos para as gerações futuras e quase todos os membros vivem na unidade produtiva.

Em função das várias tarefas assumidas pelos agricultores familiares e os membros de suas famílias, Anjos (2003), define:

O agricultor familiar moderno como um personagem híbrido e trinitário (simultaneamente proprietário de terra, empresário privado e trabalhador) que, ao executar sua atividade, entrega à sociedade tanto a parte correspondente à renda da terra como a parte relativa ao lucro capitalista, reservando-lhe uma remuneração pelos produtos que fatalmente conduziria

à ruína as explorações capitalistas baseadas no uso do trabalhador assalariado (ANJOS, 2003, pgs. 39-40).

Os arranjos e as estratégias adotadas pelos agricultores familiares garantem sua reprodução e continuidade na sociedade moderna. Entre as estratégias estão o sobretrabalho, a redução da renda e um maior envolvimento dos membros da família em atividades dentro e fora das unidades produtivas, levando à associação da agricultura familiar ao desenvolvimento de atividades pluriativas.

Hespanhol (2000) analisa a produção familiar na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente, com suas especificidades, enfocando as unidades produtivas sob o ponto de vista interno (terra, trabalho e meios de produção), e as relações externas (inserção no mercado, crédito rural, comercialização da produção, assistência técnica, etc). Na sua concepção, o entendimento dos elementos internos possibilita a compreensão da diversidade da produção familiar e a identificação das estratégias de permanência e reprodução dos produtores familiares.

Justamente a partir das relações externas à unidade produtiva familiar, configura-se a pluriatividade, como uma estratégia de reprodução das famílias estruturadas em torno da agricultura familiar e/ou residentes em bairros rurais.

Para Hespanhol (2000):

No que se refere às unidades produtivas familiares, estas se constituem de pequenos proprietários, arrendatários, parceiros, posseiros, ocupantes, etc. que, não dispondo de recursos econômicos ou de terras suficientes para se dedicarem à pecuária extensiva, ou mais recentemente, à lavoura de cana-de-açúcar, permaneceram vinculadas à exploração de lavouras tradicionalmente cultivadas na região como o algodão, o feijão, o amendoim, etc (HESPANHOL, 2000, p. 132).

Segundo a autora, uma parcela desses produtores familiares passou, a partir das décadas de 1970, 1980 e 1990, a praticar cultivos voltados diretamente ao mercado consumidor urbano, cultivando tomate rasteiro, batata-doce, mandioca e fruticultura, de modo geral.

No município de Anhumas, os bairros rurais representam também um espaço onde diferentes estratégias de reprodução dos produtores familiares estão presentes. Entre as estratégias de reprodução social, os agricultores familiares procuram diversificar as atividades agrícolas: praticando a policultura; utilizando tecnologia avançada em várias etapas da produção; realizando o beneficiamento dos produtos cultivados, objetivando maior agregação de valor no local da produção; desenvolvendo o associativismo e a comercialização direta no mercado. São diferentes estratégias utilizadas num contexto onde a produção familiar recebe pouco incentivo por parte do governo e o mercado se encontra cada vez mais competitivo.

Os rearranjos adotados pelas explorações familiares, desenvolvendo novas estratégias produtivas e não produtivas, objetiva a manutenção dessa categoria de produtores. Segundo Hespanhol (2000), como resultado desse processo, surge uma diversidade de unidades produtivas, com graus variados de desempenhos econômicos, sociais, tecnológicos e políticos.

Seguindo a dinâmica da agricultura familiar, a pesquisa realizada na microrregião de Presidente Prudente por Hespanhol, demonstrou que independente dos produtores residirem ou não nas unidades produtivas, tanto o ritmo de vida, quanto a intensidade do trabalho são definidos pelo desenvolvimento das diversas etapas das atividades agropecuárias, por expectativas e incertezas.

Os produtores familiares estão sempre buscando novas estratégias de reprodução, mesmo que seja o assalariamento urbano. Alguns pais preferem passar o comando da propriedade para os filhos, garantindo a permanência destes na unidade de produção.

Assim, o acesso à terra, propiciado pela propriedade, se constitui numa das condições fundamentais para a permanência e a resistência dos produtores familiares às dificuldades econômicas resultantes da atividade agropecuária (HESPANHOL, 2000, p. 288).

Sant`Ana (2003), que realizou um estudo na mesorregião de São José do Rio Preto-SP, buscando identificar as diferentes estratégias utilizadas pelos produtores familiares, o modo de vida dessas famílias e as relações estabelecidas no âmbito intra-familiar e as organizações formais, apresenta reflexões importantes para a identificação de estratégias de sobrevivência utilizadas por produtores rurais.

Segundo esse autor, as diferentes formas de articulação utilizadas pelas famílias de agricultores familiares são responsáveis pela sua reprodução. A diversidade do contexto de cada região e as estratégias adotadas por esses agricultores devem ser consideradas, ao lado da importância das tradições e do modo de vida, porque isso garante a possibilidade do enfrentamento da realidade em transformação.

O argumento apoiado nos determinantes estruturais, que conferem à agricultura familiar um caráter transitório, tendendo esta a desaparecer como forma de produção, com o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, aliado à visão de que a agricultura familiar no Brasil estaria restrita a um tipo de produtor tecnificado e integrado formalmente ao mercado, embora constitua avaliação que deve ser levada em conta, no entanto não permite que se deixe de considerar “o papel desempenhado pelas estratégias e pela tradição na configuração dos destinos desses produtores” (SANT`ANA, 2003, p. 30).

Para Sant`Ana (2003):

Os produtores familiares organizam diversos tipos de estratégias visando a ampliação ou manutenção da terra e do patrimônio, ao mesmo tempo que procuram bloquear ou eliminar os fatores que identificam como capazes de aumentar os riscos de perda de bens (SANT'ANA, 2003, p. 92).

Portanto, é preciso ampliar o conhecimento referente aos grupos familiares, analisando os aspectos mais visíveis da articulação desses agricultores, além das particularidades, os aspectos simbólicos, culturais e subjetivos que estão inseridos nessa forma de agricultura.

As análises realizadas por Sant'Ana (2003) reafirmam os resultados das investigações feitas por Hespanhol (2000), para quem a diversificação das atividades agropecuárias representa uma estratégia de sobrevivência para a manutenção da categoria dos produtores rurais em distintas regiões do Brasil.

Entre as estratégias utilizadas pelos agricultores familiares a pluriatividade se configura como uma das alternativas que garantem a manutenção do patrimônio familiar e a sustentabilidade do grupo sem, no entanto, significar o abandono ou a redução das atividades agrícolas (ALANTENJANO, 2001 e SANT'ANA, 2003). Ao buscar novas alternativas de articulação e adaptação em um determinado contexto, as famílias pluriativas criam condições de manter a propriedade produzindo, ainda que seja parcialmente, os meios de vida e a sua reprodução social.

### **5.3. A Pluriatividade nos Bairros Rurais**

A pluriatividade é compreendida como o processo de desenvolvimento de atividades não-agrícolas que complementam a renda agrícola gerada no meio rural, facilitando a

permanência dos agricultores familiares no campo e garantindo a sustentabilidade econômica do grupo ou a melhoria das condições de vida dessas famílias.

Enquanto estratégia de reprodução das famílias de agricultores que residem em áreas rurais, a pluriatividade propicia uma articulação com o mercado, por meio da prática de atividades agrícolas e não-agrícolas.

Em alguns casos, quando o tamanho da propriedade não é suficiente para ocupar toda a mão-de-obra familiar disponível, ou a renda agrícola obtida não atende às necessidades do grupo, é possível que um ou mais dos membros da família se torne(m) pluriativo(s). Nesse caso, a pluriatividade vai favorecer o equilíbrio entre a produção e o consumo, bem como a quantidade de terras disponíveis e a mão-de-obra apta ao trabalho. A garantia da reprodução social e a superação dos fatores adversos dependem da capacidade de flexibilização do grupo familiar.

Fuller (1990), define as propriedades pluriativas como um local onde [...] “se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro quanto fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécies e transferências)” (FULLER, 1990, p.367).

Para esse autor a pluriatividade congrega uma diversidade de situações no tempo e no espaço, embora mantenha como característica fundamental à interação entre agricultura, unidade familiar e mercado de trabalho.

Dessa perspectiva, a pluriatividade deve ser considerada como expressão de determinados tipos de economias regionais ou locais. A compreensão dessas economias locais e regionais, depende de seu potencial e das relações estabelecidas com a estrutura social, cultural, econômica e política. Portanto, é necessário identificar os fatores que interferem no desenvolvimento da pluriatividade, estimulando-a ou limitando-a.

É necessário ainda considerar a família como núcleo de decisão, que busca a geração de recursos ou opta por determinado tipo de trabalho agrícola ou não-agrícola. A caracterização do núcleo familiar propicia a compreensão das diversas formas que assume a pluriatividade.

A interpretação da pluriatividade enquanto expressão da dinâmica das transformações ocorridas nos espaços rurais, requer um enfoque histórico-comparativo entre comunidades, países e regiões, identificando os fatores que contribuem para as múltiplas funções da pluriatividade. O entendimento dessas múltiplas funções propicia a compreensão da natureza dos fatores que levam as famílias a desenvolverem atividades agrícolas e não-agrícolas, de forma simultânea, numa determinada localidade.

Segundo Fuller (1990), a pluriatividade envolve uma forma de gestão do trabalho doméstico onde o trabalho agrícola está sempre incluso, entretanto pode não ser a atividade mais importante; outras atividades podem garantir o sustento da unidade doméstica, embora não seja a única fonte de renda.

Dessa perspectiva a pluriatividade foi encontrada nos bairros rurais de Anhumas, com seus resultados contribuindo para a renda e a manutenção do patrimônio das famílias.

De acordo com Carneiro (1995), a pluriatividade esconde uma heterogeneidade de aspectos que assumem significados diferentes, em contextos, lugares e épocas distintas, levando a constantes mudanças em sua validação conceitual.

A pluriatividade pode compreender as atividades complementares e suplementares à produção agrícola, desenvolvidas por um ou mais membros de um grupo doméstico.

Segundo Carneiro (1995):

Para compreendermos os significados das diferentes formas de pluriatividade na dinâmica das pequenas unidades de produção familiar é necessário que distingamos as situações em que elas ocorreram e que

identifiquemos as condições de produção dos produtores (CARNEIRO, 1995, p. 51).

Em outro estudo, Carneiro (1998) considera o parentesco e o trabalho como elementos que articulam e estruturam o sistema de relações individuais nas famílias e nas sociedades. Para tanto, não faz distinção entre a família e o grupo doméstico, embora considere esses dois espaços como locais autônomos, onde ocorrem relações complexas e distintas.

Para Carneiro (1998):

A família não deve ser entendida tão-somente como um grupo estruturado segundo as condições históricas e culturais que o cercam. É necessário considerar também o conjunto de valores que orientam e dão sentido às práticas sociais no interior da família, já que ela agrega indivíduos de uma rede de relações que inclui, como toda relação social, uma parte ideal, de pensamento ou, se quisermos, de representação (CARNEIRO, 1998, p. 66).

Na concepção dessa autora a família é entendida como um espaço de produção e reprodução de valores que possuem significados além do parentesco e da racionalidade econômica. Portanto é necessário compreender, considerando suas especificidades, cada um dos valores presentes no grupo familiar para entender a sua inter-relação com a sociedade.

Independente das condições do grupo familiar, Carneiro (1995), considera que um dos grandes efeitos da pluriatividade é a autonomia dos familiares em relação aos empreendimentos da família. As atividades pluriativas propiciam rendimentos individuais, que embora estejam sob responsabilidade de cada indivíduo, contribuem para a reprodução do grupo.

A pluriatividade assume, assim, um outro significado, ela passa a ser expressão de um novo estilo de vida. A amplitude deste fenômeno modifica as relações sociais que sustentam a sociedade local e cria novas condições para a reprodução social e a manutenção da população no campo (CARNEIRO, 1995, p. 57).

Da mesma forma que a pluriatividade contribui para o aumento da renda das famílias no campo, garante uma certa autonomia a esses grupos familiares em relação a empreendimentos que implicam em gastos econômicos no meio rural, ou à manutenção do patrimônio familiar. As rendas não-agrícolas auferidas por esses agricultores contribuem para o custeio de alguns gastos domésticos (energia elétrica, eletrodomésticos, automóveis, etc), além de investimentos no interior da propriedade.

Para Schneider (2003), a pluriatividade é definida como sendo:

[...] um fenômeno através do qual membros das famílias de agricultores que habitam o meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou mais rigorosamente, optam pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural (SCHNEIDER, 2003, p.91).

De acordo com Schneider as famílias pluriativas desempenham atividades que muitas vezes se desenvolvem no interior das propriedades como é caso do turismo rural, do artesanato, do pesque pague; ou funções exercidas no meio urbano, como atividades ligadas ao comércio, à prestação de serviços; podendo em alguns casos ser no setor industrial.

Os exemplos de pluriatividade são diversos e envolvem vários membros das famílias (com frequência mulher e filhos), dentro e fora das propriedades.

“Desse modo, a noção de pluriatividade [...] vem sendo utilizada para descrever o processo de diversificação que ocorre dentro e fora da propriedade, bem como apontar a

emergência de um conjunto de novas atividades que tomam lugar no meio rural” (SCHNEIDER, 2003, p. 76).

Dessa perspectiva é necessário ressaltar que as atividades não-agrícolas não constituem fenômenos recentes. Alguns trabalhos clássicos já faziam referência a essas atividades, embora em contextos sócio-econômicos diferentes. É o caso de Kautsky – que se refere a “trabalhos acessórios” – e de Chayanov – que trata de “outras atividades não-agrícolas”.

Ainda para Schneider (2003), o entendimento da pluriatividade deve passar primeiro pela compreensão da agricultura familiar e, sobretudo, pelo significado econômico, o sentido social e a importância cultural que isso representa para as famílias que residem no meio rural e desempenham outras atividades, além da agricultura. Portanto a pluriatividade é consequência de fatores externos ao grupo familiar, que pode ser o mercado de trabalho não-agrícola; porém, aderir à pluriatividade é uma decisão que depende dos indivíduos ou da família.

A discussão teórica de pluriatividade implica ainda o entendimento do papel da agricultura familiar e a sua persistência no sistema capitalista. Da mesma forma que a agricultura familiar apresenta uma relativa autonomia em relação ao capital e reproduz as suas condições, a pluriatividade contribui para a manutenção dessa autonomia. Por isso “a sua transformação vai depender de sua relação com as formas distintas e heterogêneas de estruturação social, cultural e econômica do capitalismo em um certo espaço e contexto histórico. (SCHNEIDER, 2003, p. 92).

As características que a pluriatividade apresenta são reflexos do comportamento do grupo familiar em relação ao sistema capitalista. Fuller (1990) e Schneider (2003), consideram que a pluriatividade é uma reação das famílias agricultoras aos fatores externos, à

sua percepção da realidade, levando à adoção de determinadas estratégias de organização e de reprodução social.

O entendimento da pluriatividade, para Schneider (2003), implica na compreensão da agricultura familiar, o seu contexto na sociedade e o conhecimento dos mecanismos que levam as famílias a se tornarem pluriativas. O entendimento do interior do grupo familiar também foi defendido por Carneiro (1998), quando considera fundamental a compreensão das relações intrafamiliares.

Anjos (2003), discute a pluriatividade como um fenômeno mundial que se desenvolve em vários países, guardando as especificidades da agricultura familiar e as diferentes formas de organização desse tipo de produção. Para Anjos (2003):

[...] a pluriatividade, em suas distintas acepções, constituiu-se numa das mais numerosas unidades taxonômicas, ao mesmo tempo em que vem sendo reconhecida como uma das chaves que permite entender a tenacidade de uma agricultura familiar que reside em um contexto permanentemente instável e, por vezes, bastante adverso (ANJOS, 2003, p. 89).

A complexidade existente na agricultura familiar garante a esse tipo de categoria de produtor rural o enfrentamento das dificuldades do mercado agrícola, superando os momentos de crise e buscando novos arranjos que garantam a sua continuidade e a reprodução dos grupos familiares. Por sua vez, a pluriatividade pautada nos elementos da agricultura familiar, passa a ser um recurso que auxilia a transposição de problemas agrícolas, climáticos e estruturais, sobretudo nas regiões mais problemáticas; garante a renda aos membros mais jovens das famílias e aos produtores que foram excluídos dos modelos produtivistas.

A pluriatividade trata-se de fenômeno no qual os componentes de uma unidade familiar executam diversas atividades com o objetivo de obter uma remuneração pelas mesmas, que tanto podem desenvolver-se no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de

trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativas centradas na própria exploração (industrialização a nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva) que conjuntamente impliquem no aproveitamento de todas as potencialidade existentes na propriedade e/ou em seu entorno (ANJOS, 2003, p. 90-91)

Dessa perspectiva a pluriatividade é fruto de um amplo processo de transformação na agricultura em consonância com a dinâmica da economia em geral. A pluriatividade representa uma das facetas que permitem visualizar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, sobretudo no setor rural. Além de evidenciar essas transformações, passa a ser uma estratégia específica de reprodução dos produtores familiares, que por sua vez, conciliam o desenvolvimento da agricultura com outros setores e atividades geradores de renda.

Anjos (2003), enfatiza que a pluriatividade ao envolver os membros das famílias agricultoras em diversas atividades, dentro e fora da propriedade, com a finalidade de elevar o nível de renda, elimina a convencional identidade entre a família e a unidade de produção. A partir da prática da pluriatividade, as atividades não se desenvolvem necessariamente ao interior das propriedades e os membros das famílias passam a sofrer cada vez mais as influências externas ao grupo familiar, gerando novos arranjos e estratégias de reprodução que se tornam necessários.

Entre as mudanças pelas quais passam a agricultura familiar, deve ser considerado que a pluriatividade permeia as atividades agrícolas nas unidades produtivas. Os membros das famílias dividem as tarefas diárias e, em alguns casos parte dos familiares executam atividades fora do âmbito da propriedade.

Embora a pluriatividade esteja presente nos cinco bairros investigados, as atividades não-agrícolas foram encontradas com maior frequência em Paineiras. Em outro extremo tem-se Palmitalzinho, onde predominam as atividades agrícolas.

#### **5.4. Diferentes formas de sociabilidade nos bairros rurais**

Os bairros rurais representam um espaço no meio rural, onde inúmeros elementos configuram a sua identidade. Nessa perspectiva as relações sociais entre os membros dos bairros são permeadas pela sociabilidade e outros elementos que fazem parte da esfera rural.

A sociabilidade é um atributo para a vida em sociedade e a maneira dos indivíduos estarem integrados, por laços de diversas ordens numa comunidade. Sendo uma característica dos seres vivos, é própria da natureza do ser humano viver em sociedade e ter uma existência social.

De acordo com D`Incao (1996), a sociabilidade é “a maneira como as pessoas se reúnem dentro ou fora das instituições, como elas se relacionam com as pessoas em geral” (D`INCAO, 1996, p.136). Tomando como referência os bairros rurais é possível identificar a sociabilidade como um elemento que ocupa um lugar “privilegiado” nesse universo e, portanto, tem uma importância muito grande para o entendimento das relações presentes nesse espaço rural.

O conceito de sociabilidade supõe ações nas quais os indivíduos não têm outra intenção, se não a de criar uma interação com os demais. Não se ingressa num ambiente de sociabilidade como indivíduos completos, “fechados”, mas como sujeitos despojados de fins, metas e intenções rígidas.

No exercício da sociabilidade são geradas condições para o desenvolvimento da solidariedade. Dessa forma a sociabilidade é encontrada tanto em comunidades rurais quanto em urbanas. A sociabilidade se desenvolve no momento em que há uma neutralização das diferenças entre os indivíduos, mesmo que seja temporária. Esta cooperação e reciprocidade em servir ao outro leva ao agrupamento e à satisfação de seus interesses, que muitas vezes favorece a coletividade. Por outro lado, nas relações entre os sujeitos, quando a solidariedade

se faz presente nos grupos sociais, ocorre a intensificação do desenvolvimento da sociabilidade.

No caso específico do presente estudo, interessa a aplicação desse conceito ao grupo social, por se tratar de um estudo sobre bairros rurais e ter objetivos direcionados ao entendimento das diferentes formas de organização social e econômica dos grupos, bem como da compreensão de como se dá sua articulação com a sociedade local.

A solidariedade, enquanto elemento presente na sociabilidade, é formada por ações de cooperação que combinam relações de valores solidários, de ajuda mútua. Essas redes em busca de ações conjuntas são extremamente importante aos grupos sociais menos favorecidos, podendo ser um bairro rural, um bairro urbano, ou uma favela.

No caso do bairro rural, enquanto um espaço da vida cotidiana, esse representa um local onde as formas de sociabilidade estão articuladas com ações de solidariedade. A sociabilidade pode se expressar por formas lúdicas de associação, onde os indivíduos, no intuito de cooperarem mutuamente, desenvolvem ações práticas em favor do grupo do qual fazem parte.

De certo modo, os indivíduos, preocupados com a sua reprodução social, buscam a sobrevivência, via auxílio mútuo, formando redes de solidariedade. As ações integradas são organizadas dentro da lógica e identidade do grupo de modo geral, deixando os interesses particulares de lado, favorecendo a coletividade e o desenvolvimento da sociabilidade.

O individualismo, por vezes presente, dificulta o surgimento e o desenvolvimento da sociabilidade porque isola os indivíduos, levando-os a pensarem em objetivos particulares.

O exercício da sociabilidade eleva todos os participantes do convívio social a um mesmo patamar de aspirações, propiciando que sejam deixadas de lado as diferenças existentes.

Na sociedade moderna, onde o dinheiro é a base de quase tudo, os sentimentos de reciprocidade vão dando lugar aos valores materiais. Esse tipo de comportamento afasta os sentimentos de “pertencimento” a um grupo social e, assim, a comunidade perde espaço para a sociedade e a sociabilidade se torna cada vez mais distante.

No caso específico dos bairros rurais, foco desta investigação, muitas tradições características dos bairros rurais têm sido mantidos em função das estreitas relações estabelecidas entre os moradores.

Em Palmitalzinho e Noite Negra, a articulação entre os membros dos bairros se dá em função dos laços de união e amizade entre os moradores dos bairros que, por sua vez, são reforçados pelo parentesco e pelo compadrio. Tanto o parentesco quanto o compadrio demonstram a persistência de práticas que conservam elementos da cultura tradicional rural, explicitados durante a organização de festas religiosas, almoços beneficentes organizados com o objetivo de arrecadar recursos para reforma da capela, a ampliação do salão paroquial, a formação do mutirão para a realização de determinadas atividades no bairro ou para a conclusão de serviços que demandam urgência para o término, como, por exemplo, a colheita de determinados produtos agrícolas.

Em Cavado, Paineiras e Vila Maria, os níveis de sociabilidade e solidariedade são menos intensos, porque parte dos moradores possui vínculos e contatos muito mais intensos com pessoas e instituições de fora do bairro.

O deslocamento dos moradores de Cavado, Paineiras e Vila Maria para a cidade de Anhumas e outros municípios demonstra que outras formas de sociabilidade se desenvolvem, mas em outra esfera pública e em contexto diferente do que ocorre em Palmitalzinho e Noite Negra.

Entretanto, em Palmitalzinho e Noite Negra, mesmo os moradores que residem mais distantes da capela mantêm contato com os moradores do núcleo e participam das atividades

religiosas e de outras formas de organização social, como os almoços beneficentes e as festas dos santos padroeiros.

Esse fato demonstra que os bairros rurais são caracterizados pela natureza das necessidades de seus membros e os recursos de que dispõem para satisfazê-las. Ao cooperarem entre si, os moradores desses bairros rurais contribuem para o êxito dos seus empreendimentos, sejam voltados à família ou à toda a coletividade.

De acordo com Candido (2003), a existência de um grupo social implica num equilíbrio relativo entre as suas necessidades e o meio físico. Esse equilíbrio é mantido por soluções que dependem da quantidade e da qualidade das necessidades a serem satisfeitas. Desse modo considera que as sociedades se caracterizam pela natureza das necessidades de seus grupos, e dos recursos de que dispõem para satisfazê-las.

No contexto dos bairros rurais as necessidades do grupo de vizinhança são supridas pela solidariedade vicinal, que por sua vez é desenvolvida pela sociabilidade existente no grupo.

“Outro elemento da definição da sociabilidade vicinal é a vida lúdico-religiosa - complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no bairro a sua unidade básica de manifestação” (CANDIDO, 2003, p. 94). Para esse autor, nos bairros rurais as pessoas são forçadas a se comunicarem umas com as outras nos momentos de cumprimento das obrigações religiosas.

Além disso, determinadas atividades desenvolvidas nos bairros requerem a colaboração de todos os membros da localidade, como por exemplo, as festas aos santos padroeiros. “Para dar andamento a tais atividades, é necessária acentuada coordenação, envolvendo a participação de um grande número de pessoas e movimentando praticamente todo o bairro” (CANDIDO, 2003, p. 96).

O agrupamento dessas pessoas durante o desenvolvimento das práticas lúdico-religiosas, estimula o sentimento de localidade do grupo social e as práticas de auxílio mútuo.

Nos bairros rurais de Anhumas esse tipo de comportamento e organização foi encontrado em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria, sendo expresso, nos dois primeiros locais, de modo mais intenso. No caso de Vila Maria as diferentes formas de sociabilidade entre os moradores vêm perdendo intensidade nos últimos anos, em função do êxodo rural. Contudo, alguns elementos da tradição do bairro são mantidos por aqueles que aí ainda residem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bairros rurais apresentam elementos característicos de um tipo de conformação territorial que desperta a atenção do investigador, por conseguir manter em seu interior diferentes formas de organização e articulação, que garantem a reprodução das famílias que neles estão estabelecidas. Ao interior dos bairros rurais, os grupos de vizinhança, pautados por práticas formais e informais de articulação, baseadas em atividades socioeconômicas e culturais, com forte incidência de atividades lúdicas e religiosas, são responsáveis pelas especificidades desse tipo de espaço.

Entre as características dos bairros rurais, a agricultura familiar se destaca pela sua presença e importância, enquanto forma de organização da produção agropecuária. Contudo, esse tipo de produção, também característico do bairro rural, representa uma forma de organização complexa e repleta de estratégias de reprodução. Em seu interior, tanto os bairros rurais quanto a agricultura familiar guardam características do passado e do presente, adaptados à nova realidade da sociedade, que garantem a sua continuidade.

Ao longo do tempo, as transformações ocorridas no campo brasileiro exigiram, cada vez mais, novos arranjos entre os produtores familiares, para que pudessem continuar existindo enquanto categoria socioeconômica.

Em função das mudanças na sociedade, muitas formas de organização, características dos bairros rurais, foram desaparecendo ou passando por transformações para se adaptarem à nova realidade.

Nos cinco bairros de Anhumas guardadas as diferenças entre eles, foram encontradas características dos bairros rurais tradicionais paulistas, mantendo, porém em seu interior, manifestações tradicionais, combinadas com formas “modernas” de organização.

Entre as características tradicionais dos bairros rurais, merecem destaque as festas aos santos padroeiros, encontradas em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria. As festas identificadas nesses três bairros marcam especificidades nas formas de organização desses locais, diferenciando-os de Cavado e Paineiras.

Como características dos bairros “modernos” destacam-se os empreendimentos integrados ao mercado como as empresas processadoras de café e o tanque resfriador de leite, em Palmitalzinho; e a cooperativa de costureiras e a manipulação de massas em Noite Negra.

O tipo de articulação entre os moradores e o ambiente mais amplo que os circunda, encontrados nos bairros rurais investigados, identificam também unidades territoriais com manifestações distintas, mantendo as características de um bairro rural, da forma como foi conceituado pela literatura sobre eles (Candido, 2003 e Queiroz, 1973).

Desse modo, os aspectos físicos das moradias, em função da proximidade ou distância uma das outras, exemplifica um bairro com denominação de centrífugos, com pouca articulação entre os moradores, mas que mantém a identidade territorial manifestada no momento das festas, como por exemplo, o bairro Vila Maria.

Nesse sentido, Cavado representa um bairro rural decadente, em função da ausência de capela e da realização de atividades lúdicas e religiosas, que são desenvolvidas na cidade de Anhumas ou em outros municípios.

Ainda considerando os tipos de bairros rurais, alguns podem ser denominados centrípetos, por apresentarem uma intensa articulação entre os moradores e as atividades que se desenvolvem em função disso. Sob este aspecto, Palmitalzinho e Noite Negra representam bairros rurais com características de centrípetos. São locais que se caracterizam por apresentarem uma intensa relação entre os moradores, desenvolvimento de festas que congregam moradores da localidade e de outros locais, além de contarem com a presença do associativismo e da cooperação entre os seus membros.

Em relação a Paineiras, com um processo de formação recente, como bairro, em moldes diferentes dos demais – constituído por loteamentos para residências de lazer, na década de 1980 – observa-se que as formas de organização e conformação territorial encontram-se ainda em processo de formação.

Quanto ao nível de renda e às diferenças na estruturação interna dos bairros estudados, chama a atenção o observado em Cavado, onde os níveis de renda registram dois extremos: a maior incidência de pessoas com menor renda, e um percentual de moradores com os maiores níveis de renda, comparativamente aos dos demais bairros. Essa informação aponta para a maior diferenciação social entre os moradores dessa localidade.

Dessa perspectiva, Palmitalzinho apresenta a melhor distribuição de renda entre os moradores. No convívio diário entre as pessoas que residem, no bairro esse fato resulta em relações sociais mais igualitárias. Em Palmitalzinho, a ocorrência de casamento entre membros do bairro constitui um momento de intensas manifestações de sociabilidade, com todos os moradores participando da festa: organizando e prestigiando os noivos.

As relações sociais não são determinadas pela posição econômica dentro do grupo, mas pelas diferentes formas de envolvimento dos moradores nas atividades que se desenvolvem na localidade. Portanto, o maior prestígio de uma pessoa é conquistado pela sua capacidade de se envolver nas festas e nos empreendimentos que ocorrem no bairro, independente do seu poder aquisitivo.

Em Palmitalzinho, a articulação dos moradores em torno de atividades lúdicas e religiosas, tem favorecido o desenvolvimento de outras formas de organização social, entre elas o associativismo. Além disso, o envolvimento de membros do bairro com outras atividades fora da localidade tem trazido benefícios para o local, como por exemplo: um membro do bairro, ocupando o cargo de prefeito, facilitou a aquisição de equipamentos para a associação local de produtores. Contudo, essa forma de articulação, no bairro, não elimina

todos os problemas provenientes do trabalho associativo, exigindo esforços dos membros da associação para superação de dificuldades enfrentadas.

Ainda em Palmitalzinho, vinculações familiares proporcionaram o desenvolvimento de atividades industriais e comerciais na cidade vizinha de Regente Feijó, permanecendo, no entanto, esses moradores residindo na localidade e participando das manifestações lúdicas no bairro, em função da identidade local e do sentimento de pertencimento ao grupo.

Em Noite Negra, também as atividades lúdicas e religiosas foram responsáveis pela articulação das pessoas que organizaram a cooperativa e uma associação de caráter informal, voltada às atividades de costura e produção de massas. Nesse bairro, as diferentes formas de articulação têm garantido a representatividade no setor administrativo de Anhumas: moradores têm ocupado, sucessivamente, cargos no legislativo local e o atual prefeito do município é morador do bairro, exercendo o segundo mandato. Por outro lado, destaca-se a utilização de técnicas produtivas avançadas na pecuária leiteira, contando com o apoio e a orientação da EMBRAPA.

Vila Maria se destaca pela utilização da prática avançada de tecnologia na irrigação, além do cultivo de lavouras e da plantação de eucalipto<sup>30</sup>, com um destino comercial específico, integrado ao mercado da capital paulista.

Em relação à representação da configuração geográfica, os bairros estudados apresentam aspectos que confirmam o fato de que a proximidade das moradias não resultam necessariamente em maior articulação. Sob esse aspecto a conformação geográfica de Noite Negra apresenta moradias distantes uma das outras, mas com uma intensa articulação entre os moradores, o mesmo acontecendo em Palmitalzinho. Contudo, em Cavado, embora a conformação das moradias seja semelhante ao observado em Palmitalzinho e Noite Negra, esse bairro apresenta pouca articulação entre os moradores, inclusive com a ocorrência de um

---

<sup>30</sup> A cultura do eucalipto não foi registrada no período da pesquisa de campo, pois foi plantado como experimento, encontrando-se em fase de crescimento, quando do levantamento de campo. O ciclo vegetativo desta planta não permite colheitas anuais, como os demais cultivos agrícolas.

intenso êxodo rural. Vila Maria e Paineiras apresentam uma conformação de residências muito próximas; no primeiro, os moradores tentam diferentes formas de organização, porém no máximo, têm conseguido manter as festas em louvor à padroeira local; no segundo, embora as residências sejam muito próximas uma das outras, o contato entre os moradores é pouco freqüente.

Essas características demonstram que as articulações existentes ao interior dos bairros rurais, apesar de poderem estar atreladas à sua conformação geográfica, não dependem apenas dela, mas das relações de sociabilidade existentes entre os moradores que, por sua vez, dependem da identidade com a localidade e do sentimento de pertencimento ao mesmo grupo.

Ainda no contexto da articulação entre os moradores do bairro, o contato entre as pessoas, a confiança e o parentesco permitem que exemplos de empreendimentos bem sucedidos sejam “passados” aos vizinhos, como é o caso do cultivo da batata doce, bastante intenso em Noite Negra e o desenvolvimento de atividades comerciais na área urbana ligadas ao setor de carnes. Nesse caso foram registradas três famílias que moram em Noite Negra e possuem açougue em Presidente Prudente.

Em Palmitalzinho, a pecuária leiteira, desenvolvida por uma família, incentivou outros moradores a investirem nesse setor, com a aplicação de grande quantidade de recursos.

Pode-se, portanto, inferir que o desenvolvimento de atividades mais integradas ao mercado não depende apenas e necessariamente da condição econômica dos produtores. Em todos os bairros, com exceção de Paineiras – com perfil diferente dos demais - os produtores que desenvolvem as técnicas de produção mais avançadas não dispõem de maior poder econômico, muito menos produzem nas maiores propriedades. São produtores que contam com o envolvimento do maior número de membros da família no processo produtivo. Portanto, as diferentes estratégias de reprodução familiar levam ao apoio de empreendimentos que garantem a manutenção do patrimônio familiar e a reprodução do grupo.

No conjunto dos bairros pesquisados, o levantamento de campo, que propiciou os dados quantitativos, permitiu a identificação de algumas semelhanças: a produção agrícola, com presença significativa de alguns produtos comerciais em Cavado, Vila Maria, Noite Negra e Palmitalzinho. Exceção deve ser feita sob esse aspecto, a Paineiras, onde as atividades agrícolas são menos expressivas. As atividades agropecuárias são menos expressivas, em função do tamanho reduzido da maioria dos lotes e de um maior envolvimento dos moradores com atividades fora das unidades produtivas.

Considerando os aspectos qualitativos, Palmitalzinho, Noite Negra apresentaram maior articulação entre os moradores, condição que favorece o desenvolvimento de empreendimentos coletivos e individuais, envolvendo apenas uma família ou várias famílias.

As festas e os almoços beneficentes desenvolvidos em Palmitalzinho, Noite Negra e Vila Maria evidenciam a importância das atividades lúdicas e religiosas ao interior desses bairros. Vale ressaltar que as festas desenvolvidas em Vila Maria dependem da participação de moradores de Palmitalzinho, Noite Negra e Anhumas, que auxiliam na organização e execução delas.

Em relação à dinâmica desses bairros, Palmitalzinho e Noite Negra, em função da capacidade de articulação e organização de seus moradores, apesar das dificuldades enfrentadas, têm mantido muitas das características dos bairros tradicionais paulistas, e garantido a permanência de sua população. A permanência dessas pessoas nesse espaço se torna possível pelas diferentes estratégias da agricultura familiar e da prática da pluriatividade.

Observa-se que a dinâmica e o inter-relacionamento entre os cinco bairros tem sido um fator importante para a manutenção das características de cada um deles.

O confronto entre eles permite por em evidencia aspectos comuns e específicos, explicáveis em razão de sua história, da forma de ocupação do espaço, da organização de suas atividades produtivas e das relações socioeconômicas e culturais.

Assim, Palmitalzinho e Noite Negra apresentam aspectos e manifestações semelhantes. São bairros de constituição antiga; é alto o tempo de residência dos moradores no local; pratica-se a agricultura familiar; essa agricultura é diversificada e tecnificada, e mantém relações com o mercado; a prática da pluriatividade está presente, porém é menos expressiva do que o observado no demais bairros; as manifestações culturais e religiosas representam fortes elos no relacionamento dos habitantes.

Cavado e Vila Maria, por sua vez, apesar de guardarem aproximação com Palmitalzinho e Noite Negra, quanto ao período de formação e à disponibilidade de recursos naturais, apresentam alguns pontos diferentes. Vila Maria, em razão do cultivo do amendoim e do algodão, receberam migrantes nordestinos. Em função do tipo de cultura comercial praticada nos anos 60 e 70 – algodão e amendoim – as crises que marcaram essas atividades atingiram esses bairros, enfraquecendo-os, em termos de atividades e relações; assim a partir de 1980, intensificou-se a desarticulação das atividades agrícolas, provocando o êxodo rural. As atividades atualmente desenvolvidas, diversamente do ocorrido em Palmitalzinho e Noite Negra, estão voltadas a produtos comerciais específicos (frutas): melancia, abóbora, tomate e limão. Quanto às manifestações culturais, presentes nos demais bairros, observa-se sua decadência em Vila Maria e a inexistência delas em Cavado. A presença de atividades pluriativas é semelhante ao observado em Palmitalzinho e Noite Negra.

Paineiras representa um caso específico. Constituído na década de 80 a partir de um loteamento com finalidade de desenvolvimento de atividades de lazer, os moradores ou proprietários que aí desenvolvem atividades, têm um perfil influenciado, principalmente, pelo tamanho do lote, o que, de certa forma, condiciona o tipo de uso: lazer ou produção. A

agricultura familiar é menos expressiva e as formas de atividades pluriativas são bastante específicas, uma vez que, alguns lotes alojam moradores do meio urbano. As atividades sócio-culturais recebem a influência da dinâmica dos demais bairros. As práticas desenvolvidas dependem da influência externa. A ocupação dos moradores em outras atividades dificulta o desenvolvimento da sociabilidade vicinal.

De fato as hipóteses inicialmente adotadas pela investigação que justificavam deixar de um lado, Palmitalzinho e Noite Negra e de outro Cavado, Vila Maria e Paineiras, não se confirmaram. Efetivamente são três grupos e não dois como inicialmente suposto: a) Palmitalzinho e Noite Negra; b) Cavado e Vila Maria; c) Paineiras, que se diferenciam conforme o apontado, não havendo, no entanto uma rigorosa diferenciação entre os dois primeiros.

Também, julgava-se que Noite Negra e Palmitalzinho estariam marcados pela presença de agricultura familiar e os demais pela presença da pluriatividade. De fato, agricultura familiar e pluriatividade estão presentes no conjunto dos bairros, incluindo Paineiras. Mesmo porque, a pluriatividade aparece, também, como estratégia praticada por agricultores familiares.

É importante notar a não oposição tradicional X moderno, quando são caracterizados os bairros rurais. Justamente onde são observadas relações mantidas tradicionalmente pelos moradores, criam-se laços e relacionamentos que têm viabilizado a modernização de atividades produtivas.

Pôde-se observar que influências externas aos bairros bem como sua organização interna têm facilitado ou colocado obstáculos para as práticas de estratégias de permanência.

## 7. BIBLIOGRAFIA

### 7.1. Referências Bibliográficas

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Tese de Doutorado: FFCL - Presidente Prudente, 1972.

ALANTEJANO, P. R. R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo (RS): EDIUPF, 1999. p. 149-175.

ALMEIDA, Rosimeire Aparecida de. **Diferentes modos de organização de explorações familiares no Pontal do Paranapanema: Reassentamento Rosana e Assentamento Santa Clara**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCT, UNESP, Presidente Prudente. 1996.

ANJOS, Flavio S. **Agricultura Familiar, pluriatividade e desenvolvimento no sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

ANTONIO, Armando Pereira. **O Movimento social e a organização do espaço rural nos assentamentos populacionais dirigidos pelo Estado: o exemplo na Alta Sorocabana no período de 1960-1990**. Tese (Doutorado em Geografia). USP- FFLCH, São Paulo, 1990.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1968.

BOIN, Marcos Norberto. **Chuvvas e erosões no Oeste Paulista: uma análise climatológica aplicada**. (Doutorado em Geociências) – IGCE, UNESP, Rio Claro, 2000.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro rural como identidade territorial: e especificidade da abordagem do campesinato na geografia**, São Paulo, n 01, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria>. Acessado em: 11 dez. 2004.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003.

CARNEIRO, M. J. Pluriatividade: uma proposta à crise da exploração familiar? In: Projeto de Intercambio de Pesquisa Social em Agricultura, XVII, 1995, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PIPSA, 1995. Vol. I.

CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

CHAYANOV, A. V. **La Organización de la Unidad Econômica Campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

COELHO, Marília. **Bairro dos Machados: Entre o sonho e a realidade**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - FCL, UNESP, Araraquara, 1991.

- D'INCAO, Maria Angela. **Sentimentos Modernos**. SP: Brasiliense, 1996.
- FULLER, A. M. From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe. **Journal of Rural Studies**. New York, v. 6, n. 4, p. 361-373, 1990.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agrícola**, Rio de Janeiro: FIBGE, 1960.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro: FIBGE, 1970.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro: FIBGE, 1975.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro: FIBGE 1980.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro: FIBGE, 1985.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE), **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro: FIBGE, 1996.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE). **Contagem Nacional da População de 2000**. Rio de Janeiro: FIBGE, 2000.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Relação de certificados de cadastros notificações de imóveis rurais emitidos em Anhumas**, São Paulo: INCRA, 1999.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Relação de certificados de cadastros notificações de imóveis rurais emitidos em Anhumas**, São Paulo: INCRA, 2002.
- KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- LEITE, José Ferrari. **A Alta Sorocabana e o Espaço Polarizado de Presidente Prudente**. Tese (Doutorado em Geografia), FFCL-USP, 1972.
- LEITE, José Ferrari. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1984.
- HESPANHOL, Rosângela A. de M. **O Tomate a caminho da indústria: a influência da CICA na Alta Sorocabana de Presidente Prudente**. Dissertação de Mestrado. Rio Claro: IGCE – UNESP, 1991.

HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **Produção Familiar: Perspectivas de análise e inserção na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente-SP.** Tese (Doutorado em Geociências e Ciências Exatas) - IGCE, UNESP, Rio Claro, 2000.

HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros, COSTA, Vera Mariza Henriques de Miranda. **Produção Familiar: perspectivas de análise e inserção na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente-SP.** In: GERARDI, Lucia H. de O. e MENDES, Iandara A. **Do Natural, do Social e de suas Interações: visões geográficas.** Rio Claro-SP: AGETEO, 2002.

MIRANDA COSTA, V.M.H. de e PAULINO, S.R. A modernização da agricultura e o conceito de módulo rural. **Perspectivas** (São Paulo), v.15, p.121-141, 1992.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **A estrutura da produção agrícola do município de Anhumas-SP.** Relatório apresentado à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo: UNESP, Presidente Prudente, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade,** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RAFFESTINI, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SALLUM JR, Basílio. **Capitalismo e Cafeicultura – Oeste Paulista: 1888-1930,** São Paulo: Das Cidades, 1982.

SANT`ANA, Antonio Lázaro. **Raízes da Terra: As estratégias dos produtores familiares de três municípios da mesorregião de São José do Rio Preto (SP).** (Doutorado em Sociologia) - FCL, UNESP, Araraquara, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVEIRA, Fátima Rotundo da. **A recriação capitalista do Campesinato: um estudo sobre o campesinato na região de Presidente Prudente.** Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: USP, 1990.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Os Colonos do vinho: um estudo sobre a subordinação do camponês ao capital.** São Paulo: Hucitec, 1984.

WANDERLEY, Maria de N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas,** Passo Fundo: UPF, 2001.

## 7.2. Bibliografia consultada

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. In: **Economia Aplicada,** v. IV, nº 2, abril/junho, p. 379-397, 2000.

- AMANCIO, C. O. G.; ROMANO, J. O.; AMÂNCIO, R. e AMÂNCIO, J. M. Capital social, educação e liberdade: a necessidade de focar as condições para o surgimento deste recurso. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, XLIII, 2005, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: SOBER, 2005. 1 CD ROM.
- BANDEIRA, Pedro Silveira. Algumas hipóteses sobre as causas das diferenças regionais quanto ao capital social no Rio Grande do Sul. In. CORREA, Silvio Marcus de Souza (Org.) **Capital social e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico** – 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- AMANCIO, C. O. G.; ROMANO, J. O.; AMÂNCIO, R. e AMÂNCIO, J. M. Capital social, educação e liberdade: a necessidade de focar as condições para o surgimento deste recurso. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, XLIII, 2005, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: SOBER, 2005. 1 CD ROM.
- COELHO, Marília. **Memória, identidade e resistência cultural**. Tese (Doutorado em Sociologia) - FCL, UNESP, Araraquara, 1999.
- D`ARAÚJO, Maria Celina. **Capital Social**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- FERNANDES. Antonio Sérgio Araújo. O capital social e a análise institucional e de políticas públicas. In: **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, Nº 36 (3), maio/junho, 2002, p. 375-398.
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Produto Interno Bruto Municipal**. São Paulo: SEADE, 2002. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em 01 out. 2005.
- PAULINO, Eliane Tomiasi. **O limite das cercas: desdobramentos da apropriação capitalista da terra e as estratégias da exploração familiar em Presidente Prudente**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCT, UNESP, Presidente Prudente, 1997.
- PUTNAN, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RIEDL, Mario e VOGT, Olgário Paulo. Associativismo e Desenvolvimento: considerações sobre a existência de capital social. In. CORREA, Silvio Marcus de Souza (Org.) **Capital social e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- SCHERER-WANEN, Ilse. Redes e espaços virtuais: uma agenda para pesquisa de ações coletivas na era da informação. **Cadernos de pesquisa**. Florianópolis, Nº 11, julho, 1997.
- CARNEIRO, M.J. Agricultores familiares e pluriatividade: tipologias e políticas. In: COSTA, L. F. de C.; MOREIRA; BRUNO, R. **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.323-45.

## **APÊNDICE I**

**INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA  
BASE DOS DADOS - SAFRA 2003/04**

**I. INFORMAÇÕES SOBRE A PROPRIEDADE, O ENTREVISTADO – CHEFE DA FAMÍLIA OU RESPONSÁVEL PELA PROPRIEDADE E OS DEMAIS MORADORES.**

1. Nome:.....
2. Endereço:.....2.1. Município.....
- 2.2. Estado:.....2.3. Telefone/Contato:.....2.4. CEP:.....
- 2.5. E-mail..... 2.6. ( ) Zona Rural ( ) Zona Urbana
3. Qual o nome desta Propriedade? \_\_\_\_\_
- 3.1. Qual a Localização? \_\_\_\_\_
- 3.2. Qual a Distância da Cidade? \_\_\_\_\_
- 3.3. Município onde o entrevistado morou anteriormente:.....3.4. Estado.....
4. Há quanto tempo reside nesta localidade? \_\_\_\_\_4.1. E no Município? \_\_\_\_\_
5. Anteriormente morava: ( ) área urbana ( ) na área rural

6. Condição Atual: principal ocupação do entrevistado.	7. Condição Anterior: principal ocupação do entrevistado.
( ) Proprietário	( ) Proprietário
( ) Arrendatário/parceiro	( ) Arrendatário/parceiro
( ) Posseiro	( ) Posseiro
( ) Outro/ Qual?	( ) Outro/ Qual?

8. Explora mais de uma área rural? ( ) Não ( ) Sim: 8.1. Quantas:.....
- 8.2. Localização: ( ) Mesmo Município: .....( ) Outro Município.....
- 8.3. Estado.....
9. Soma da área das propriedades rurais que explora: Hectares:..... ou Alqueires: .....

## 10. Informações sobre todos os Moradores e o Entrevistado

Nomes dos Moradores	Idade	Sexo	Parentesco*	Níveis de Escolaridade que Frequentou Anotar com C (Concluído) ou I (Interrompido)									Para uso do Entrevistador
				Nenhum	Frequentou mas não sabe ler e escrever	Alfabetização de adultos	Supletivo	Fundamental		Médio	Superior	Outro: Qual	
								1º Ciclo	2º Ciclo				
01.													01. Chefe da Família
02.													02. Esposo (a)
03.													03. Companheiro (a)
04.													04. Filho (a)
05.													05. Enteadado (a)
06.													06. Irmão/ Irmã
07.													07. Pai/Mãe
08.													08. Empregador
09.													10. Empregado
10.													11. Família do Empreg.
11.													12. Agregado
13.													13. Sobrinho (a)
14.													14. Cunhado (a)
15.													15. Tio (a)
16. Outro: Qual?													16. Outro. Qual?

11. Existem pessoas da família residentes na Unidade de Produção que são aposentadas? ( ) Não ( ) Sim

11.1. Se sim quantas? ( ) 1 ( ) 2 a 3 ( ) acima de 3.

11.2. ( ) Aposentadoria Rural: Quantas:..... 12.3.. ( ) Aposentadoria Urbana: Quantas: .....

11.4. Qual a contribuição desta renda da aposentadoria nas despesas da família?

( ) Até 25 % ( ) Mais de 25 a 50 % ( ) Mais de 50 a 75 % ( ) Mais de 75 a 100 %

11.5. Qual a contribuição desta renda da aposentadoria nas despesas da produção agrícola?

( ) Até 25 % ( ) Mais de 25 a 50 % ( ) Mais de 50 a 75 % ( ) Mais de 75 a 100 %

12. Quantas pessoas contribuem para a renda da casa? \_\_\_\_\_ pessoas.

Nome	Atividade	Na Propriedade	Fora da Propriedade

13. Qual a renda total dos moradores desta propriedade?

1. ( ) Até 1 Salário Mínimo 2. ( ) Mais de 01 até 03 3. ( ) Mais de 03 até 05

4. ( ) Mais de 05 até 10 5. ( ) Mais de 10

## II. ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES

14. É associado a alguma cooperativa? ( ) Não ( ) Sim. 14.1. Se sim, qual (is)?.....

14.2. Como avalia a atuação da cooperativa? .....

15. É membro de alguma associação de agricultores? ( ) Não ( ) Sim. 15.1. Se sim, qual (is)? .....

15.2. Como avalia a atuação da associação? .....

16. É filiado a algum sindicato? ( ) Não ( ) Sim. 16.1 ( ) Patronal ( ) Trabalhador

16.2. Como avalia a atuação do sindicato? .....

## III. DADOS REFERENTES À ÁREA EXPLORADA

	Hectares	Ou	Alqueires
17. Área total			
18. Área Própria			
19. Área tomada em Arrendamento/parceria (de 3° S)			
20. Área arrendada para terceiros			

21. Utilização das terras - safra 2003/04

	Hectares	Ou	Alqueires
22.1. Lavouras permanentes			
22.2. lavouras temporárias			
22.3. Pastagens			
22.4. Área Construída			
22.5. Terras em descanso			
22.6. Área reflorestada e de vegetação nativa			



24. Atividade pecuária

Tipo	Quantidade
24.1. Touros (Reprodutores)	
24.2. Vacas	
24.3. Cachacos	
24.4. Eqüinos	
24.5. Galináceos	
24.6. Outros. Quais?	
24.7. Outros. Quais?	
24.8.	
24.9.	
24.10.	

25. Destino da produção pecuária – (quantidade)

Tipo:	A.Utiliz. na Propriedade	B.Venda para cooperativas	C.Venda para Frigoríficos/ agroindústrias	D.Venda para Açougues/ supermerc.	E.Venda para outros produtores	F.Outros	G. Total
25.1. Garrotes							
25.2. Novilhas							
25.3. Bezerros (as)							
25.4. Leitões							
25.5. Frangos							
25.6. Ovos (Semanal)							
25.7. Outros							
25.8.							
25.9.							
25.10.							
25.11.							

26. Onde armazena a produção?

26.1. ( ) Armazém próprio 26.2. ( ) Armazém da Associação 26.3. ( ) Armazém dos vizinhos 26.4. ( ) Outros

27. Forma predominante de transporte da produção.

( ) Caminhão próprio ( ) Caminhão fretado ( ) Carroça  
 ( ) Caminhonete ( ) Trator ( ) Outro (s). Qual (s).....  
 ( ) Transporte do Comprador

**IV. FORÇA DE TRABALHO**

28. Trabalho familiar		29. Assalariado permanente/registrado		30. Trabalho assalariado temporário	
Sexo	Número	Sexo	Número	Sexo	Número
28.1. Homens		29.1. Homens		30.1. Homens	
28.2. Mulheres		29.2. Mulheres		30.2. Mulheres	
Total:		Total		Total:	

31. Em quais atividades utiliza mão-de-obra assalariada e com qual freqüência.

31.1. ( ) plantio: Tempo:..... 31.3. ( ) colheita: Tempo:.....  
 31.2. ( ) tratos culturais: Tempo:..... 31.4. ( ) comercialização: Tempo:.....

## V. MEIOS DE PRODUÇÃO

32. Quais desses tipos de implementos utiliza?

	Número			Número	
	Próprio	Alugado		Próprio	Alugado
32.1. Tratores:			32.10. Pulverizador costal		
32.2. Colheitadeiras:			32.11. Ordenhadeira mecânica		
32.3. Arados de tração mecânica			32.12.. Plantadeira para plantio direto		
32.4. Arados de tração animal			32.13.. Pulverizador - Trator		
32.5. Grade – Trator			32.14. Distribuidor de calcário		
32.6. Grade de tração animal			32.15. Semeadeira/adubadeira		
32.7. Carreta agrícola			32.16. Carroça		
32.8. Grade de tração animal			32.47. Outros. Quais?		
32.9. Aparelho de irrigação					

33. Há depósitos para armazenamento produtos?

33.1. ( ) Não ( ) Se Sim. Quantos?.....

( ) Até 50 m<sup>2</sup>

( ) 100 a 200 m<sup>2</sup>

( ) 50 a 100 m<sup>2</sup>

( ) Mais de 200 m<sup>2</sup>

## VI. IRRIGAÇÃO

34. Pratica irrigação? ( ) Não ( ) Sim.

34.1. Qual é o tipo de irrigação?

( ) aspersão ( ) micro-aspersão ( ) gotejamento ( ) Outros. Quais?.....

35. Qual o tamanho da área irrigada ?..... (ha) ou.....(alq)

36. Quais culturas são irrigadas?

37. Procedência da água para irrigação

( ) açude

( ) córrego ou rio

( ) poço tubular

38. Fonte de energia utilizada na irrigação?

( ) elétrica ( ) diesel ( ) eólica : Custo mensal em R\$.....

## VII. UTILIZAÇÃO DE FERTILIZANTES E DEFENSIVOS

	A. Unidade de medida Toneladas/ (Litros, etc.)	B. Atividade (qual (s) lavoura (s) ou criação em que foi utilizado)
39. Fertilizantes de base		
40. Fertilizantes de cobertura		
41. Calcário		
42. Agrotóxicos aplicados		
43. Outros:		

44. Por que não usa agrotóxico?.....

## VIII. ATENÇÃO AO MEIO AMBIENTE

45. Qual o destino dos vasilhames dos defensivos utilizados na produção agrícola?

( ) aterro

( ) reaproveitamento na propriedade

( ) Córrego ou rio

( ) coleta seletiva

46. O Sr. adota alguma prática de manejo de solo?

( ) terraceamento

( ) correção do solo

( ) bacias de contenção

( ) adoção do projeto de microbacias

**IX. OBTENÇÃO DE FINANCIAMENTO**

47. FINANCIAMENTO DE CUSTEIO-SAFRA 2003/04/ (Especificar se o recurso é proveniente do PRONAF)

Culturas	A.Bancos		B.Intermediário (Comerciantes)		C. Recursos Próprios	
	Ai.Área (Ha)	Aii.Valor (R\$)	Bi.Área (Ha)	Bii.Valor (R\$)	Ci.Área (Há)	CiiValor (R\$)
47.1. Abacaxi						
47.2. Arroz						
47.3. Banana						
47.4. Batata Doce						
47.5. Café						
47.6. Feijão						
47.7. Goiaba						
47.8. Laranja						
47.9. Limão						
47.10. Mamão						
47.11. Manga						
47.12. Maracujá						
47.13. Melancia						
47.14. Milho						
47.15. Moricote						
47.16. Ponkan						
47.17. Tomate						
47.18. Outros. Quais?						
47.20.						
47.21.						
47.22.						

**48. FINANCIAMENTO DE INVESTIMENTO - SAFRA 2001/02 (Especificar se o recurso é proveniente do PRONAF)**

Item financiado	Bancos (Valor em R\$)	Intermediários -Indústria (VI. em R\$)	Recursos Próprios (VI em R\$)
48.1.			
48.2.			
48.3.			
48.4.			
48.5.			
48.6.			

**X. ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

49. Recebe algum tipo de assistência técnica? ( ) Não ( ) Sim. 133.1. Se sim, qual?

( ) Oficial

( ) Contratada

( ) Da Própria unidade Produtora

( ) Da Associação

Outro (s), Qual (is)? .....

50. Periodicidade das visitas do (s) técnico (s) ( ) semanal ( ) quinzenal ( ) mensal ( ) trimestral ( ) semestral ( ) anual ( ) quando solicitada.

51. Qual o custo anual da Assistência? \_\_\_\_\_

## XI. CONDIÇÕES DA MORADIA DO PRODUTOR

52. Quantas casas existem na propriedade? \_\_\_\_\_

53. Tipo e Condições da habitação onde mora

Tipo de Construção			Número de Cômodos						Infra-Estrutura					
Alvenaria (tijolos)	Madeira	Outra _____	Sala	Quarto	Cozinha	Banheiro	Garagem	Outra: _____	Energia Elétrica	Água Encanada	Fossa	Esgoto	Iluminação Pública	Telefone

## XII. BENS DE CONSUMO DURÁVEIS DISPONÍVEIS

54. Televisão ( ) Não ( ) Sim. 54.1. Se sim, quantas?.....

55. Vídeo Cassete ( ) Não ( ) Sim. 55.1. Se sim, quantos?.....

56. Geladeira ( ) Não ( ) Sim. 56.1. Se sim, quantas?.....

57. Freezer ( ) Não ( ) Sim. 57.1. Se sim, quantos?.....

58. Rádio ( ) Não ( ) Sim. 58.1. Se sim, quantos?.....

59. Aparelho de Som ( ) Não ( ) Sim. 59.1. Se sim, quantos?.....

60. Computador ( ) Não ( ) Sim. 60.1. Se sim, quantos?.....

61. DVD ( ) Não ( ) Sim. 61.1. Se sim, quantos?.....

62. Fogão a Gás ( ) Não ( ) Sim. 62.1. Se sim, quantos?.....

63. Microondas ( ) Não ( ) Sim. 63.1. Se sim, quantos?.....

64. Antena Parabólica ( ) Não ( ) Sim. 64.1. Se sim, quantas?.....

65. Outros ( ) Não ( ) Sim. 65.1. Se sim, Qual/quantos?.....

66. Outros ( ) Não ( ) Sim. 66.1. Se sim, Qual/quantos?.....

67. Principal tipo de transporte utilizado.

( ) Automóvel ( ) Carroça ( ) Bicicleta ( ) Trator ( ) Ônibus ( ) outros, Quais ? .....

68. Possui algum tipo de Veículo?

68.1. Veículo para passeio: ( ) Não ( ) Sim. Se sim, quantos?.....

Tipo:..... Ano:..... Tipo:..... Ano:..... Tipo:..... Ano:.....

68.2. Veículo para Trabalho: ( ) Sim ( ) Não. Se sim, quantos?.....

Tipo:..... Ano:..... Tipo:..... Ano:..... Tipo:..... Ano:.....

## XIII. PERCEPÇÃO SOCIOECONÔMICA DO PRODUTOR

69. Quais são as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da atividade agrícola?

( ) falta de incentivo do Estado

( ) dificuldade de comercialização

( ) falta de assistência técnica

( ) falta de mão-de-obra especializada

( ) falta de melhores técnicas de cultivo

( ) outras. Quais?.....

( ) falta de organização por parte dos agricultores

**XIV. ARTICULAÇÕES ENTRE OS MEMBROS DA COMUNIDADE.**

70. Você ou alguém da família participa das manifestações religiosas da comunidade?

( ) Não ( ) Sim. 70.1. Se sim, participa do que?.....

71. Na sua opinião, qual a importância das manifestações religiosas para a comunidade?

.....

72. É filiado a algum partido político de Anhumas?

( ) Não ( ) Sim. 158.1. Se sim, traz alguma vantagem?.....

## APÊNDICE II

**Tabela 4.1ap – Perfil dos Entrevistados por Bairro: Distribuídos por Escolaridade e Sexo**

Escolaridade	Cavado		Noite Negra		Palmitalzinho		Vila Maria		Paineiras	
	Sexo		Sexo		Sexo		Sexo		Sexo	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Não Alfabetizado	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Freq. mas não sabe ler	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Incompleto	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Completo	0	0	3	0	0	0	2	0	0	0
Supletivo Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Supletivo Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1º ciclo Incompleto	0	0	4	0	4	0	2	1	3	2
1º ciclo Completo	7	0	7	0	3	0	1	0	1	0
2º Ciclo Incompleto	0	0	2	0	1	0	1	0	1	0
2º Ciclo Completo	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0
Médio Incompleto	1	0	0	0	1	0	0	0	0	2
Médio Completo	5	0	7	2	7	0	2	0	0	1
Superior Incompleto	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0
Superior Completo	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Total por Sexo	17	1	24	2	18	0	10	1	7	5
Total Geral	18		26		18		11		12	

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.2ap – Escolaridade e Sexo dos Moradores por Bairros**

Escolaridade	Vila Maria		Noite Negra		Cavado		Paineiras		Palmitalzinho	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Não se Aplica	3	1	1	3	1	0	0	1	7	2
Freq. mas não sabe ler	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0
Alf. de Ad. Incompleto	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
Alf. de Adultos Comp.	2	1	3	2	1	0	0	0	0	0
Supletivo Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Supletivo Completo	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
1º Ciclo Incompleto	5	4	7	15	2	6	6	7	9	6
1º Ciclo Completo	1		13	10	7	3	1	4	7	11
2º Ciclo Incompleto	1	1	6	3	2	4	3	1	1	1
2º Ciclo Completo	2	1	1	1	1	1	2	0	2	2
Médio Incompleto	5	1	3	0	3	3	5	1	13	2
Médio Completo	8	5	14	9	5	4	1	3	19	11
Superior Incompleto	1	2	2	7	1	2	1	3	1	1
Superior Completo	0	2	0	2	2	3	1	1	0	4
Total por Sexo em %	28	21	53	52	27	26	21	21	59	40
Total do Bairro em %	49		105		53		42		99	

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.3ap – Distribuição dos entrevistados por tempo de residência no Município de Anhumas**

Tempo	Vila Maria	Noite Negra	Cavado	Paineiras	Palmitalzinho
Menos de 1 ano	0	0	0	2	0
Mais de 1 a 3	0	1	1	2	0
Mais de 3 a 5	0	0	0	1	0
Mais de 5 a 10	0	0	0	1	0
Mais de 10 a 20	0	1	1	4	0
Mais de 20 a 30	2	5	2	1	1
Mais de 30 a 40	4	1	1	0	4
Mais de 40 a 50	2	6	5	1	4
Mais de 50 a 60	1	4	1	0	6
Mais de 60 a 70	2	5	5	0	2
Mais de 70	0	3	2	0	1
Total em %	11	26	18	12	18

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.4ap- Distribuição dos entrevistados por tempo de residência na localidade**

Tempo	Vila Maria	Noite Negra	Cavado	Paineiras	Palmitalzinho
Menos de 1 ano	0	1	0	2	0
Mais de 1 a 3	1	1	2	2	1
Mais de 3 a 5	1	0	1	2	0
Mais de 5 a 10	1	0	2	1	1
Mais de 10 a 20	0	3	4	3	2
Mais de 20 a 30	2	4	1	1	3
Mais de 30 a 40	1	1	2	0	3
Mais de 40 a 50	2	6	5	1	2
Mais de 50 a 60	1	4	1	0	3
Mais de 60 a 70	2	4	0	0	2
Mais de 70	0	2	0	0	1
Total em %	11	26	18	12	18

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.5ap – Frequência de moradias por propriedade rural**

Nº de Casas	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
1	8	4	14	9	7
De 2 a 3	1	8	8	2	4
Acima de 4	0	1	0	0	0
Não há casa	2	5	4	7	1
Total em %	11	18	26	18	12

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.6ap - Tipo de Moradia**

Tipo de Casa	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Alvenaria	8	12	18	11	9
Madeira	3	4	8	7	3
Madeira+alvenaria	0	2	0	0	0
Total em %	11	18	26	18	12

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.7ap – Frequência de cômodos por moradias**

Nº de Cômodos	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
De 4 a 5	3	4	10	3	3
Acima de 5	8	14	16	15	9
Total em %	11	18	26	18	12

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.8ap – Infra-estrutura das moradias**

Nº de Cômodos	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Energia Elétrica	11	18	26	18	12
Água Encanada	11	18	26	18	12
Fossa Séptica	9	14	20	9	10
Esgoto	2	4	6	9	2
Iluminação Pública	3	4	6	9	2
Telefone	9	14	18	15	4

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.10ap – Trabalho Assalariado Permanente e Temporário**

Nº de Trabalhadores	Vila Maria		Noite Negra		Cavado		Paineiras		Palmitalzinho	
	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.
Até 2	1	1	1	6	2	4	2	1	4	2
De 3 a 5	0	1	0	4	0	2	0	0	0	3
De 6 a 10	0	0	0	4	0	2	0	0	0	1
Acima de 10	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1
Total em %	1	2	1	15	2	9	2	1	4	7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.11ap – Incidência de máquinas e equipamentos nas propriedades**

Implementos	Paineiras		Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado	
	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.	Prop.	Alug.
Tratores	3	2	8	2	14	4	11	10	8	10
Colheitadeiras	0	0	2	0	2	4	1	1	3	4
Carreta/Trator	3	2	8	2	14	4	11	10	8	0
Pulveriz. Costal	5	0	10	0	15	0	18	0	17	0
Ordemh. mecânica	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
Plant. plant.direto	0	0	3	0	4	0	4	3	0	1
Pulveriz. - Trator	0	0	3	0	4	4	3	0	6	3
Distrib. de calcário	1	3	4	4	3	5	7	8	3	12
Sem./adubadeira	1	3	5	1	6	3	6	7	7	6
Carroça	3	0	5	0	5	0	9	0	5	1
Triturador	1	0	0	0	2	0	1	0	1	0
Cultivador	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Sulcador	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Ensiladeira	0	0	0	0	4	0	1	0	0	0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.12ap - Incidência da utilização de fertilizantes – de base e de cobertura - nas propriedades**

Cultura	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C
Batata Doce	6	6	2	2	11	10	0	0	0	0
Cana-de-açúcar	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Café	0	0	9	7	2	3	1	2	0	0
Milho	4	4	9	8	7	5	2	1	1	1
Algodão	3	2	0	1	1	1	0	0	0	0
Pastagem	0	0	3	2	0	0	1	1	1	1
Ponkan	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Feijão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Laranja	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Limão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Mamão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Abóbora	0	0	0	0	0	0	3	2	0	0
Amendoim	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
Melancia	0	0	0	0	0	0	3	2	0	0
Tomate	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
Abacaxi	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0

B- Fertilizante de base C- Fertilizante de cobertura

Fonte: Pesquisa de campo, 2005

**Tabela 4.13ap – Incidência da utilização de calcário e adubo orgânico nos bairros rurais**

Cultura	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	C	O	C	O	C	O	C	O	C	O
Batata Doce	3	0	2	0	7	0	1	0	0	0
Café	0	0	5	0	1	0	1	0	0	0
Abóbora	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0
Abacaxi	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Milho	0	0	5	0	1	0	0	0	1	1
Ponkan	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Amendoim	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Cana-de-açúcar	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Melancia	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0
Pastagem	0	0	4	0	1	0	3	1	2	0
Laranja	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Limão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Tomate	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Mamão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Algodão	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0

C - Calcário

O - Adubo Orgânico

Fonte: Pesquisa de campo, 2005

**Tabela 4.14ap – Financiamento das atividades agropecuárias**

	Vila Maria		Palmitalzinho		Noite Negra		Cavado		Paineiras	
	C	I	C	I	C	I	C	I	C	I
Culturas										
Batata Doce	3	0	0	0	5	0	0	0	0	0
Café	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Algodão	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Amendoim	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ponkan	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Pecuária leiteira	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0
Pastagem	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Pecuária/corte	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0
Picape	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Trator	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0

C- Custeio

Investimento

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.15ap – Atividades não-agrícolas desenvolvidas pelas famílias**

Atividades	Paineiras	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado
Odontologia	1	0	0	0	0
Cartório	1	0	0	0	0
Pedreiro	1	0	0	0	0
Doméstica	1	0	0	0	0
Advocacia	1	0	0	0	0
Comércio	1	0	3	3	0
Func. público	0	1	0	2	0
Professor (a)	0	2	1	0	3
Contabilidade	0	0	1	1	0
Pesk pague	0	0	1	0	0
Farmácia	0	0	0	1	0
Costureira	0	0	0	1	0
Enfermagem	0	0	0	0	1
Zeladoria	0	0	0	0	2
Bordado	0	0	0	0	1

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.16ap – Quantidade de animais existentes nos bairros pesquisados**

Animal	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Touros	16	23	29	17	7
Vacas	360	740	645	423	117
Garrotes	130	199	168	242	19
Novilhos	72	179	237	127	92
Bezerros	142	333	505	205	35
Búfalos	0	0	67	0	0
Equínos	30	29	42	31	21
Carneiros	0	0	30	0	0
Cachaços	2	12	9	5	1
Leitões	47	33	88	52	20
Gansos	0	0	0	8	0
Galinhas	435	430	479	152	215

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

**Tabela 4.17ap – Entrevistados que possuem bens de consumo duráveis em suas residências**

Bens	Vila Maria	Palmitalzinho	Noite Negra	Cavado	Paineiras
Televisão	11	17	25	18	11
Vídeo Cassete	5	9	7	9	5
Geladeira	11	18	25	18	12
Frezer	10	15	18	14	6
Rádio	11	15	21	16	10
Ap. Som	6	12	8	11	5
Computador	2	4	3	5	3
DVD	1	2	2	4	4
Fogão à gás	11	18	25	18	12
Microondas	4	6	8	8	5
Ant. Parabólica	6	5	7	9	5
Liquidificador	9	18	25	18	12
Ferro Elétrico	11	18	25	18	12
Tanquinho	5	8	13	7	6
Forno Elétrico	0	0	0	2	0
Batedeira	3	7	11	14	3

Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

## **APÊNDICE III**

## ASPECTOS DA CRONOLOGIA DA REGIÃO<sup>31</sup>

### **1. Principais fases de ocupação da Alta Sorocabana**

Em meados do século XIX (1876), o cultivo do café começa a ser inserido no oeste paulista em função dos elevados preços do produto no mercado internacional e do desgaste dos solos do Vale do Paraíba. Nesse mesmo período é iniciada a construção da ferrovia Sorocabana no sentido capital interior, chegando a Presidente Prudente em 1917 e trazendo consigo uma nova dinâmica no processo de ocupação da região.

A partir de 1920, com o avanço da colonização da região da Alta Sorocabana, é intensificada a cultura do café. Após a crise internacional de 1929, o café entra em decadência e começa a perder importância a partir de meados da década de 1930<sup>32</sup>.

O algodão, inserido na Alta Sorocabana por volta de 1922, começa a ganhar importância com a crise do café (1929), principalmente entre os anos de 1933 e 1937, período em que a procura pelo produto no mercado internacional se intensifica, aumentando seus preços e levando à substituição definitiva do lugar anteriormente ocupado pelo café.

A cultura do algodão adquire expressão comercial durante os anos 40, tendo grande importância até meados da década de 50, momento em que começa a entrar em decadência em função do esgotamento dos solos da região.

No período posterior à década 60, aproveitando-se da estrutura montada para o processamento de oleaginosas, desenvolveu-se o cultivo do amendoim e da mamona até meados da década de 70.

Com a crise no setor de produção de oleaginosas, no final dos anos 70, o cultivo de pastagens que já vinha sendo desenvolvido nas décadas anteriores favorece a implantação da pecuária de corte.

A industrialização da região sudeste e a crescente demanda pelo consumo de carnes bovinas favorecem a implantação de frigoríficos na região da Alta Sorocabana, levando à intensificação do êxodo rural, iniciado sobretudo com as mudanças no cenário rural regional, marcado pela expropriação de arrendatários, parceiros e meeiros.

---

<sup>31</sup> ABREU (1972) apresenta uma periodização detalhada do processo de ocupação da Região da Alta Sorocabana.

<sup>32</sup> Ainda no início da década de 30 é registrada no município de Presidente Prudente a existência de 10 milhões de cafeeiros.

## 2. A atuação das Empresas de Colonização na Alta Sorocabana

No início do século XX, diversas Companhias de Colonização atuaram na Região da Alta Sorocabana, comercializando as terras das glebas anteriormente apossadas, dividindo-as em pequenos lotes, adquiridos por migrantes provenientes de outras áreas do Estado de São Paulo, Minas Gerais, etc.

Destacam-se na região as Empresas de Colonização: Cia. Marcondes de Colonização, Ramos, Pires & Cia, Cia. Viação São Paulo-Mato Grosso, Cia. dos Fazendeiros de São Paulo, Cia. Antonio Mendes Campos Filho, Empresa José Giorgi, Colonização Martins e Cia Brasileira.

Dentre essas Companhias que atuaram na Alta Sorocabana, se sobressai a Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, fundada em 1919 por José Soares Marcondes.

## 3. Dinâmica Populacional de Anhumas

### População Rural, Urbana e Total do Município de Anhumas - 1960-2000

Período	Rural		Urbana		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1960	5858	88,0	810	12,0	6668	100,0
1970	4586	81,7	1023	18,3	5609	100,0
1980	1980	58,0	1438	42,0	3418	100,0
1991	1365	42,1	1879	57,9	3244	100,0
1996	924	29,5	2212	70,5	3136	100,0
2000	833	23,5	2691	76,5	3524	100,0

Fonte: FIBGE- Censos Demográficos da FIBGE- 1960, 1970, 1980 e 1991  
Contagem Populacional de 1996/2000.

A partir da análise da dinâmica populacional do município, no período de 1960 a 2000, constata-se que a população rural e total vem declinando a cada década (conforme os dados da FIBGE). Em 1960, o município contava com 6.668 habitantes, enquanto em 1996 foram registrados apenas 3.136 habitantes. Isto representa uma redução de 52,9 % da população total do município.

A população rural, perfazia em 1960, 5.858 habitantes, ao passo que em 1996, esta população foi reduzida a somente 924 habitantes, representando uma redução de 84,2%. Por outro lado, a população urbana que em 1960 perfazia 810 habitantes, passou a perfazer 2.212 habitantes em 1996, apresentando assim neste mesmo período uma ampliação de 173,0%.

No ano 2000 a população rural de Anhumas representa apenas 833 habitantes e a urbana 2691, num total de 3524. Comparando o período 1996 a 2000, houve uma redução de 9,8% de população residente na área rural e um aumento de 21,6% na área urbana. Embora no último período a população do município de Anhumas tenha aumentado 12,3%, em relação a 1996, ainda representa um decréscimo de 47,2% em relação a 1960, com redução constante da população rural.

Contudo o êxodo rural e o esvaziamento demográfico não ocorreram somente no município de Anhumas. De acordo com as informações da FIBGE, a Microrregião Geográfica de Presidente Prudente sofreu um amplo esvaziamento demográfico a partir dos anos 80.